UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GLAUCE DE OLIVEIRA ALVES

Marcas proverbiais em redações de vestibular

(Versão corrigida)

São Paulo
2013

GLAUCE DE OLIVEIRA ALVES

Marcas proverbiais em redações de vestibular

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A474m

Alves, Glauce de Oliveira

Marcas proverbiais em redações de vestibular /
Glauce de Oliveira Alves ; orientador Manoel Luiz
Gonçalves Corrêa. - São Paulo, 2013.
129 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. marcas proverbiais. 2. redação de vestibular.
3. relações intergenéricas. I. Corrêa, Manoel Luiz
Gonçalves, orient. II. Título.

Nome: ALVES, Glauce de Oliveira

Título: Marcas proverbiais em redações de vestibular

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Filologia e Língua Portuguesa do
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de mestre em
Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais Dirceu e Sandra
À minha irmã Greice

AGRADECIMENTOS

Ao professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, pela competência na orientação, pela amizade e pelo aprendizado em vários campos da vida;

À professora Dylia Lysardo-Dias, por contribuir com meus estudos desde minha Iniciação Científica, enviando-me seus textos, e pelas valiosas contribuições na banca de qualificação;

À professora Luciani Ester Tenani, pelo aprendizado metodológico e pelas preciosas considerações na banca de qualificação;

Aos professores João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Maria da Penha Casado Alves, pela disposição em discutir meu projeto de pesquisa, por ocasião da Missão de Estudos em Natal;

Ao grupo de pesquisa *Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna*, pelos momentos de reflexão e de estudo;

À FUVEST, por ceder o material de pesquisa;

À FAPESP, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa;

Ao CNPq, por financiar os seis primeiros meses de desenvolvimento desta pesquisa;

À CAPES, pelo financiamento da Missão de Estudos do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte;

À Caroline Theml Pinto, pela amizade, por me inspirar após nossos momentos de discussão e pela convivência durante a Missão de Estudos em Natal;

À Vanda Mari Trombetta, pela amizade, pela paciência e compreensão durante nosso convívio na Missão de Estudos em Natal;

À Carolina Nogueira Costa, pela amizade, pelos momentos de reflexão e pelo auxílio na tradução para o espanhol;

A meus amigos, por me apoiarem nesta etapa da vida;

A Dimas, pela compreensão, pelo apoio, pelo carinho e pelo auxílio na organização dos dados de pesquisa;

À minha irmã Greice, pela amizade, pela paciência, por me ouvir em meus momentos de aflição, pelas discussões calorosas e por traduzir meus resumos para o inglês;

Por fim, aos meus queridos pais Dirceu e Sandra, meus exemplos de vida, pela dedicação, pelo carinho e por proporcionarem condições para a realização dos meus estudos.

RESUMO

ALVES, G. de O. **Marcas proverbiais em redações de vestibular**. 2013. 129f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a realização do mecanismo das relações intergenéricas no emprego de marcas proverbiais — diferentes formas de apresentação do provérbio na qualidade de gênero do discurso — em redações de vestibular, a partir de estudo comparativo do funcionamento discursivo dessas marcas em dois conjuntos de textos, a saber: sessenta redações do vestibular da FUVEST/2006 (tema *Trabalho*) e sessenta redações do vestibular da FUVEST/2009 (tema *Fronteiras*), perfazendo o total de 120 textos. Nessas redações, foram reconhecidos os seguintes tipos de registro do provérbio a título de gênero do discurso, por mim denominados marcas proverbiais: (a) construção em que o provérbio aparece integralmente com o uso de aspas e/ou glosa; (b) construção em que o provérbio aparece de forma integral sem o uso de aspas nem de glosa; (c) enunciado organizado a partir da modificação da estrutura de um provérbio; (d) enunciado que alude ao sentido de um provérbio; e (e) construção que reproduz a estrutura de um enunciado proverbial. Sob um olhar enunciativo-discursivo, este trabalho se fundamenta, primordialmente, nos estudos do Círculo de Bakhtin, relacionados à perspectiva dialógica da linguagem e à teoria dos gêneros do discurso; em Maingueneau (1997, 2008b, 2010) em relação às suas considerações sobre as estratégias de captação e de subversão e sobre os aspectos da enunciação proverbial e; em Lysardo-Dias (2004), que compreende o provérbio como um gênero do discurso que se caracteriza pela inserção obrigatória em outro gênero. Os resultados desta pesquisa revelam que o funcionamento discursivo das marcas proverbiais resulta das relações intergenéricas. Esse mecanismo se constata não só pela inserção das marcas proverbiais na redação de vestibular, em que desempenham diversas funções argumentativas, mas também pelo fato de essas marcas apresentarem vestígios de outros gêneros nos quais o provérbio já se instalou. Num caso e no outro, esses vestígios são reconhecíveis tanto no conteúdo temático, quanto na construção composicional e no estilo do gênero. Contrariando a recomendação escolar de evitar o uso de expressões cristalizadas em redações de vestibular, os resultados se apresentam como contribuições para o ensino à medida que: (a) abrem a possibilidade de uma leitura de textos que permite compreendê-los como registros da dinamicidade dos gêneros do discurso; e (b) relativizam aquela recomendação escolar, tendo em vista que a qualidade do texto nem sempre está ligada à ausência de formas cristalizadas.

Palavras-chave: marcas proverbiais; redação de vestibular; relações intergenéricas.

ABSTRACT

ALVES, G. de O. **Proverbial brands in college entrance essays**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research to investigate the mechanism of intergeneric connections, in employment of proverbial brand - different ways of presenting the proverb as a discourse genre - in college entrance essays, from a comparative study of the discursive functioning of these brands into two sets of texts, namely: sixty essays of vestibular FUVEST/2006 (theme Labor) and sixty essays of vestibular FUVEST/2009 (theme Borders), totaling 120 texts. In these essays, were recognized following record types proverb as a discourse genre, for me called proverbial brands: (a) building where the proverb appears entirely with the use of quotation marks and/or gloss, (b) construction in which the proverb appears in full without using quotation marks nor gloss; (c) organized statement from the modification of the structure of a proverb; (d) utterance that alludes to the meaning of a proverb, and (e) construction that reproduces the structure of a proverbial utterance. Under a look enunciative-discursive, this work is based primarily on studies of the Bakhtin Circle, related to the dialogical perspective of language and the theory of speech genres, in Maingueneau (1997, 2008b, 2010) regarding his considerations on strategies for capture and subversion and on aspects of proverbial utterance and, in Lysardo-Dias (2004), who understands the proverb as a genre of discourse that is characterized by mandatory insertion into another genre. The results of this research reveal that the discursive functioning of proverbial brands results from the intergeneric connections. This mechanism turns out not only by the insertion of proverbial brands in writing entrance exam, where they play several argumentative functions, but also because these brands show traces of other genres in which the proverb has already been installed. In one case and in the other, these traces are recognizable both in thematic content, as in the compositional construction and the style of the genre. Contrary to the recommendation of school to avoid using expressions crystallized in college entrance essays, the results are presented as contributions to teaching as: (a) open the possibility of a reading of texts that allows to understand them as records of dynamicity of discourse genres; and (b) relativize that academic recommendation given that the text quality is not always linked to the absence of crystallized forms.

Keywords: proverbial brands; college entrance exam essay; intergeneric connections.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quantificação de redações por região e das marcas proverbiais em redações por região no material de 2006.....	41
Tabela 2 -	Quantificação de redações por região e das marcas proverbiais em redações por região no material de 2009.....	41
Tabela 3 -	Quantificação das marcas proverbiais no material de 2006.....	80
Tabela 4 -	Quantificação das marcas proverbiais no material de 2009.....	80
Tabela 5 -	Disposição das marcas proverbiais nas partes da construção composicional da redação de vestibular.....	83
Tabela 6 -	Quantificação da construção com aspas e/ou glosa quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular.....	88
Tabela 7 -	Quantificação da construção sem aspas nem glosa quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular.....	96
Tabela 8 -	Quantificação da construção modificada quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular.....	100
Tabela 9 -	Quantificação da alusão quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular.....	106
Tabela 10 -	Quantificação da construção semelhante quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular.....	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Categorias de marcas proverbiais.....	45
------------	---------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1- HETEROGENEIDADE DOS GÊNEROS DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DO PROVÉRBIO.....	16
1.1. A relação dialógica da linguagem e os gêneros do discurso	16
1.2. Provérbio como gênero do discurso	18
1.2.1. Uma definição de provérbio.....	18
1.2.2. O que há de peculiar na organização dos componentes do gênero do discurso no provérbio?.....	22
1.2.3. De que maneira o provérbio nasce como gênero do discurso?	26
1.2.4. A constituição cronotópica do provérbio.....	28
1.3. Modos particulares de apropriação do provérbio: a captação e a subversão	31
1.4. O provérbio como prática de letramento e a heterogeneidade das práticas sociais	32
1.5. Provérbio e aspectos de sua circulação.....	36
1.6. Como estudar o provérbio?.....	39
1.6.1. Constituição do <i>corpus</i>	39
1.6.2. Noções operatórias para análise	43
1.6.3. Forma de análise dos resultados.....	50
CAPÍTULO 2- CONSTATAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERGENÉRICAS NO EMPREGO DE MARCAS PROVERBIAIS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR	54
2.1. Marcas proverbiais características em redações de vestibular: relações cronotópicas e dados quantitativos	54
2.1.1. Provérbio integralmente constituído com aspas e/ou glosa e sem aspas nem glosa	55

2.1.2. Captação proverbial	58
(A) Formas de captação na relação com o gênero provérbio	58
(B) Vestígios de outros gêneros na captação proverbial	63
(a) Relação entre as marcas de captação proverbial e os gêneros que compõem a coletânea	63
(b) Relação das marcas de captação proverbial com outros gêneros	71
2.1.3. Relações cronotópicas nas marcas proverbiais: um exemplo ..	76
2.1.4. Contabilização das marcas proverbiais	79
2.2. O aspecto argumentativo das marcas proverbiais	81
2.2.1. As marcas proverbiais e a construção composicional da redação de vestibular	82
2.2.2. Construção com aspas e/ou glosa	88
2.2.3. Construção sem aspas nem glosa	95
2.2.4. Construção modificada	99
2.2.5. Alusão	105
2.2.6. Construção semelhante	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

Na África Negra, um exemplo de civilização oral, os provérbios são elementos constitutivos da “tradição viva” que regula uma comunidade e que sobrevive por meio da transmissão oral (BONVINI, 2001). Nas civilizações de oralidade secundária, ou seja, onde a escrita tem papel primordial, os provérbios não deixam de estar presentes nos mais variados gêneros do discurso, do diálogo cotidiano ao romance. Na tradição judaico-cristã, por exemplo, eles se realizam como sabedoria divina, através dos ensinamentos apresentados por Salomão no livro bíblico dos Provérbios.

Inúmeras são, portanto, as referências a provérbios na história da humanidade, o que, a meu ver, parece afirmar a incontestabilidade de sua importância em ambas as sociedades — de oralidade primária e de oralidade secundária. Entretanto, se por um lado, o emprego de provérbios é frequente por seus ensinamentos, por sua condição de organizador social ou por seu alcance retórico, dado seu potencial argumentativo, por outro lado, é estigmatizado devido à sua repetibilidade que, por vezes, é compreendida como falta de originalidade.

O último posicionamento é recorrente nas escolas e nos cursos pré-universitários, sobretudo, quando se trata da relação entre o provérbio e a redação de vestibular. Pelo medo do lugar-comum, instaurou-se o mito didático de que a originalidade é alcançada por meio da eliminação do uso de construções e de elementos considerados prejudiciais à redação de vestibular, a qual, então, conforme o que penso, passou a ser definida como o espaço do “não use”. Essa definição pode ser compreendida ao se observar extensas listas de manuais de redação, em que se reúne uma série de empregos que se acredita serem impróprios para uma redação de vestibular, por exemplo, o uso de enunciados cristalizados. Ao privilegiar a normatização dos gêneros do discurso, por meio de recomendações sobre o que se pensa não ser parte de sua constituição, sem se ater propriamente à qualidade daquilo que eventualmente possa constituí-lo, esse comportamento didático, frequente no ambiente escolar, acaba por pouco considerar o fato de que na produção escrita são reapresentadas, no enlace de diversas práticas sociais, feições de gêneros do discurso constituintes do convívio (direto ou mediado) de cada escrevente.

Ao realizar a leitura de redações de vestibular, chamou-me a atenção a ocorrência de provérbios nesses textos, precisamente, por contrariar as recomendações escolares apresentadas. Sendo assim, a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa consiste na contradição entre a ocorrência de provérbios na escrita de pré-universitários e as restrições apresentadas, de modo geral, por professores e por manuais de redação em relação ao uso de formas cristalizadas em redações de vestibular.

Em estudo anterior (ALVES, 2009), caracterizei, do ponto de vista discursivo, em sessenta redações do vestibular da FUVEST/2006 (tema *Trabalho*), o que denomino **marcas proverbiais**¹. Essa expressão foi cunhada para designar tanto o próprio provérbio quanto suas variações e abrange as seguintes manifestações encontradas no material analisado: (a) construção em que o provérbio aparece de maneira integral com o uso de aspas e/ou glosa; (b) construção em que o provérbio aparece integralmente sem o uso de aspas nem de glosa; (c) enunciado em que o provérbio se encontra estruturalmente modificado; (d) enunciado que alude ao sentido de um provérbio; e (e) construção que apresenta características estruturais semelhante à do provérbio. As marcas proverbiais são, portanto, diferentes formas de ocorrência do provérbio na qualidade de gênero do discurso nas redações de vestibular.

Para a presente pesquisa, além da retomada dessas sessenta redações sobre o tema *Trabalho*, adicionei sessenta redações do vestibular da FUVEST/2009 sobre o tema *Fronteiras*. Esse acréscimo foi feito depois que comprovei a presença de marcas proverbiais também nesse material. O objetivo dessa incorporação foi o de, a partir de estudo comparativo do funcionamento discursivo dessas marcas nos dois conjuntos de textos, investigar a realização do mecanismo das relações intergenéricas no emprego de marcas proverbiais em redações de vestibular. Esse trabalho se orienta, portanto, pela hipótese de que o funcionamento discursivo dessas marcas surge como comprovação do mecanismo das relações intergenéricas.

¹ A denominação “marca proverbial” foi adotada na tentativa de abarcar os diferentes tipos de ocorrências de provérbios reconhecidos nos textos. Agradeço ao professor Luis Passeggi por ter provocado em mim maior reflexão sobre problemas de nomenclatura. Questionei-me, por exemplo, sobre a escolha entre “expressão proverbial” e “marca proverbial”. Acabei por optar pela designação “marca proverbial”, uma vez que ela dá conta das diferenças entre as várias ocorrências encontradas, identificando-as, todas, com a mesma propriedade de destacabilidade que normalmente é atribuída ao provérbio.

Com o cotejamento proposto objetiva-se, também, analisar o espaço de (re-) significação criado quando o escrevente, a partir do tema proposto em situação de vestibular, recorre ao já-dito por meio de diferentes modos de dizer um provérbio; verificar quais tipos de marcas proverbiais são mais recorrentes, a fim de relacionar o resultado ao grau de relevância das orientações dos professores quanto ao uso de provérbios em redações de vestibular; investigar a relação entre marcas proverbiais e diferentes modos de argumentação, ou seja, as funções textuais das marcas proverbiais, bem como a função textual predominante de cada tipo de marca proverbial; e contribuir para o ensino de produção escrita, apresentando reflexões sobre o papel das recomendações dos professores quanto ao emprego de provérbios em redação de vestibular.

Do ponto de vista teórico, fundamento-me nos estudos da Teoria da Enunciação, sobretudo, os que se referem ao Círculo de Bakhtin, no que tange à concepção dialógica da linguagem, à teoria dos gêneros do discurso e à concepção de cronotopo. Além disso, valho-me dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, como os de Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2010, 2011), no que diz respeito aos aspectos da enunciação proverbial, às estratégias de captação e subversão e ao conceito de destacabilidade; e os de Lysardo-Dias (2004), em relação à constituição do provérbio como gênero do discurso.

Este trabalho está assim organizado: no primeiro capítulo, discuto as noções teóricas selecionadas, de modo a descrever o funcionamento discursivo do provérbio na qualidade de gênero do discurso. Nesse capítulo, apresento, ainda, o percurso metodológico deste trabalho. No segundo capítulo, apresento a análise das marcas proverbiais, a partir de dados comparativos do material de pesquisa, caracterizando seu funcionamento discursivo e suas funções textuais que decorrem desse funcionamento. Por fim, nas considerações finais, procuro apresentar contribuições para o ensino de produção escrita a partir dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

HETEROGENEIDADE DOS GÊNEROS DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DO PROVÉRBIO

1.1. A relação dialógica da linguagem e os gêneros do discurso

Este trabalho é norteado pela concepção dialógica da linguagem desenvolvida por de Bakhtin (2003). Segundo o autor, a linguagem se configura, no espaço de interação entre sujeitos, a partir da réplica a outros enunciados, os quais se definem em constante retomada da palavra alheia. Portanto, o que se caracteriza por dialógico, para Bakhtin e seu Círculo, não está restrito à interação verbal face a face e, portanto, à situação imediata de comunicação, mas remete ao universo sócio-histórico em que o sentido de um enunciado está vinculado a valores partilhados entre sujeitos no espaço e no tempo — o *presumido social* assim denominado por Voloshinov/Bakhtin (1926 – s/d) — não se esgotando em seu aspecto verbal.

Como forma de organização da linguagem, Bakhtin (2003) aponta que os enunciados em situação concreta de emprego se estruturam em gêneros, os quais se distinguem por sua circulação em determinada esfera de comunicação humana, alguns reconhecidos por sua aparência estereotipada e outros, por seu aspecto criativo e flexível. No entanto, revelar a existência de gêneros do discurso com estrutura padronizada não significa caracterizá-los por sua constante cristalização. O autor recusa, portanto, a concepção de gênero do discurso como um permanente engessamento formal e semântico. No panorama teórico instaurado pelo Círculo Bakhtiniano, mesmo gêneros de mais aparente estereotipia são caracterizados por sua relativa estabilidade.

A completa estagnação formal e semântica dos gêneros do discurso é problematizada ao se admitir que “um gênero novo se constitui a partir dos gêneros existentes; no interior de cada gênero se realizam as reagrupações dos

elementos dados em uma forma nova”² (BAKHTIN/MEDVEDEV, 1994, p. 222-223, tradução nossa). Essas reagrupações de elementos de outros gêneros permitem o surgimento de um novo gênero do discurso que, por um lado, apresenta uma organização que lhe é peculiar para que possa ser reconhecido como tal, o que corresponde a certa cristalização, e, por outro lado, apresenta traços característicos de outros gêneros que participam indissociavelmente de sua composição, o que lhe proporciona certa mobilidade estrutural e semântica. Dessa maneira, os gêneros também são concebidos como dialógicos.

A relação dialógica entre gêneros, contato inerente que se mostra como fator determinante para a relativa estabilidade dos gêneros, é constatada, também, por Bakhtin (2003), ao reconhecer o vínculo estabelecido entre gêneros primário e secundário, exemplificado pelo diálogo cotidiano no romance. A partir da interpretação do exemplo citado pelo autor, Corrêa (2006b) denomina de **relações intergenéricas** o mecanismo que determina que a constituição de um gênero é intrinsecamente relacionada à de outros gêneros, inerente tanto à sua gênese como a suas transformações. Questiona-se, pois, o reforço levado muitas vezes à escola de um engessamento formal dos gêneros, assumindo a existência de uma suposta pureza genérica. A desconsideração das relações intergenéricas como característica constitutiva de todo gênero leva, na maior parte dos casos, a interpretá-las somente como interferências indevidas (cf. CORRÊA, 2006b, p. 219).

Compreendo, portanto, que por meio do mecanismo das relações intergenéricas se atesta a heterogeneidade dos gêneros do discurso não pela variedade genérica, mas pela ausência de uniformidade em sua natureza, isto é, pelo trânsito por outros gêneros, constituídos em práticas sociais diversas.

Diante das considerações sobre a relação dialógica da linguagem e sobre o mecanismo das relações intergenéricas, restrinjo-me, a seguir, à caracterização do provérbio, gênero de interesse fundamental para esta pesquisa.

² Do original “Un género nuevo se constituye a partir de los géneros existentes; en el interior de cada género se llevan a cabo las reagrupaciones de los elementos dados en una forma nueva”.

1.2. Provérbio como gênero do discurso

A caracterização do provérbio, evidentemente sem qualquer pretensão normativa, compreende: a) a definição desse gênero; b) o detalhamento dos traços específicos de seus componentes; c) a investigação de sua realização como gênero do discurso; e, por fim, d) sua constituição cronotópica. Através dos subitens que compõem esta seção, realizo esse percurso de caracterização do provérbio.

1.2.1. Uma definição de provérbio

A busca pela conceituação do provérbio surge da necessidade de evitar um tratamento meramente intuitivo em seu reconhecimento. Entretanto, essa busca é para mim, de fato, uma tarefa um tanto desafiadora. No estudo de expressões consideradas cristalizadas, julgo arriscado, em certa medida, sobrepor seus aspectos estruturais aos discursivos, ou ainda, em alguns casos, proceder a um total esquecimento destes últimos, sem atentar para o fato de que, embora aparente apresentar forma e sentido autônomos, o provérbio significa somente dentro do discurso. Neste trabalho, a análise dos aspectos estruturais do provérbio não se esgota, portanto, nela mesma, mas encaminha o estudo para uma abordagem discursiva desse objeto.

Por um lado, a noção de provérbio pode ser vista de um ponto de vista linguístico. Segundo Corrêa (2013, p. 501), a língua se apresenta como “um estado de cristalização de sentidos historicamente produzidos no discurso” a qual é constituída, também, de expressões ditas cristalizadas, tais como provérbios, ditados, adágios, máximas, sentenças, pensamentos, entre outros. Sendo a língua a cristalização de sentidos produzidos no discurso, a noção de provérbio, pode, por outro lado, ser vista de um ponto de vista discursivo. A cristalização histórica dessas expressões se dá no campo do dizível e se relaciona ao fato de elas reapresentarem comportamentos ou fatos tomados como exemplo apoiando-se, por um lado, na aprovação social (valendo-se do lugar comum) e, por outro, no que seria a experimentação histórica de sua validade, o que,

paradoxalmente, significa sua validade atemporal (e, portanto, desistoricizada). Nesse sentido, essas expressões podem ser compreendidas como fórmulas estereotipadas, que na concepção de Bakhtin (Volochínov) surgem “quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias” (2010, p. 130).

Do ponto de vista formal, as expressões ditas cristalizadas são configuradas em enunciados de curta extensão que apresentam efeito de validade universal e atemporal e que, ao sintetizar orientações do viver, são compreendidas como “sabedoria das nações”. Esses enunciados podem ser constituídos de rimas, paralelismos e construções em duas ou mais partes, sendo elas de iguais ou aproximados números de sílabas poéticas. Podem ainda apresentar caráter definatório quando apresentam em sua composição o verbo “ser” ou alguma construção com sentido correspondente. Essas expressões consideradas cristalizadas compõem o que entendo como **provérbio na qualidade de gênero do discurso**. Em outras palavras, o provérbio, a meu ver, corresponde a um gênero do discurso que agrega essas diversas expressões ditas cristalizadas.

Esclareço, de início, que não pretendo distinguir cada uma dessas expressões, uma vez que, como mostro a seguir, parecem apresentar peculiaridades que mais aproximam essas expressões do que as afastam. Para constatar essa afirmação, tomo como base o verbete “provérbio” consultado em três dicionários digitais — iDicionário Aulete, Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e Dicionário do Aurélio Online³, respectivamente —, o que se observa, a seguir:

⁴ sm.

1. Dito ger. sucinto, rico em imagens, que expressa suposta sabedoria popular (p.ex.: **água mole em pedra dura, tanto bate até que fura**); DITADO

2. Rel. No Livro dos Provérbios, na Bíblia, pequena frase edificante, educativa ou supostamente cheia de sabedoria; MÁXIMA; PENSAMENTO [F.: Do lat. **proverbium**, ii. Hom./Par.: **proverbio** (fl. de **proverbiar**). Ideia de 'provérbio', usar antepos. **parami (o)**-.]

*

⁵ **Datação**

sXIV cf. FichIVPM

³ A preferência por esses dicionários se deve, em primeiro lugar, à sua disponibilidade em meio digital, o que facilita seu acesso e, em segundo lugar, a seu considerável número de consultas.

⁴ Disponível em:

<http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=prov%EA9rbio>. Acesso em: 20 Mai. 2012.

Acepções

■ substantivo masculino

1 frase curta, ger. De origem popular, freq. Com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral (p.ex.: *Deus ajuda a quem madruga*)

1 na Bíblia, pequena frase que visa aconselhar, educar, edificar; exortação, pensamento, máxima

Ex.: livro dos Provérbios

Etimologia

lat. *Proverbium*, r`provérbio, adágio, dito, ditado, rifão, máxima'; ver *verb(i/o)-*; f.hist. sXIV *rovérbio*, sXIV *prouerbio*, sXV *proberbio*

Sinônimos

ver sinonímia de *máxima*

Parônimos

rovérbio(fl.proverbiar)

Coletivos

paremiologia

*

⁶ s.m. Máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular; rifão, anexim, adágio [...] O rifão tem estilo vulgar, às vezes com termos baixos; o anexim, sentencioso, contém ironia ou chiste. O adágio, o rifão e o anexim são chamados pelo povo de ditados. Todas as línguas têm seus provérbios. Com frequência os mesmos provérbios com formas diferentes ocorrem entre muitos povos e em épocas diferentes. Às vezes, provérbios semelhantes têm a mesma origem. Em outros casos não têm provavelmente nenhuma conexão. A Bíblia contém um livro inteiro de provérbios. Estes provérbios são até hoje de uso comum, especialmente em países de maioria protestante.

Como se pode verificar, os três dicionários tratam as expressões ditas cristalizadas como sinônimas. Se, por um lado, essa designação poderia ser compreendida como um procedimento classificatório elementar, uma vez que não segregam essas expressões, por outro lado, seria um meio de demonstrar a percepção de que essas fórmulas apresentam características muito próximas em seus usos, tais como sua brevidade estrutural e seu vínculo com a sabedoria popular, conforme apresentadas nos verbetes. Ambas as suposições põem em questão, portanto, essa distinção.

Ainda no que tange a expressões cristalizadas, há uma distinção recorrente entre provérbio e ditado, como se pode observar na seguinte apreciação de Greimas (1975, p.290):

Por outro lado, parece-nos importante uma outra distinção: trata-se da separação de todos os elementos semiológicos em elementos *conotados ou não*. Entendemos por conotação a transferência do significado de um lugar semântico (onde ele se estabeleceria a partir do significante) para outro.

Os *provérbios* são elementos conotados (...)

Os *ditados*, pelo contrário, são elementos não conotados (...)

⁵ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=prov%E9rbio&stype=k>>. Acesso em: 20 Mai. 2012.

⁶ Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Proverbio.html>>. Acesso em: 30 Set. 2013.

No mesmo sentido desse autor, Reboul (1975) afirma que o ditado “é para ser tomado ao pé da letra” enquanto o provérbio “é mais ou menos metafórico, aplicável portanto a situações, não idênticas, mas semelhantes à que descreve; não é receita para agir, mas um preceito para pensar” (p. 142). Essa distinção tal como é feita por Greimas (1975) e por Reboul (1975), embora possa ser de grande proveito para alguns trabalhos⁷, pouco se torna produtiva nesta pesquisa, uma vez que, em meu material de análise, o recurso da conotação em marcas proverbiais não é realizado, excetuando apenas uma ocorrência.

O último questionamento que faço em relação à distinção das estruturas consideradas cristalizadas se refere à seguinte colocação de Reboul (1975, p.145):

As demais fórmulas – adágios, aforismos, apotegmas, máximas, sentenças – são, também elas, proposições concisas e marcantes, fechadas em si mesmas e de alcance didático. O adágio é preferentemente jurídico; o apotegma é médico ou psicológico; a máxima pertence sobretudo ao moralista, a sentença ao sábio, o aforismo ao filósofo. Todos enunciam um ensinamento concernente ao homem em geral. Seu sentido é inseparável de sua forma, que os faz repetíveis.
O que distingue essas fórmulas do provérbio é que elas são transmitidas pela escrita.

Reboul utiliza, basicamente, o critério da transmissão como modo de distinção das expressões consideradas cristalizadas. Entretanto, o autor desconsidera o fato de que o provérbio também pode transitar por gêneros do discurso escritos, como no caso dos provérbios bíblicos ou, até mesmo, dos provérbios que se apresentam nas redações de vestibular que compõem o material desta pesquisa. Além disso, o autor não leva em conta que outras expressões, diferentes daquelas que ele considera como provérbio, podem transitar por gêneros da oralidade, como em um diálogo do cotidiano. Dessa maneira, ao restringir o provérbio a práticas orais e outras expressões consideradas cristalizadas a práticas letradas, o autor desconsidera o funcionamento discursivo do provérbio a título de gênero do discurso, visto que esse funcionamento pressupõe o eventual envolvimento desse gênero tanto em práticas de oralidade como em práticas de letramento, o que apresento mais

⁷ Como exemplo, cito o trabalho de Lysardo-Dias (2001) em que a análise da parodização proverbial envolve a investigação do aspecto conotativo do provérbio.

adiante na seção 1.4. intitulada *O provérbio como prática de letramento e a heterogeneidade das práticas sociais*, que compõe este capítulo. Esclareço, então, que não pretendo discutir a gênese oral do provérbio, nem mesmo defendê-lo como um gênero tipicamente oral, tomando como base seu meio de transmissão⁸, uma vez que me interessa, primordialmente, analisar sua configuração discursiva. Portanto, na perspectiva assumida neste trabalho, é pouco oportuna a visão de Reboul sobre o critério de diferenciação dessas expressões ditas cristalizadas.

Diante dessas considerações, buscando a caracterização do provérbio entendido como gênero do discurso, detalho, a seguir, alguns traços característicos desse gênero.

1.2.2. O que há de peculiar na organização dos componentes do gênero do discurso no provérbio?

O provérbio, entendido como um gênero do discurso, compõe um conjunto de enunciados aforizantes a que Maingueneau (2008a; 2010; 2011) atribui o comportamento de se destacarem de um texto. No caso do provérbio, o autor o compreende como um enunciado destacado por natureza. Segundo o autor, o provérbio consiste em um tipo de aforização em que aquele que o profere assume autoridade, uma vez que, ao enunciar um provérbio, se posiciona como membro da instância responsável pelo enunciado proverbial, a “sabedoria popular”. O autor revela, portanto, o caráter polifônico da enunciação proverbial, compreendendo que a cada vez em que se profere um provérbio são resgatadas todas as outras enunciações proverbiais anteriores que reunidas constituem a voz da “sabedoria popular”. Nas palavras do autor:

Proferir um provérbio [...] significa fazer com que seja ouvida, por intermédio de sua própria voz, uma outra voz, a da “sabedoria popular”, à qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado [...] [...] a “sabedoria popular” é, na realidade, a própria comunidade dos locutores de uma língua, cada locutor é indiretamente um dos membros dessa instância. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 169-170)

⁸ Em trabalho anterior (ALVES, 2013), assumi o critério da transmissão para classificar o provérbio como prática essencialmente oral. Contudo, ao refletir sobre sua materialização em práticas letradas, percebi a inconsistência dessa proposição.

Dessa forma, a enunciação proverbial consiste sempre na retomada de uma voz outra, o que permite ao locutor, ao se apropriar dessa voz coletiva em busca de assegurar incontestabilidade àquilo que enuncia, uma locução que garante autoridade de saber em seu texto. Ainda no tocante à “sabedoria popular”, é importante expor que essa voz coletiva não se caracteriza pela unanimidade em defesa de uma verdade proverbial. Segundo Possenti (2009b, p. 152)

para a mesma “coletividade”, cheia de contradições, ora um provérbio vale (isto é, é enunciado), ora vale outro. Tanto há ocasiões para “Deus ajuda a quem cedo madruga”, quando importa, por exemplo, defender a relevância do trabalho duro, quanto [...] há para “Quem nasceu pra tostão não chega a cruzeiro”, quando se trata, ao contrário, de argumentar em favor da impossibilidade da alteração de determinada conjuntura — nem o trabalho duro a altera. Ora, a existência, na mesma coletividade, de provérbios que se contradizem atesta firmemente a polifonia e heterogeneidade, desde que não sejam entendidas apenas como os vários sentidos de enunciados que ecoam outros, mas efetivamente, como vozes em confronto, atestando as contradições das próprias coletividades, isto é, sua heterogeneidade.

Nesse sentido, a pureza da sabedoria popular é questionada ao considerar a existência de verdades proverbiais que se contradizem e que são utilizadas pela mesma coletividade, para a qual se deve atribuir, portanto, o caráter heterogêneo.

A natureza destacável do provérbio, como um tipo de enunciado aforizante, está relacionada, a meu ver, à organização de seus componentes do gênero do discurso. Esses componentes, conforme Bakhtin (2003), equivalem ao conteúdo temático, à estrutura composicional e ao estilo.

O primeiro aspecto do provérbio como gênero do discurso que abordo se refere ao conteúdo temático. Segundo Bakhtin/Medvedev (1994), o tema não expressa meramente a reunião dos significados de elementos linguísticos. Sendo transcendente à língua, no gênero do discurso, ele se concretiza como um “enunciado completo enquanto ato sócio-histórico determinado”⁹, ao resgatar, também, seu lugar na vida (BAKHTIN/MEDVEDEV, 1994, p. 211-212). Compreendo, portanto, que o conteúdo temático do provérbio corresponde à verdade proverbial que é apresentada a cada enunciação, já que essa verdade recupera acontecimentos e comportamentos que, pela validação social

⁹ Do original “enunciado completo en cuanto acto sociohistórico determinado.”

proporcionada através da experiência histórica, tornam-se modelo para regulação do viver, ou seja, reapresentam aquilo que é do campo do vivido, transportando-o ao campo do dizível, da linguagem.

Uma vez que se coloca como orientação do viver, a verdade proverbial corresponde sempre a uma afirmação que se pretende universal e atemporal. Essa tendência à universalidade e à atemporalidade da verdade proverbial é assegurada pela seleção lexical e gramatical, ou seja, pelo estilo do gênero, segundo aspecto abordado. Como recurso estilístico de pretensão universal, são recorrentes o emprego do artigo definido no papel de quantificador universal ou a ausência de determinante para o substantivo, como ocorre, respectivamente em *o trabalho dignifica o homem* e em *tempo é dinheiro*. Quanto à pretensão atemporal do provérbio, ela é produzida pela ausência de marcadores temporais na estrutura proverbial, provocando o efeito de eternalização da validade da verdade proverbial. Esses recursos lexicais apresentam, portanto, potencial generalizante, que equivale a uma tentativa de legitimar como universal e atemporal a verdade propagada pelo enunciado proverbial. Além disso, do ponto de vista estilístico, pode caracterizar o provérbio a seleção gramatical que privilegia a predicação de caráter definitório em estruturas sintáticas concisas, como se pode verificar, por exemplo, em *o trabalho é inerente ao homem* e em *a amizade é o bem mais precioso que existe*.

No que tange à construção composicional, terceiro aspecto explorado, o provérbio se apresenta como um enunciado de curta extensão, podendo ser constituído de uma estrutura, por vezes, paralelística que, condicionada a um ritmo¹⁰, pode ser dividida em duas (construção binária) ou mais partes com igual ou aproximado número de sílabas poéticas. Nesse tipo de estrutura geralmente se confrontam dois enunciados ou partes de um único enunciado que se combinam para construírem uma definição apresentada como indiscutível, o que pode ser observado em *trabalho de uns, riqueza de outros* e em *humanos são humanos, seja aqui, seja na China*. O provérbio do primeiro exemplo apresenta construção binária e paralelística com cinco sílabas poéticas em ambas as partes do enunciado:

¹⁰ Neste trabalho, entre os aspectos rítmicos, explorarei apenas os que se referem à métrica.

1	2	3	4	5	
tra-	ba-	lho-	de-	UNS	
ri-	que-	za-	de-	OU-	(tros)

No segundo exemplo, a construção do enunciado proverbial está dividida em três partes, sendo a primeira de maior extensão composta por seis sílabas poéticas e as outras duas mais breves compostas respectivamente, por três sílabas poéticas e por quatro sílabas poéticas¹¹:

1	2	3	4	5	6	
hu-	ma-	nos-	são-	hu-	MA-	(nos)
se-	ja a-	QUI				
se-	ja-	na-	CHI-	(na)		

Outra característica que pode ser encontrada na estrutura de um provérbio se refere ao emprego de rimas ao término de cada uma das partes de sua construção, na qualidade de recurso estilístico que facilita a memorização do enunciado proverbial, como ocorre, por exemplo, em *quem canta seus males espanta*¹².

Dessas caracterizações, vale destacar que a presença de alguns aspectos, tais como ritmo, rima, construções com igual ou aproximado número de sílabas poéticas, na estrutura do enunciado proverbial mostram nitidamente o diálogo estabelecido entre o provérbio e outros gêneros do discurso organizados em verso, como o poema. Diante desse fato, compreendo que as relações intergenéricas são reconhecidas tão-somente na comunicação entre os componentes de gêneros do discurso distintos.

Conforme expus neste subitem, a organização dos componentes do gênero do discurso no provérbio é bastante diversificada. Além disso, mostrei que, por meio desses componentes, revelam-se, em qualquer gênero, associações com outros. A partir dessas associações, mas de modo particular, é que o provérbio se realiza como gênero do discurso, o que apresento no subitem seguinte.

¹¹ Ao recorrer a aspectos do texto em verso para a caracterização de traços formais do provérbio, baseio-me em GOLDSTEIN (1987).

¹² Neste momento do trabalho, interessa-me expor algumas características formais do provérbio que se referem à sua estrutura composicional e seu estilo, entretanto, sem a intenção de analisar cada um dos exemplos. Para uma análise dos componentes do provérbio, cf. o capítulo 2 deste trabalho.

1.2.3. De que maneira o provérbio nasce como gênero do discurso?

Como já foi apresentado no início deste capítulo, todo gênero do discurso é fruto das relações intergenéricas, por isso em cada gênero podem ser reconhecidos traços de outros gêneros do discurso. Entretanto, quando o gênero em questão é o provérbio, esse mecanismo é particularizado: se, por um lado, o provérbio é composto por vestígios de outros gêneros, por outro lado, ele é obrigatoriamente elemento constitutivo da construção composicional de outro gênero do discurso.

Para desenvolver essa afirmação, valho-me do estudo de Lysardo-Dias (2004). Ao assumir o provérbio como um gênero do discurso¹³, a autora anuncia as características do funcionamento discursivo do provérbio, cuja configuração se estabelece da seguinte forma: inserção obrigatória em outro gênero, o que lhe possibilita a construção de seu sentido em cada situação de uso, para que, assim, se faça possível seu funcionamento discursivo. Desse modo, o provérbio só se torna gênero, segundo a autora, quando é introduzido em outro.

Sobre a consideração da autora, destaca-se, ainda, o fato de a construção de sentido do provérbio estar vinculada à sua relação com outro gênero. Se por um lado, não se pode negar que cada provérbio carrega consigo sentidos edificadas a partir da história de seus usos, por outro lado, é possível afirmar que sua introdução em outro gênero faz com que o provérbio tome uma nova significação. Por mais que ele aparente apresentar um valor semântico estabilizado, “o quadro situacional no qual está inserido será específico, o que lhe garante um impacto único” (LYSARDO-DIAS, 2004, p. 143), ou seja, garante-lhe uma renovação de sentido em cada nova atualização. A exemplo do que a autora propõe, pode-se dizer que só a partir do estabelecimento de uma relação intergenérica é que a forma cristalizada de fato se consuma como provérbio, na qualidade de gênero do discurso. Nesse novo estatuto, sua cristalização é posta à prova a cada vez que a forma é utilizada, pois, embora sempre reste algo que

¹³ A autora utiliza a nomenclatura “gênero proverbial”. Maingueneau, por exemplo, oscila em relação à compreensão desse saber como um gênero do discurso. Em seu estudo intitulado *Enunciados sem Texto?* (2010) concebe o provérbio como uma “forma proverbial” ou como um “microgênero”, enquanto em *Polifonia, Provérbio e Desvio* (2010 [1984]), o considera como um gênero. Assumo, neste trabalho, o provérbio como um gênero do discurso cujo funcionamento discursivo e cuja composição reservam peculiaridades, para as quais aponta Lysardo-Dias (2004).

indicie a sua existência, já não se pode mais fiar-se numa cristalização dos seus sentidos.

Essa dualidade reforça a afirmação, no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa, de que não se pode atribuir o caráter de mera reprodução ao já-enunciado. Nesses termos, segundo Pêcheux (2010), a memória discursiva recupera os pré-construídos de outros discursos para a compreensão do dizer, que se constitui, ao mesmo tempo, da inovação como acontecimento discursivo. Essa novidade cria na memória discursiva “o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”” (PÊCHEUX, 2010, p.53), fazendo com que o já-dito não seja sempre “o mesmo”. Como resultado, ocorre o “choque do acontecimento” provocado na memória: o jogo entre a retomada do já-dito – a significação – e a novidade do acontecimento discursivo – a ressignificação (ou, se assim posso chamar, a nova significação) – que se fundamenta no “modo singular de sua inscrição numa dada memória” (CORRÊA, 2006a, p. 284). Sendo assim, o caráter polifônico atribuído à enunciação proverbial consiste na retomada das enunciações proverbiais anteriores (MAINGUENEAU, 2008b, p. 169), como transbordamento do já-dito, contudo sem fazer com que o provérbio recuperado seja, discursivamente, igual aos anteriores, trazendo a novidade do acontecimento discursivo.

Ao reconhecer, a partir dos estudos de Lysardo-Dias (2004), que, no discurso, o provérbio constitui sempre a construção composicional de outro gênero para se concretizar como gênero, gostaria de apontar um aspecto importante que se interpreta das relações intergenéricas estabelecidas no emprego de provérbio. Refere-se à condição de que a apropriação de um provérbio por um dado gênero é a apropriação da existência prévia do provérbio em sua necessária relação com um outro gênero, fato que complexifica o cruzamento intergenérico no seu processo de apropriação: por um lado, ele se integrará a relações intergenéricas particulares do gênero receptáculo atual; por outro, ele trará consigo pelo menos uma relação intergenérica a partir da qual garantiu sua existência antes desse novo uso¹⁴. Destaco, assim, a variedade de formulação do provérbio, tendência favorecida pelas relações intergenéricas do gênero receptáculo, o que evidencia, formalmente, a constituição intergenérica, portanto, heterogênea do provérbio, de onde, segundo o que penso, provém, também, sua dinamicidade estrutural.

¹⁴ Devo essa formulação ao orientador desta pesquisa, a quem agradeço.

Para finalizar a discussão sobre a gênese do provérbio como gênero do discurso, apresento um questionamento sobre a afirmação que fiz no começo deste subitem: se é fato que o provérbio compõe obrigatoriamente a construção composicional de outro gênero, quais seriam seus gêneros receptáculos? Segundo Bakhtin (2003), cada gênero do discurso, como enunciado concreto, está vinculado a uma esfera de comunicação humana específica. Entretanto, no caso do provérbio, a meu ver, sua circulação não se restringe exclusivamente a uma esfera. O provérbio está presente nas mais variadas esferas de comunicação humana, o que se comprova ao compreender que

aquilo a que chamamos provérbio ou ditado existe, ao que parece, em todas as camadas de um povo, em todas as suas classes, em todos os seus meios: nos mais baixos, nas camadas intermediárias, entre camponeses, artesãos, letrados e sábios. (JOLLES, 1930, p.131)

Dito de outro modo, considerar a existência do provérbio em todas as camadas do povo, significa, em primeiro lugar, recusar o estrato social como fator limitante para o emprego do provérbio, e, em segundo lugar, compreender o seu envolvimento com inumeráveis esferas da vida social. Nesse sentido, o provérbio transita pela construção composicional dos mais variados gêneros do discurso, cuja quantidade inesgotável se relaciona à diversidade de esferas de comunicação humana em que são elaborados.

Neste subitem, verifiquei uma particularização no mecanismo das relações intergenéricas no que tange à gênese do provérbio como gênero do discurso: além de sua realização estar subordinada ao resgate de traços de outros gêneros, ela se vincula à participação obrigatória do provérbio na construção composicional de um gênero receptáculo. A inserção do provérbio em outro gênero do discurso se revela, também, como condição para a constituição cronotópica desse gênero, o que verifico no subitem seguinte.

1.2.4. A constituição cronotópica do provérbio

Bakhtin (2010), fundamentando-se na teoria da relatividade de Einstein, desenvolve a noção de cronotopo como sendo a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (p.

211). Segundo Bakhtin (2010), uma obra apresenta vários cronotopos que dialogam entre si:

Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. Estas inter-relações entre cronotopos já não podem surgir em nenhum dos cronotopos isolados que se inter-relacionam. O seu caráter geral é *dialógico* (na concepção ampla do termo). (p. 357)

Entretanto, o autor afirma que as relações dialógicas entre cronotopos não se realizam no mundo concebido dentro da obra, mas em seu exterior, ou seja, no mundo do criador da obra e de seus interlocutores, mundo este constituído também cronotopicamente. Dito de outro modo, embora os cronotopos estejam presentes em uma obra, essas relações dialógicas podem ser estabelecidas tão-somente fora dela, uma vez que os cronotopos nela reapresentados são frutos de uma construção sócio-histórica na vida humana.

Ao considerar que Bakhtin (2003) trata de gêneros do discurso concernentes a outras esferas de atividade humana, Alves (2012) compreende que a concepção de cronotopo pode se estender para além dos gêneros literários. Tomando o partido do entendimento da autora, que julgo oportuno, aproprio-me do conceito de cronotopo, particularizando-o para o estudo do provérbio.

Quando a constituição cronotópica em questão é a do provérbio, de início, uma problematização deve ser estabelecida: refere-se ao caráter universal e atemporal geralmente atribuído à verdade proverbial. O fato é que a universalidade e a atemporalidade se contrapõem à própria noção de cronotopo, já que pressupõem um acontecimento fora do domínio do espaço e do tempo. Como mostrei em subitem anterior, recursos estilísticos empregados na construção composicional do provérbio proporcionam à verdade proverbial efeitos de universalidade e de atemporalidade. Entretanto, esses efeitos, em hipótese alguma, se concretizam como parte da realidade, já que a verdade proverbial, entendida como conteúdo temático do provérbio, é sempre uma criação elaborada social e historicamente, ou seja, no espaço e no tempo. Portanto, há sempre cronotopos que, por sua especificação temática (mas também em sua inserção em uma construção composicional segundo um dado estilo) se tornam possíveis em uma verdade proverbial.

Considero que o provérbio, em sua construção isolada, apresenta constituição espaço-temporal representada pelo efeito de alcance universal e atemporal, o qual, na realidade, deve ser compreendido como equivalente às realizações cronotópicas particulares. Seu caráter universal e atemporal constitui, portanto, a condição que lhe permite transitar por diferentes gêneros, condição determinada por caracterizar-se, em sua construção isolada, pelo que chamo de *cronotopo geral*. Contudo, ao ser inserido em outro gênero, quando, de fato, também se torna um, ele se apropria da constituição cronotópica do gênero em que se introduz – o que produz um *cronotopo particular*. A constituição cronotópica do provérbio deriva, portanto, do mecanismo das relações intergenéricas: a cada situação de emprego, esse gênero sofre uma nova definição cronotópica. Por um lado, o provérbio se apropria da nova configuração cronotópica do gênero receptáculo, o que particulariza seu sentido para essa nova configuração, por outro lado, o gênero receptáculo, ao emprestar um cronotopo ao provérbio passa a contar com um efeito de sentido de verdade universal e atemporal, o que pode constituir-se como fundamento para a argumentação desenvolvida no texto.

Para finalizar a discussão sobre a constituição cronotópica do provérbio, apresento uma reflexão sobre outra consideração de Bakhtin (2010) no que se refere ao cronotopo. Segundo o autor, o cronotopo define a imagem do sujeito na literatura; “essa imagem sempre é fundamentalmente cronotópica” (BAKHTIN, 2010, p. 212). No caso do provérbio, considero que a imagem do sujeito se revela nos cronotopos atribuídos ao provérbio em seu uso efetivo, o que se relaciona ao fato de que, dentre os cronotopos possíveis na história de uma verdade proverbial, há aqueles que serão selecionados por quem empregar o provérbio. Essa seleção vincula-se a práticas sociais em que, de forma direta ou mediada, o sujeito está envolvido. Sendo assim, os cronotopos reapresentados no provérbio são cronotopos reais que denunciam a relação do sujeito com determinadas práticas sociais, através da qual se torna possível reconhecer a imagem do sujeito, resultado de uma experiência sócio-histórica.

Neste subitem, verifiquei que a constituição cronotópica no provérbio se realiza por meio das relações intergenéricas. Outro modo de constatação das relações entre gêneros do discurso que pode ser observado no emprego do provérbio se refere à captação e à subversão proverbial, o que discutirei na seção seguinte deste capítulo.

1.3. Modos particulares de apropriação do provérbio: a captação e a subversão

Não compreendo apenas a inserção do provérbio em sua forma integral em outro gênero como um meio de constatação do mecanismo de relações intergenéricas, mas também, o emprego de dois modos particulares de apropriação do provérbio: a captação e a subversão. Segundo Mainqueneau (1997; 2008b; 2010), esses processos de apropriação são aplicáveis tanto à estrutura de um provérbio particular quanto ao gênero em si: a captação consiste na modificação ou imitação de um provérbio, buscando conservar suas características ou as do gênero e a subversão se refere à reprodução proverbial que busca desvirtuar o provérbio de origem ou o gênero.

A captação e a subversão se mostram, portanto, como procedimentos que comprovam as relações intergenéricas, em primeiro lugar, por serem elaborados a partir de um provérbio ou das características desse gênero; em segundo lugar, por guardarem em sua constituição vestígios de outros gêneros do discurso; e, finalmente, por participarem obrigatoriamente da construção composicional de outro gênero.

É importante antecipar que, no material de análise desta pesquisa, comprovei apenas a presença da captação proverbial. Foram levantadas as seguintes hipóteses para a ausência de subversão do provérbio nas redações analisadas:

a) a de o escrevente, possivelmente, acreditar que a subversão de um provérbio não cabe à redação de vestibular, um gênero que, para ele, não comportaria o emprego de elementos transgressivos¹⁵;

b) a de o escrevente se valer de uma verdade proverbial já existente, sem necessitar recorrer a uma estrutura cristalizada, acreditando estar atendendo às orientações de professores de não utilizar frases cristalizadas em redações de vestibular; e

c) a de, particularizando o exposto no item (a) acima, o escrevente buscar não se contrapor a concepções apresentadas na coletânea nem de domínio comum¹⁶, pois acredita que isso prejudicará o seu desempenho na avaliação.

¹⁵ Agradeço ao professor Luiz André Neves Brito por sua contribuição no desenvolvimento dessa hipótese.

Neste subitem, apresentei dois modos particulares de apropriação do provérbio que se referem aos processos de captação e de subversão. Esses processos comprovam a heterogeneidade formal e semântica do provérbio proporcionada pelo trânsito por outros gêneros que podem se originar de diversas práticas sociais. Esse trânsito realizado pelo provérbio torna possível considerá-lo como prática de letramento, o que desenvolvo na seção seguinte.

1.4. O provérbio como prática de letramento e a heterogeneidade das práticas sociais

Compreender o provérbio como prática de letramento envolve, em primeiro lugar, a consideração de seu caráter “migratório” (LYSARDO-DIAS, 2004), conforme já apresentado neste trabalho, e, em segundo lugar, a assunção de uma concepção de letramento que engloba diferentes práticas sociais. No entanto, como se sabe, são várias as abordagens referentes ao conceito de letramento, motivo pelo qual inicio esta seção desenvolvendo apreciações relacionadas aos estudos desse tema, para, então, apresentar considerações em defesa do provérbio como prática de letramento.

Segundo Kleiman (1995), a concepção de letramento começou a ocupar espaço nos estudos da linguagem com a intenção de distingui-la da noção de alfabetização, atividade que compreende o ensino da leitura e da escrita. Além disso, o conceito de letramento também se confundia com a reunião das capacidades e competências cognitivas relacionadas ao desenvolvimento individual das atividades de leitura e escrita, conceito denominado alfabetismos (cf. ROJO¹⁶, 2009). Contrariamente a essas duas noções, a de letramento não se refere ao conjunto de habilidades de um indivíduo, mas a práticas coletivas, portanto, imensurável, diferentemente dos alfabetismos.

Nesse campo, são de grande importância os escritos de Street (2004), os quais iniciam os Novos Estudos do Letramento (NEL), em que me baseio. Essa

¹⁶ Isso parece ocorrer, sobretudo, no material de 2006. As marcas proverbiais que nele aparecem, em sua maioria, são constituídas de noções sobre o trabalho que adotam um diálogo convergente com algumas concepções presentes em textos da coletânea da proposta.

¹⁷ Agradeço à professora Roxane Rojo pelas contribuições dadas por ocasião da disciplina *Introdução aos Estudos do Letramento*, ministrada por ela no primeiro semestre de 2012.

abordagem se posiciona em defesa de um modelo que compreenda a diversidade das práticas letradas. Denominada modelo ideológico de letramento, essa perspectiva reconhece “as práticas letradas como algo inextricavelmente ligado às estruturas culturais e de poder da sociedade”¹⁸ (STREET, 2004, p. 88, tradução nossa), variando de um ambiente social a outro.

Diante da multiplicidade de letramentos existentes, o autor concebe a noção de “letramentos”, no plural, abarcando tanto as formas dominantes, agenciadas, principalmente, pela escola, quanto às não-dominantes, advindas de outras esferas sociais.

Esses estudos surgem em contraposição ao modelo autônomo de letramento, que associa a escrita a um modo de se alcançar a civilização e o progresso, sustentando a divisa entre o oral e o escrito como forma de hierarquizar culturas e sujeitos. No entanto, Street propõe que práticas orais e escritas não sejam estudadas separadamente, mas segundo seus contatos em contextos específicos. Assim, o que diferenciaria as culturas seriam as diversas maneiras de “misturar” essas práticas e não o seu estado de apropriação da escrita. Embora não anuncie o vínculo intrínseco entre práticas orais e letradas, os estudos de Street permitem compreender que as práticas de letramento pressupõem diversidade de culturas e de outros tipos de prática.

A partir dos estudos desse autor, Rojo (2009) conceitua letramento como o termo que designa “usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos” (ROJO, 2009 p. 98). No entanto, se, por um lado, essa concepção, ao considerar as múltiplas práticas de letramento, não exclui as práticas marginalizadas e considera que a participação nas práticas letradas não se restringe a indivíduos alfabetizados, por outro, restringe o letramento a práticas que tomam como parâmetro somente a escrita alfabética. A essa abordagem, Corrêa (2001) denomina “sentido restrito” de letramento.

Para uma noção ampla de letramento, valho-me da perspectiva proposta por Corrêa (2001; 2010) que considera “escrita” não apenas em sua configuração alfabética, mas também em suas “formas embrionárias”, tais como gestos e desenhos. Ao considerar diversos modos de realização da escrita, a

¹⁸ Do original “las prácticas letradas como algo inextricablemente ligado a las estructuras culturales y de poder de la sociedad”.

concepção de letramento defendida pelo autor não exclui a possibilidade de haver práticas letradas em sociedades ágrafas. Além disso, para o autor, letramento não se limita a uma relação direta ou indireta a qualquer tipo de escrita. Em seu “sentido amplo”, letramento também

(...) liga-se ao caráter escritural de certas práticas, presente mesmo em comunidades classificadas como de oralidade primária (aquelas que não tiveram contato algum com a escrita tal como a conhecemos). Esse tipo de registro que aparece nas práticas orais apresenta um caráter de permanência no tempo semelhante ao que normalmente se atribui à escrita. (CORRÊA, 2001, p. 137)

Em outro estudo, fundamentando-se em Street no que se refere à ênfase dada à existência da mescla entre o falado e o escrito, Corrêa (2001) interpreta essa mescla como uma condição constitutiva da escrita: a de se caracterizar pela heterogeneidade. No tocante à relação falado/escrito, o autor se distancia da abordagem que a assume como uma manifestação da heterogeneidade “na” escrita e, portanto, como uma suposta interferência do oral no escrito. Defende a heterogeneidade como própria “da” escrita, fazendo parte, portanto, de sua constituição. A concepção de heterogeneidade da escrita difere, a meu ver, inclusive da ideia de mescla, visto que esta evidencia a existência de fontes puras que se misturam, considerando a possibilidade de um resgate da gênese das práticas, enquanto aquela nega a uniformidade da natureza da escrita, que se revela no seu contato intrínseco com práticas orais.

À relação constitutiva entre os fatos linguísticos do falado e do escrito, Corrêa (2004) vincula a relação constitutiva entre as práticas sociais da oralidade e do letramento. Nesse sentido, juntamente com o autor, assumo a heterogeneidade das práticas sociais que assim se revelam nos gêneros do discurso, em oposição à organização dos gêneros (chamados “textuais”) em um *continuum* em que as práticas orais e letradas são apresentadas em proximidade ou distanciamento gradativo (cf. MARCUSCHI, 2001, p. 42-46).

Em outra perspectiva, García-Canclini (2003) apresenta o termo “hibridação”, em relação ao qual retomo a mesma ressalva feita a propósito da ideia de mescla. O autor privilegia a análise do espaço da modernidade e da pós-modernidade como cenário visível do processo de hibridação. Ele propõe que seja desfeita a divisão entre cultura culta, popular e de massa, uma vez que o contexto moderno e pós-moderno foram progressivamente marcados por esse

processo de hibridação. Parte-se do pressuposto de que esse processo não se desenvolve de modo neutro nem passivo, atingindo diferentes estratos sociais que dele se apropriam em benefício próprio. Ele não se restringe, portanto, ao contexto religioso ou étnico, mas compreende práticas socioculturais mais amplas. Sendo assim, o espaço urbano, aliado às novas tecnologias e ao multiculturalismo, teria propiciado o encontro e a mistura de práticas e culturas que outrora eram consideradas distintas. Nas palavras do autor:

As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das "grandes obras", ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção. (GARCÍA-CANCLINI, 2003, p. 304)

Embora reconheça a importância dos estudos do autor por suas reflexões sobre a noção de hibridação, uma vez que não propõe níveis entre estado de culturas e de práticas, sendo, desse modo, uma entrada para a concepção de heterogeneidade, entendo que a noção de hibridação, no mesmo sentido que o de mescla ou mistura, produz, como resíduo, culturas e práticas em estado de pureza, as quais, em dado momento, encontram-se para se tornarem, assim, híbridas. Em seu prefácio, escrito em 2001, para a segunda edição da obra *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, embora seja possível perceber uma busca pela reparação dessa noção de pureza no conceito de hibridação que cito a seguir, ainda se subentende um ponto de origem em sua existência separada, o que sugere a ideia de participação numa nova composição e não de constituição sempre heterogênea das práticas e das culturas. No trecho seguinte, pode-se, portanto, ler a ideia de participação (e não de heterogeneidade), mesmo com a ressalva de que as estruturas discretas são resultantes de outros processos de hibridação:

Parto de uma primeira definição: "entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (GARCÍA-CANCLINI, 2003, p. XIX)

Pelas razões apresentadas, opto, portanto, pelo emprego da noção de “heterogeneidade”. Precisamente por assumir a heterogeneidade das práticas em sua constituição, lembro, de início, que não é preocupação deste trabalho investigar a gênese oral do provérbio nem mesmo defendê-lo como um gênero unicamente oral, tomando como base seu meio de transmissão, uma vez que me interessa, primordialmente, analisá-lo a partir de sua configuração discursiva.

Refletindo sobre a abordagem de Lysardo-Dias (2004) em relação ao provérbio como gênero, foi possível reconhecer que, no discurso, o provérbio é sempre fragmento de outro gênero e somente pode ser gênero mediante essa condição. Revela-se, assim, um mecanismo intergenérico particular da constituição do provérbio a título de gênero: na incorporação em outro gênero, apropriando-se do tipo de prática de que se constitui o gênero que o acolhe, o provérbio se realiza na qualidade de um correlato de linguagem de uma prática social que pode ser oral ou letrada. Nesse sentido, defendo como critério de delimitação do tipo de prática que constitui o provérbio como gênero não seu modo de transmissão ou sua suposta origem, mas as características discursivas do gênero em que se insere, relativizando-se, então, a suposta constituição genuinamente oral desse gênero. Considerado o pertencimento do material às produções da escrita alfabética, restringindo-se, portanto, a uma prática de letramento em seu sentido restrito, nesta pesquisa, o provérbio, na qualidade de gênero, se constitui como prática de letramento (também em seu sentido restrito).

Na realização discursiva do provérbio, isto é, na qualidade de gênero do discurso, faz-se visível sua natureza heterogênea. Por um lado, devido à necessidade de um gênero-receptáculo, transitando, assim, por práticas sociais distintas, orais ou letradas; por outro, devido a seu contato inerente com outros gêneros, o que evidencia sua formulação de relativa estabilidade (BAKHTIN, 2003) — fator constitutivo de todos os gêneros.

1.5. Provérbio e aspectos de sua circulação

Para a retórica, na perspectiva de Aristóteles, o lugar-comum é um recurso argumentativo aplicável a qualquer ciência, exatamente por não estar

subordinado a nenhuma (PERELMAN; OLBECHTS-TYTECA, 1996, p.94). Seu uso está relacionado à fundamentação de valores ou ainda à intensificação da adesão provocada por eles. Essa perspectiva considera que, por seu caráter generalizante, o lugar-comum apresenta a peculiaridade de ser utilizável em todas as situações. Entretanto, atualmente, a compreensão dessa concepção diverge da dos antigos:

Os lugares-comuns de nossos dias se caracterizam por uma banalidade que não exclui de modo algum a especificidade. Tais lugares-comuns não são, a bem dizer, senão uma aplicação dos lugares-comuns, no sentido aristotélico, a temas particulares. Mas, como essa aplicação é feita a um tema tratado com frequência, que se desenvolve numa certa ordem, com conexões previstas entre lugares, agora só se pensa em sua banalidade, ignorando-lhes o valor argumentativo. Isso a tal ponto, que se tende a esquecer que os lugares formam um arsenal indispensável, do qual, de um modo ou outro, quem quer persuadir outrem deverá lançar mão. (PERELMAN; OLBECHTS-TYTECA, 1996, p.95)

Como se pode perceber, a importância dada ao caráter persuasivo do lugar-comum foi substituída pela implantação da banalidade como caracterização desse recurso argumentativo.

Esse último posicionamento não deixa de ser frequente no âmbito escolar, no que tange à abordagem de expressões ditas cristalizadas como o provérbio. A escola considera essas expressões lugares-comuns por interpretarem seu uso como falta de originalidade, por isso, para a maioria dos professores, torna-se um tanto arriscado trabalhar com provérbios, principalmente, quando o outro gênero em questão é uma redação de vestibular. Em função do mito didático introduzido pelo medo do lugar-comum e por outros aspectos que se julgam prejudiciais ao texto, à redação de vestibular elegeu-se o estatuto simbólico do que se pode denominar de o “não use”, uma vez que geralmente aplica-se como critério de sua definição o que se acredita não poder integrá-la. É entendido, por exemplo, como um texto em que não se deve usar primeira pessoa do singular, frases cristalizadas, gírias, entre outros elementos enumerados em incansáveis listas de manuais de redação.

A exemplo disso, em muitos sites de fundo educativo, circulam essas listas de recomendações daquilo que se considera certo ou errado em uma redação de vestibular, como exemplifica o fragmento que segue:

¹⁹Confira os 10 erros mais cometidos na redação do Vestibular

[...]

1) Gênero do texto

Tenha atenção no que a prova está pedindo. Escrever uma dissertação no lugar da narração que foi pedida pode resultar em um zero na prova. Isso faz com que muitos candidatos nem tenham suas provas corrigidas.

2) Fuga do tema

Para não fugir do tema pedido leia com atenção os textos disponibilizados na coletânea, além do enunciado. Escrever um excelente texto sobre um assunto que não foi pedido também faz com que sua prova seja anulada.

3) Linguagem

Use sempre a linguagem culta no momento de escrever seu texto. Evite o uso de expressões orais como "né" e "ok". Elas deixam sua redação informal demais. Os corretores também não aceitam o uso de gírias nos textos.

4) Linguagem rebuscada

Usar palavras rebuscadas também não ajuda a aumentar a nota, pelo contrário. A linguagem formal não deve ser complicada e usar palavras que você não conhece bem o significado pode deixar seu texto sem fluência.

5) Erros gramaticais

Erros básicos não passam pelo crivo dos corretores. Portanto, se você estiver em dúvida sobre a grafia de alguma palavra ou regra gramatical substitua por outra ou organize a frase novamente.

6) Clichês e provérbios

Tanto os clichês quanto os provérbios, além de outras frases feitas, mostram aos professores que o estudante não tem originalidade para escrever e expor suas opiniões.

7) Radicalizar

Evite escrever em gêneros dissertativos frases como "Devemos nos unir" ou "Vamos reciclar o planeta" porque são ideias frágeis. Elas costumam ser usadas quando o estudante não tem argumentos suficientes para induzir o leitor a chegar à conclusão desejada.

8) Citações

Esse recurso pode enriquecer muito o texto, mas deve ser usado com cuidado. Evite expressões muito comuns e não as use também se elas não fizerem parte do contexto apresentado.

9) Muitas informações

É importantíssimo que você tenha bastante conhecimento para escrever bem sobre tudo, mas não despeje tudo que você sabe sobre um tema no texto. Muita informação atrapalha a coesão e pode confundir muito mais do que ilustrar seu ponto de vista. Escolha os dados com atenção e use os argumentos corretos.

10) Redundância

Textos grandes repletos de palavras repetidas e ideias que não saem do lugar costumam ter notas baixíssimas. Quanto mais redundante for o texto mais fica provado que o candidato não tem repertório suficiente para escrever uma boa redação.

No sexto item da lista apresentada, pode-se observar que as expressões cristalizadas são compreendidas como elementos prejudiciais à construção de uma redação. No entanto, proibir o uso de uma série de recursos linguísticos em redações não corresponde ao que mostra o seu funcionamento nos textos e muito menos garante o bom desempenho do escrevente em seu texto. Engana-

¹⁹ A escolha por apresentar como exemplo uma lista retirada do site educativo Universia se deve ao fato de ser consideravelmente consultado por estudantes. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/vida-universitaria/noticia/2011/04/01/807070/confira-os-10-erros-mais-cometidos-na-redaco-do-vestibular.html>>. Acesso em: 20 Fev. 2013.

se, por exemplo, quem imagina que mencionar alguma frase atribuída a um autor célebre em vez de um provérbio melhorará a qualidade de seu texto, se não levar em consideração a maneira como é feito cada emprego²⁰. Partilho da concepção de Possenti (2009, p. 103) de que a condição para “um texto ser bom ou ruim tem mais a ver com o *como* do que com o *quê*”.

Por fim, esclareço que, de modo algum, pretendo levantar uma calorosa discussão em favor do uso do provérbio em redações de vestibular. Pretendo mostrar apenas que, de fato, a proibição de expressões cristalizadas concretiza-se tão-somente em um mito didático, uma vez que a linguagem se fundamenta em relações dialógicas caracterizadas pela constante retomada do já-enunciado.

1.6. Como estudar o provérbio?

A busca de resposta a essa questão está restrita, neste trabalho, às redações de vestibular, o que não impede que sejam feitas associações com outros usos, em outros contextos e gêneros do discurso.

Neste item, além de descrever a constituição do *corpus* de pesquisa e de expor as noções operatórias para a realização da análise, apresento a forma de análise dos textos.

1.6.1. Constituição do *corpus*

O material de análise é constituído por redações que compuseram a segunda fase²¹ da avaliação do processo seletivo de ingresso à Universidade de

²⁰ Caso o provérbio fosse realmente um elemento prejudicial à construção argumentativa de redações de vestibular, não seria possível detectar no site da FUVEST entre as melhores redações de cada vestibular disponibilizadas pela instituição aquelas em que há provérbios. Confira, respectivamente, em ANEXO A e em ANEXO B, uma redação das consideradas melhores pela FUVEST no vestibular de 2006 na qual continha provérbio (esse texto será explorado no subitem 1.6.3. denominado *Forma de análise* da metodologia deste trabalho) e outra do vestibular de 2009. Elas podem ser acessadas, também, através dos seguintes links:

<<http://www.fuvest.br/vest2006/bestred/506434.stm>>. Acesso em 18 Abr. 2009.

<<http://www.fuvest.br/vest2009/bestred/516424.stm>>. Acesso em 29 Jan. 2011.

²¹ A avaliação do vestibular da FUVEST é composta por duas fases. A primeira é constituída por questões múltipla escolha das seguintes disciplinas: Português, Matemática, Biologia, Física,

São Paulo organizado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST). A escolha do material foi feita pela própria FUVEST²², que cedeu para pesquisa duzentos e setenta redações do vestibular da FUVEST do ano de 2006, cujo tema foi *trabalho*, e duzentos e setenta redações do vestibular da FUVEST do ano de 2009, cujo tema foi *fronteiras*.

A partir da leitura do material do vestibular do ano de 2006, tomei contato com as referências que os vestibulandos faziam a provérbios. Num passo seguinte, classifiquei essas referências, às quais nomeei **marcas proverbiais**. Eis a classificação inicialmente proposta: (a) construção em que o provérbio aparece de maneira integral com o uso de aspas e/ou glosa; (b) construção em que o provérbio aparece integralmente sem o uso de aspas nem de glosa; (c) enunciado em que o provérbio se encontra estruturalmente modificado; (d) enunciado que alude ao sentido de um provérbio; e (e) construção que se mostra semelhantes à de um provérbio. Valendo-me dessas referências, criei cinco categorias de análise que serão detalhadas, posteriormente, ainda nesta seção.

Ao assumir como objeto de estudo o funcionamento discursivo das marcas proverbiais, iniciei a delimitação do *corpus*. De maneira aleatória, selecionei o material disponibilizado, primeiramente, um conjunto de textos composto por sessenta redações do ano de 2006²³. Em um segundo momento, ao verificar igualmente a existência das marcas proverbiais em algumas redações do ano de 2009, selecionei, também de maneira aleatória, sessenta redações dentre as duzentas e setenta que compunham o material de análise²⁴. O caráter aleatório da escolha do *corpus* relaciona-se à intenção de não restringir a justificativa ao emprego de marcas proverbiais, necessariamente, a determinados fatores como região de origem ou idade do candidato.

Procuro, em primeiro lugar, acentuar que, como essas marcas estão presentes nas mais variadas esferas de comunicação humana, manifestam-se em diferentes gêneros do discurso como resultado do mecanismo das relações

História, Geografia, Inglês e Química. Os candidatos que apresentarem rendimento satisfatório em relação à nota de corte estipulada em cada ano do vestibular são aprovados para a segunda fase que é constituída por provas dissertativas de cada uma das disciplinas já apresentadas. A redação compõe a prova de Português da segunda fase desse vestibular.

²² Agradeço à FUVEST por disponibilizar o material para esta pesquisa.

²³ Material utilizado em trabalho anterior de iniciação científica (ALVES, 2009), em que caracterizei discursivamente as marcas proverbiais.

²⁴ A escolha por analisar sessenta das duzentas e setenta redações de cada ano se deve à busca de uma investigação mais detalhada das marcas proverbiais. Um número maior de textos poderia expor a análise ao risco da superficialidade.

intergenéricas e, em segundo lugar, analisar de que modo esse mecanismo atua no emprego de marcas proverbiais em redações de vestibular.

Um dado oportuno para minha pesquisa, uma vez que tenho a intenção de mostrar que as marcas proverbiais aparecem em textos independentemente da origem de quem os escreveu, é o fato de que, por ser o maior vestibular do Brasil em termos de inscritos²⁵, a procedência de seus candidatos não se limita apenas ao estado de São Paulo, mas abrange o país inteiro. O material que analiso contempla essa diversidade, contendo redações de candidatos das seguintes regiões classificadas pela FUVEST: capital, interior, litoral e fora do estado, para cujas identificações utilizo, respectivamente, as siglas C, I, L, FE, na exemplificação dos textos. Por ter optado por essa amostra aleatória, a quantidade de textos por região é variável, obedecendo à seguinte distribuição:

Tabela 1- Quantificação de redações por região e das marcas proverbiais em redações por região no material de 2006

Região	Nº de redações	Nº de redações com marcas proverbiais	Percentual de redações com marcas proverbiais por região (%)
Capital	16	12	75
Interior	22	14	63,6
Fora do Estado	14	9	64,3
Litoral	8	7	87,5

Tabela 2- Quantificação de redações por região e das marcas proverbiais em redações por região no material de 2009

Região	Nº de redações	Nº de redações com marcas proverbiais	Percentual de redações com marcas proverbiais por região (%)
Capital	18	6	33,3
Interior	18	9	50
Fora do Estado	11	8	72,7
Litoral	13	7	53,8

²⁵ Segundo dados oferecidos pelo site da instituição, seu número de inscritos vem aumentando a cada ano, sendo que em sua edição mais recente, FUVEST 2013, o número de inscritos foi superior a 159 mil, índice 8,6% maior que no vestibular anterior. Confira dados em relação ao número de inscritos dos três últimos anos desse vestibular por meio dos seguintes links:

<<http://www.fuvest.br/vest2013/informes/ii072013.html>>. Acesso em: 04 Set. 2013.

<<http://www.fuvest.br/vest2012/informes/ii082012.html>>. Acesso em: 04 Set. 2013.

<<http://www.fuvest.br/vest2011/informes/ii082011.html>>. Acesso em: 04 Set. 2013.

No comparativo entre os dados das duas tabelas, pode-se concluir que a região de onde o candidato procede não é um fator limitante para o emprego de marcas proverbiais. Isso se torna evidente, principalmente, pela disparidade entre os dados referentes à Capital e ao Litoral: no material de 2006, o percentual de textos com marcas proverbiais da Capital e do Litoral foi, respectivamente, de 75% e 87,5%, enquanto, no material de 2009, o percentual foi, respectivamente, de 33,3% e 53,8%. Outro dado que merece ser destacado é que o Interior, região a que, geralmente, se atribui maior uso de provérbios, em nenhum dos dois conjuntos de textos apresentou o maior percentual de redação com marcas proverbiais.

No que se refere à quantidade de textos selecionados em resposta a cada tema, ela foi idêntica já que busco realizar um estudo comparativo do funcionamento discursivo de marcas proverbiais, analisando esses dois conjuntos de textos. O interesse desse estudo comparativo está, em primeiro lugar, no fato de correlacionar o funcionamento discursivo das marcas proverbiais com o tema abordado e, em segundo lugar, no fato de comprovar que essas marcas não aparecem somente em função de um tema, motivo por que não pretendo explorar, entre os dois conjuntos de textos, seu cotejo em relação à diferença quantitativa de registros de marcas proverbiais.

Este trabalho se orienta pela hipótese de que o comportamento discursivo dessas marcas surge como comprovação do mecanismo das relações intergenéricas, contato intrínseco dos gêneros do discurso, de modo a atestar a heterogeneidade dos gêneros, em especial, do provérbio, não pela variedade genérica, mas pela ausência de uniformidade em sua natureza, ocasionada pelo trânsito por outros gêneros e por diversas práticas sociais constituintes do convívio dos escreventes. Nesse sentido, interessa-me explorar o que o emprego de marcas proverbiais pode mostrar sobre o processo de escrita dos escreventes e sobre as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, eles participam.

1.6.2. Noções operatórias para análise

É de fundamental importância para a análise dos textos a ser empreendida neste trabalho, além das considerações teóricas expostas neste capítulo, a compreensão do que considero redação de vestibular e do que considero marcas proverbiais. Assim, neste subitem, detenho-me à investigação desses conceitos.

Fundamentando-me em Corrêa (2010), considero a redação de vestibular um gênero do discurso. Segundo o autor, nos exames vestibulares para ingresso na universidade, esse gênero tem sido vinculado à predominância dos tipos textuais²⁶. Entretanto, essa consideração não corresponde à defesa, por parte do autor, de uma equivalência entre gênero do discurso e tipologia textual, tampouco a uma observação restrita aos componentes linguísticos do gênero. Corrêa (2010) concebe a redação de vestibular como um gênero ao considerar:

- a interação social específica (avaliado/avaliador) válida para todos esses textos;
- o comportamento verbal semelhante mesmo na produção de tipos diferentes;
- as escolhas temáticas filtradas por um interesse educacional (os textos são escritos sobre temas relevantes da atualidade); e
- as soluções estilísticas essencialmente ligadas ao diálogo com a instituição avaliadora [...] (CORRÊA, 2010, p. 637)

Ainda segundo o autor:

pode-se, de maneira operatória e sem pretensão classificatória, dizer que o conjunto dessas restrições configura um *gênero do discurso* que vem sendo especificado pelo predomínio de certos tipos de texto, como, por exemplo, o dissertativo e o narrativo.

Teríamos, então, tipos – predominância do dissertativo ou narrativo, combinados em diferentes proporções – produzidos como *gênero redação de vestibular*. De modo semelhante, a carta, que é um *gênero do discurso*, seria, no contexto do vestibular, uma proposta de escrita de um **tipo** argumentativo particular – aquele com interlocução explícita –, produzida, ela também, como *gênero redação de vestibular*. (CORRÊA, 2010, p. 637).

No caso do exame da FUVEST, a redação de vestibular solicitada consiste numa dissertação, texto de tipologia textual predominantemente argumentativa,

²⁶ Até o ano de 2010, ano de publicação do artigo de Corrêa, os vestibulares das três universidades públicas paulistas não solicitavam a produção de gêneros do discurso, prevalecendo a ideia de tipos textuais. O vestibular da USP tem solicitado, até o presente, um texto argumentativo em prosa; no vestibular da UNESP também tem sido solicitada, até o presente, uma redação no gênero dissertativo; e, no vestibular da UNICAMP, até 2010, eram fornecidas três opções aos alunos: dissertação, narração ou carta. Desde 2011, o vestibular da UNICAMP solicita a produção de gêneros do discurso.

como se pode observar no conteúdo programático da prova de redação da FUVEST presente em seu *Manual do Candidato* do vestibular do ano de 2006²⁷:

Redação

A redação deverá ser, obrigatoriamente, uma dissertação, na qual se espera que o candidato demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões, argumentar coerentemente e expressar-se de modo claro, correto e adequado. Na correção da redação, serão avaliados três aspectos (Tipo de texto e abordagem do tema, Estrutura e Expressão), sendo que a cada um deles poderão ser atribuídos 0, 1, 2, 3 ou 4 pontos.

Além de seu caráter predominantemente argumentativo para a abordagem de um tema, proporcionado pela organização de recursos estilísticos, a dissertação é reconhecida por sua construção composicional dividida classicamente, em partes, a saber: introdução, desenvolvimento e conclusão. Em cada uma dessas partes prevalece um tipo de pretensão argumentativa, o que demonstro, a seguir, com um trecho retirado de um site dirigido a vestibulandos²⁸:

Dissertação é um texto que se caracteriza pela defesa de uma idéia, de um ponto de vista, ou pelo questionamento acerca de um determinado assunto.

Em geral, para se obter maior clareza na exposição de um ponto de vista, costuma-se distribuir a matéria em três partes.

- a. introdução - em que se apresenta a idéia ou o ponto de vista que será defendido;
- b. desenvolvimento ou argumentação - em que se desenvolve o ponto de vista para tentar convencer o leitor; para isso, deve-se usar uma sólida argumentação, citar exemplos, recorrer a opinião de especialistas, fornecer dados, etc.
- c. conclusão - em que se dá um fecho ao texto, coerente com o desenvolvimento, com os argumentos apresentados.

Nas diferentes partes da construção composicional da dissertação, texto que, no caso investigado neste trabalho, se concretiza como redação de vestibular na qualidade de gênero do discurso, reconheci o que considero como formas distintas de manifestação do provérbio como gênero do discurso: as marcas proverbiais.

²⁷ O conteúdo programático da prova de redação se mantém no Manual do Candidato do vestibular do ano de 2009. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2009/manual/man2009.pdf>>. Acesso em: 29 Set. 2013.

²⁸ O Mundo Vestibular é um site educativo consideravelmente consultado por pré-universitários, ao que se deve sua preferência neste trabalho. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/1402/1/Dissertacao---Escrevendo-Um-Bom-Texto-Dissertativo/Paacutegina1.html>>. Acesso em 25 Set. 2013.

Elas se desmembram em categorias analíticas criadas em função do modo de aparição do provérbio nas próprias redações de vestibular, por meio de que se permite verificar o mecanismo das relações intergenéricas. Foram, assim, instauradas cinco categorias, a saber: **construção com aspas e/ou glosa**, **construção sem aspas nem glosa**, **construção modificada**, **alusão** e **construção semelhante**. A seguir, descrevo em um quadro as cinco categorias de marcas proverbiais, apresentando, para cada uma delas, dois exemplos de seu emprego com trechos dos textos²⁹, sendo o primeiro exemplo relativo ao material de 2006 e o segundo, ao de 2009.

Construção com aspas e/ou glosa ► refere-se ao tipo de marca proverbial pela qual o escrevente delimita, por meio da utilização de aspas e/ou glosas, o espaço do que considera enunciado alheio em seu texto. Exemplos:

1º § **Há um provérbio popular que afirma "O trabalho dignifica o homem"**. Acreditar nele pode ser encontrar a razão para acordar pela manhã e cumprir as oito horas rotineiras com intervalo de uma hora para o almoço e eventuais quinze minutos para o café. Na história contemporânea, trabalhar é para ganhar o dinheiro que paga o almoço e o café. (I 59, grifos meus)

*

4º § O planeta é um só, com uma grande diversidade étnica e cultural, que só foi alcançada graças a inexistência de fronteiras e apenas com o fim destas a paz poderia ser alcançada e a vida das pessoas melhoraria. Uma realidade impossível de ser obtida, pois **como diz um velho ditado: a grama do vizinho é sempre mais verde**; e nenhum país abrirá mão de suas riquezas, cuja fronteira as "protege".(I 63, grifos meus)

Os trechos ilustram a retomada dos provérbios conhecidos integralmente estruturados "o trabalho dignifica o homem" e "a grama do vizinho é sempre mais verde", respectivamente. Para mostrar o reconhecimento da palavra alheia, no primeiro caso, o escrevente utiliza aspas entre o provérbio e glosa anterior a ele ("há um provérbio popular que afirma"), enquanto no segundo, emprega apenas glosa ("como diz um velho ditado") sem fazer recurso às aspas.

²⁹ Como não é permitida pela FUVEST a publicação integral dos textos dos candidatos, apresento trechos das redações sem que estas se tornem reconhecíveis e sem prejudicar a qualidade deste estudo.

Construção sem aspas nem glosa ► constitui-se de um enunciado que se encaixa na superfície do discurso e se deixa reconhecer como um provérbio integralmente composto sem que sejam usadas aspas nem glosa para identificá-lo como uma citação reconhecida e partilhada coletivamente. Exemplos:

3º § [...] *Com a tese da mais-valia e da exploração do homem pelo homem, esses dois alemães quebrariam a corrente do "enobrecimento" através do trabalho e colocariam a doutrina capitalista, baseada no **trabalho de uns e riqueza de outros**, segundo eles, em xeque.* (C 87, grifos meus)

*

2º § *A relação intercultural entre povos e nações de todo o globo é um indício de que **humanos são humanos, seja aqui, seja na China.*** (C 63, grifos meus)

Nos dois exemplos, apresentam-se integralmente constituídos, respectivamente, os provérbios "trabalho de uns e riqueza de outros" e "humanos são humanos, seja aqui, seja na China", entretanto sem a existência da demarcação da palavra alheia.

Construção modificada ► constitui-se de enunciados nos quais um provérbio sofre transformações em sua estrutura, geralmente através do recurso da fragmentação ou da ampliação, com remanejamento e/ou alteração de palavras. Exemplos:

5º § [...] **O trabalho é a glória do homem**, e deve ser de todos para todos, em harmonia e igualdade. (L 21)

*

8º § **A fronteira de uma pessoa acaba quando começa a de outra**; por mais clichê que isso pareça, entenda e cresça! (I68, grifos meus)

No primeiro exemplo, "O trabalho é a glória do homem" é uma construção modificada do provérbio "a mulher é a glória do homem". Nele, há a substituição de "a mulher" por "o trabalho", permanecendo a expressão "é a glória do homem", que permite relacioná-la ao provérbio de origem. O segundo exemplo apresenta a construção modificada "a

fronteira de uma pessoa acaba quando começa a de outra” de “Sua/minha/nossa liberdade termina onde começa a do outro”. Há a substituição de “sua/ minha/ nossa” por “uma pessoa”, de “liberdade” por “fronteira”, de “termina” por “acaba”, de “onde” por “quando”, mantendo a expressão “começa a do outro(a)”, que torna reconhecível a retomada do provérbio de origem.

Alusão ► consiste na composição de um enunciado em que há o apagamento quase completo de uma estrutura proverbial, restando a ele um significado próximo ao atribuído historicamente a um provérbio, ou um enunciado que, de alguma forma, faz referência a um provérbio. Exemplos:

4º § **Alguém que tenta certa profissão por lucro e não por paixão e talento, será infeliz**, mal-sucedido e em consequência disso demitido, aumentando assim as taxas de desemprego [...](C 15, grifos meus)

*

4º § **A fronteira da humanidade está na realidade dentro de cada ser humano** que não consegue superar o próprio “ego”. (I 87, grifos meus)

Por meio da relação entre o lucro trazido pela profissão não desejada e a infelicidade, é possível perceber que o enunciado em destaque no primeiro exemplo “alguém que tenta certa profissão por lucro e não por paixão e talento, será infeliz” retoma o sentido atribuído ao provérbio “o dinheiro não traz felicidade”. No segundo exemplo, torna-se possível localizar a alusão ao provérbio “a nossa fronteira somos nós” através da relação entre ação humana e criação de fronteiras, apresentada no enunciado “a fronteira da humanidade está na realidade dentro de cada ser humano”.

Construção semelhante ► compreende enunciados em que se reproduzem características estilísticas e composicionais do provérbio, tais como curta extensão, ritmo, construção em duas (binária) ou mais

partes com igual ou aproximado número de sílabas poéticas. Exemplos:

3º § *Sendo assim, a busca pela sobrevivência não deixa lacunas para a divisão e o prazer de desenvolver as atividades para o sustento, da qual torna-se cada vez mais raro o trabalhar por aptidão, pois **aonde o financeiro é o mais importante, nem sempre se sobra tempo para ser feliz.*** (C32, grifos meus)

*

4º § *É certo que todos têm uma índole má. O que difere uma pessoa da outra é a sua capacidade de se controlar, de conter esse ímpeto malicioso para não entrar em um "círculo vicioso" que, no fim, poderá prejudicar o mundo em que vivemos, os outros e a si próprio. **O limite da própria violência é cada um que estabelece.*** (I 24, grifos meus)

No primeiro exemplo, pode-se identificar, no enunciado "aonde o financeiro é o mais importante, nem sempre se sobra tempo para ser feliz", uma estrutura formular próxima a de um provérbio, em que se destacam: (a) o uso de "se sobra tempo" (utilizado de forma não-padrão) para marcar a validade geral do enunciado³⁰; e (b) a construção binária de igual número de sílabas poéticas (doze sílabas em cada uma de suas partes: "aonde o financeiro é o mais importante,/ nem sempre se sobra tempo para ser feliz"). No segundo exemplo, o enunciado "o limite da própria violência é cada um que estabelece" se destaca por sua estrutura formular próxima a de um provérbio: seu ritmo configura sua construção binária, sendo cada uma de suas partes constituída por aproximado número de sílabas poéticas (dez sílabas para a primeira parte e oito sílabas para a segunda: "O limite da própria violência/ é cada um que estabelece").

Quadro 1 - Categorias de marcas proverbiais

Como se pode perceber, o critério para nomeação das cinco categorias de marcas proverbiais se relaciona ao grau de conservação estrutural de um provérbio conhecido, no caso das quatro primeiras categorias citadas, ou à

³⁰ Vale destacar que o uso não-padrão de "se", por meio do qual o escrevente busca falar impessoalmente, funciona, contrariamente ao esperado por ele, como sinal que identifica, pessoalmente, o escrevente. E justamente naquilo a que ele julga atribuir validade geral. Estamos, ao que parece, diante de uma construção morfofossintática identificadora não só da variedade linguística pelo escrevente, mas também da sua percepção de que o tom proverbial deve ser buscado em formulações impessoalizantes. Trata-se, portanto, de um interessante traço da construção composicional e estilística do provérbio.

conservação estrutural do gênero em si, no caso da última categoria. Entretanto, deixo claro, que esse critério não foi uma escolha meramente formal, mas, sobretudo, enunciativo-discursiva, já que modos de enunciar revelam diferentes meios de retomada da palavra alheia e de reelaboração estilística e composicional de um gênero, o que é validado na construção com aspas e/ou glosa, na construção sem aspas nem glosa, na construção modificada e na alusão; ou de apropriação do estilo e da construção composicional de um gênero, o que ocorre na construção semelhante. As diferentes formas de manifestação do provérbio localizadas em redações de vestibular, denominadas, neste trabalho, marcas proverbiais, são, portanto, categorias enunciativo-discursivas, uma vez que sua realização enunciativa possibilita o reconhecimento de diferentes formas de atualização de um gênero do discurso, o provérbio.

O processo de busca das marcas proverbiais foi feito por meio de um trabalho minucioso de constante releitura do material de análise, sempre buscando levantar novas ocorrências dessas marcas e reorganizar suas categorias. Os casos que apresentavam características proverbiais, mas que não me era possível reconhecer a que provérbio se referiam, em vez de classificá-los de imediato como construção semelhante, requereram, para se chegar a uma classificação, consulta a livros como o de Cascudo (2004) e a sites em que havia compilações de provérbios³¹. Enfatizo, porém, que a referência aos estudos do folclore não foi realizada com a pretensão de buscar a origem dos provérbios, mas como um recurso facilitador para a identificação e organização das marcas proverbiais. A abordagem adotada neste trabalho afasta-se daquela do folclore, uma vez que aqueles estudos desconsideram as situações de emprego do provérbio e não se dedicam à investigação de seu funcionamento discursivo. Essas fontes, portanto, por estarem organizadas em tema ou em ordem alfabética de provérbios, facilitaram a busca por esses saberes, embora, tendo em vista a noção de provérbio aplicada a este trabalho (Cf. item 1.2. deste capítulo) muitos registros de marcas proverbiais encontradas nas redações iam além da paráfrase de um provérbio catalogado. Apesar de realizar a coleta das marcas proverbiais de forma minuciosa, não descarto a possibilidade de haver referências a provérbios sob formas mais opacas de citação.

³¹ Serviram de consulta as seguintes referências:
CASCUDO, L. DA C. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
<<http://www.jangadabrasil.com.br/proverbios/a.asp>>. Acesso em: 23 Ago. 2011.

1.6.3. Forma de análise dos resultados

O percurso analítico adotado nesta pesquisa é organizado para que se alcance a investigação do funcionamento discursivo das marcas proverbiais nas redações de vestibular, como modo de explicitação das relações intergenéricas. Para tanto, serão, num primeiro momento, estabelecidas as marcas proverbiais características das redações de vestibular, a saber:

a) a análise da constituição do provérbio integralmente composto, na qual se reconhece o vínculo desse gênero com outros; e

b) a investigação das marcas de captação proverbial, verificando a relação de sua constituição com a do provérbio, na qualidade de gênero do discurso, e com outros gêneros (não só aqueles que compõem a coletânea fornecida na proposta de redação, mas também outros gêneros, diferentes dos já citados).

Num segundo momento, serão feitas:

c) a análise da composição cronotópica do provérbio; e

d) a comparação entre os levantamentos quantitativos das marcas proverbiais em ambos os materiais a fim de explorar dados que demonstrem afinidades em relação à incidência dos diferentes tipos de marcas proverbiais.

Finalmente, num item reservado ao funcionamento das marcas proverbiais, será feita:

e) a verificação das funções textuais exercidas por cada tipo de marca proverbial, tomando como pressuposto que um maior valor de ocorrências de um determinado tipo de marca proverbial em certa parte da construção composicional da redação de vestibular pode revelar uma função predominante para essa marca proverbial, relacionada ao caráter argumentativo particular de cada parte da construção composicional da redação.

Por meio dessas etapas será possível verificar o espaço de (re-)significação — proveniente da relação entre gêneros do discurso — criado quando o escrevente, a partir do tema proposto em situação de vestibular, recorre ao já-dito por meio de diferentes modos de dizer um provérbio, o que mostra que seu uso não consiste em uma mera reprodução do já-dito.

Em cada item da análise, apresento um dado novo, retomando, por vezes, outros já explorados. Desse modo, a caracterização dos elementos componentes

dos gêneros do discurso no provérbio, por exemplo, será verificada na maioria dos itens.

Quando possível, em cada item será apresentado um exemplo de redação de cada ano dos vestibulares da FUVEST analisados, para que se possam observar semelhanças no cotejamento de seus dados.

Em decorrência do baixo índice de incidência de marcas proverbiais em que o provérbio aparece integralmente constituído, destaca-se o número de tópicos referentes à análise de marcas de captação proverbial. No entanto, de modo algum, essa saliência deve ser compreendida como um desequilíbrio na construção da análise. Ela é promovida por orientação do próprio material de pesquisa, podendo-se perceber, no desenvolvimento analítico deste trabalho, momentos em que não há nem mesmo um exemplo de redação de cada vestibular analisado em que se apresentem marcas proverbiais de provérbios integralmente constituídos para uma dada finalidade, havendo outros em que a repetição do mesmo excerto se impõe, embora para um interesse analítico diferente.

A fim de ilustrar a forma de análise dos textos, apresento um exemplo do desenvolvimento analítico do material. Esse exemplo não contempla todos os aspectos abordados na análise, uma vez que se refere a apenas uma das formas de emprego do provérbio. A redação de vestibular que apresento está disponível na íntegra no site da FUVEST³² e se refere ao tema *Trabalho*, proposta do vestibular do ano de 2006. Embora não componha o material desta pesquisa, a preferência pela exposição dessa redação se deve ao fato de ser, em primeiro lugar, uma oportunidade a mais para explorar o emprego do provérbio integralmente constituído, forma menos recorrente no material investigado nesta pesquisa, e, em segundo lugar, um modo de apresentar uma redação em sua integralidade, da forma, portanto, como foi produzida em resposta à proposta de um dos anos do vestibular da FUVEST em questão neste trabalho. Observemos, então, a redação abaixo:

O trabalho, atividade física ou mental destinada a produzir um bem, não é um elemento que nasceu junto ao Homem. Foi desenvolvido a partir de um direcionamento feito de acordo com os interesses da humanidade quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza. Assim

³² Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2006/bestred/506434.stm>>. Acesso em 18 Abr. 2009. A disponibilização pública do texto nos permite a análise do texto completo, o que não é permitido para o material fornecido como *corpus* para análise.

germinou esse alicerce de nossa ocupação do meio, sendo difícil observá-lo separado de nossas atitudes, mesmo com o relativo progresso que envolve o capitalismo.

A inserção da máquina, no cotidiano, de fato alterou a visão acerca do trabalho. O Homem teve a chance de ser poupado fisicamente e pôde, em poucos casos, concentrar-se em atividades intelectuais destinadas a reparos dessa invenção e, em muitas ocasiões, conhecer o drama do desemprego e de suas conseqüências. Percebe-se aqui que a afirmação de que o trabalho tem a chance de desaparecer, em tempos posteriores, não é clara. O seu sentido tradicional, que envolve esforço físico, realmente tende à minimização, porém, aquele que se liga ao raciocínio, está longe de um fim, pois é a chave para a continuidade do desenvolvimento tecnológico, embora seja hegemônico e restritivo.

É difícil conceber, ademais, a desvalorização do trabalho em meio ao progresso técnico, caso seja levado em conta aquele que envolve as manifestações artísticas do indivíduo, sobre as quais a máquina, dotada de objetividade ao extremo, pouco influi. Esculturas e pinturas, por exemplo, resplandecem essa vertente do trabalho. O Homem aprendeu a utilizá-la as perceber que ela constitui uma forma de sobrevivência. Assim pôde amparar-se nela e perpetuar, sob essa nuance, a noção de trabalho.

*A transformação de suas condições, como se viu, é inevitável, de modo a adequá-las à realidade. **Lugares-comum à parte ("o trabalho dignifica o homem")**, ele constitui acima de tudo, um legado de nossa existência, capaz de ser materializado, de modo que seja difícil que o indivíduo dele se desvincule e que se enxergue ambos, um dia, separados, tal como ocorreu antes de o Homem direcionar-se de acordo com seus interesses quanto à organização da sociedade e à produção de riquezas. (grifos meus, Tema Trabalho)*

No último parágrafo da redação em questão, pode-se observar o emprego do provérbio integralmente constituído "o trabalho dignifica o homem", que por ser demarcado por aspas e por ser antecedido pela glosa "lugares-comum à parte" integra a marca proverbial construção com aspas e/ou glosa. Trata-se de um enunciado com estrutura de curta extensão, que, do ponto de vista estilístico, caracteriza-se pelo uso do artigo definido no papel de quantificador universal em "o trabalho" e "o homem" e ausência de marcador temporal, recursos que produzem o efeito de universalidade e atemporalidade à verdade proverbial. Seu conteúdo temático favorece o reconhecimento de relações com outros gêneros do discurso, como o diálogo cotidiano ou os da esfera religiosa, em que o tema trabalho é compreendido como forma de se alcançar engrandecimento moral. O cronotopo de que o provérbio se apropria abrange desde a gênese do trabalho até o momento atual caracterizado pelas relações de produção do capitalismo, relação espaço-temporal apresentada na redação, o que se pode compreender, principalmente em: "Foi desenvolvido a partir de um direcionamento feito de acordo com os interesses da humanidade quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza" e em: "sendo difícil observá-lo separado de nossas atitudes, mesmo com o relativo progresso que envolve o

capitalismo”, presentes no primeiro parágrafo. O enunciado proverbial em questão funciona na redação como um argumento conclusivo, que pretende enfatizar a importância do trabalho, seja físico ou intelectual, não apenas no âmbito financeiro, como forma de sustento, mas também no espiritual, como forma de elevação da alma que, no entanto, não deixa de estar vinculado ao reconhecimento social proporcionado pelo exercício dessa atividade.

Feitas essas considerações, passo ao capítulo dedicado à análise.

CAPÍTULO 2

CONSTATAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERGENÉRICAS NO EMPREGO DE MARCAS PROVERBIAIS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

Este capítulo é dedicado à análise das redações que compõem o material desta pesquisa. Todo o percurso analítico tomará o emprego de marcas proverbiais em redações de vestibular como uma prática de letramento (em seu sentido restrito), uma vez que, como parte de seu funcionamento discursivo, essas marcas se apropriam do tipo de prática do gênero em que se inserem.

Início o percurso com a apresentação de dois grandes conjuntos de formas características de marcas proverbiais utilizadas em redações de vestibular, incluindo observações sobre as relações intergenéricas no tocante à noção de cronotopo e dados quantitativos das ocorrências das diferentes marcas proverbiais no material analisado.

Vencida essa primeira parte do percurso, tratarei do aspecto argumentativo das marcas proverbiais.

2.1. Marcas proverbiais características em redações de vestibular: relações cronotópicas e dados quantitativos

O primeiro conjunto de marcas características é constituído pelo provérbio tal como ele é conhecido, isto é, integralmente composto (item 2.1.1). Essa forma característica de ocorrência de marcas proverbiais abrange as categorias construção com aspas e/ou glosa e construção sem aspas nem glosa, reconhecendo, também, em sua constituição, as relações com outros gêneros.

Em seguida, analiso, o segundo conjunto de formas características, composto de marcas de captação proverbial (item 2.1.2), representadas pela construção modificada, pela alusão e pela construção semelhante. Verifico, também, no interior dessas formas de captação, sua relação com o provérbio, tomado como gênero do discurso (subitem A), e os vestígios que elas guardam de outros gêneros (subitem B), tais como os gêneros presentes na coletânea da

proposta de redação (subitem B, parte a) e outros gêneros diferentes dos citados (subitem B, parte b).

O passo seguinte se ocupa de investigar a constituição cronotópica das marcas proverbiais, exemplificando com dois casos de construção sem aspas nem glosa (item 2.1.3).

Por fim, realizo o levantamento quantitativo das marcas proverbiais nos dois conjuntos de redações, a fim de explorar dados que demonstrem afinidades em relação à incidência dos diferentes tipos de marcas proverbiais (item 2.2 e seus subitens).

2.1.1. Provérbio integralmente constituído com aspas e/ou glosa e sem aspas nem glosa

Este é o primeiro dos dois grandes conjuntos de formas características de marcas proverbiais em redações de vestibular. O reconhecimento do provérbio integralmente constituído na redação de vestibular é um indício claro da recorrência do escrevente a práticas sociais de seu convívio, para, a partir de um gênero já conhecido, talvez mais diretamente de seu conteúdo temático (mas também da função argumentativa que os traços da sua estrutura composicional e do seu estilo assumem em sua reatualização), debater sobre o conteúdo temático proposto na avaliação do vestibular. Assim, conforme foi apresentado em capítulo anterior, o emprego de provérbios em redações de vestibular se revela como um meio de constatação das relações intergenéricas. Desse modo, além de seu vínculo com o gênero receptáculo, o provérbio, que, como apresentei, só se deixa reconhecer como tal quando faz parte de um gênero, se relaciona com outros gêneros do discurso, o que pode ser constatado pelo tipo de elaboração de seus componentes (conteúdo temático, construção composicional e estilo).

Embora seja significativa a raridade de ocorrência do provérbio integral com aspas as quais delimitam os territórios do dizer, atribuindo a sequência aspeada a outrem, neste ponto tratarei apenas da construção sem aspas nem glosa. Nesta seção, analiso, em dois exemplos, como os componentes do gênero do discurso se organizam no provérbio de modo a permitirem reconhecer as

características desse gênero e de que forma se pode verificar a relação do provérbio com outros gêneros além da redação de vestibular.

(1):

2º § *O fato é que mesmo não sendo uma "essência atemporal", conforme afirmação de A. Simões, **o trabalho é inerente ao homem**, bastando lembrar que desde a pré-história o homem tinha que sair das cavernas à caça de seu sustento.* (I 69, grifos meus, tema *Trabalho*)

Nesse exemplo referente ao material do vestibular do ano de 2006 (tema *Trabalho*), pode-se identificar o emprego do provérbio "o trabalho é inerente ao homem" que, sem uso algum de elementos sinalizadores de remissão à palavra alheia, enquadra-se no que estou chamando construção sem aspas nem glosa. Em primeiro lugar, seu tema, mas também sua estrutura de curta extensão e sua predicação de caráter definitório, marcada pelo emprego do verbo "ser", são elementos característicos da composição do provérbio. Pode-se mesmo dizer que os provérbios primam pela sentença generalizante de caráter definitório. Além disso, a seleção estilística de construções morfossintáticas em que se utilizam artigo definido com função de quantificador universal ("o trabalho" = "todos os trabalhos" e "ao homem" = "todos os homens"), dá ao enunciado um caráter generalizador, pretendendo a universalização de uma verdade. Seu conteúdo temático favorece o reconhecimento de sua relação com outros gêneros, tais como com o diálogo cotidiano ou com os da esfera religiosa, em que o tema "trabalho" se apresenta ora como um castigo ora como uma dádiva divina, de ambos os modos, inseparável do homem.

Vejamos, neste ponto, um exemplo do material do vestibular do ano de 2009 (tema *Fronteiras*):

(2):

[...]

2º § *Informação já não possui fronteiras, feito permitido graças ao advento da internet, cuja velocidade possibilita conversas instantâneas de diferentes, e opostos contos do planeta. A relação intercultural entre povos e nações de todo o globo é um indício de que **humanos são humanos, seja aqui, seja na China.***

[...] (C 63, grifos meus, tema *Fronteiras*)

Nesse exemplo, o provérbio "humanos são humanos, seja aqui, seja na China", por não ser demarcado com o emprego de aspas nem glosa como referência à palavra alheia, também se enquadra na categoria de construção sem

aspas nem glosa. Do ponto de vista estilístico, o uso da palavra “humanos”, sem qualquer determinante, tem o efeito de acentuar o caráter generalizador do provérbio, mobilizando uma verdade proverbial com aparência de universalidade. Esse provérbio apresenta um ritmo que configura sua composição em três partes, sendo a primeira de maior extensão com seis sílabas poéticas e as outras duas mais breves com número aproximado de sílabas poéticas, sendo uma constituída por três sílabas poéticas e a outra por quatro sílabas poéticas:

1	2	3	4	5	6	
hu-	ma-	nos-	são-	hu-	MA-	(nos)
se-	ja a-	QUI				
se-	ja-	na-	CHI-	(na)		

As duas últimas partes que compõem a construção composicional do provérbio apresentam semelhanças em sua extensão e em seu número de sílabas poéticas por estabelecerem uma estrutura paralelística pelo emprego da conjunção “seja”, que inicia cada uma dessas partes. Em relação ao conteúdo temático, por meio dele é mantido um vínculo com gêneros da esfera jurídica os quais defendem a igualdade entre os homens.

Desses exemplos, pode-se concluir que o aparecimento do provérbio integralmente constituído não ocorre, necessariamente, como retomada *ipsis litteris* de um provérbio popularmente conhecido. Não se trata também de um empréstimo que tomasse o provérbio como algo formado já no plano da língua. Pelo contrário, é nas suas relações intergenéricas que ele se constitui. Assim concebido, sua integralidade consiste em mostrar-se como um enunciado, cujas características temáticas, composicionais e estilísticas permitem identificá-lo como um provérbio integralmente constituído.

Na seção seguinte, estendo essa constatação à investigação do uso de marcas de captação proverbial nas redações de vestibular.

2.1.2. Captação proverbial

Conforme apresentei em capítulo anterior, a captação proverbial, segundo Maingueneau (1997, 2008b, 2010), consiste na modificação ou na imitação de um provérbio ou do gênero em si, sem que haja oposição entre a verdade proverbial apresentada na captação e a verdade proverbial do provérbio de origem. A meu ver, a captação proverbial deixa-se descrever melhor como sendo formas de apropriação do provérbio na qualidade de gênero do discurso, o que atesta sua constituição em relações intergenéricas através de dois modos simultâneos: a) elaboração de um provérbio a partir de outro ou das características do gênero; e b) inserção dessa criação em outro gênero, no caso em questão, na redação de vestibular.

Nesta pesquisa foram encontrados três modos dessa apropriação, a saber: construção modificada, alusão e construção semelhante, os quais serão vistos num primeiro momento, na sua relação com o provérbio, tomado como gênero a partir do qual foram formulados. Cada um desses modos preserva resquícios de ao menos um dos componentes do provérbio entendido como gênero do discurso, ou seja, vestígios de seu conteúdo temático, de sua construção composicional e/ou de seu estilo.

(A) Formas de captação na relação com o gênero provérbio

Há que se destacar uma sutileza importante na caracterização do provérbio como um gênero. Uma vez que ele só é reconhecido como tal no interior de um outro gênero (LISARDO-DIAS, 2004), pode-se dizer que o que se apanha por meio das formas de captação não é uma distorção de um modelo original ou de seu sentido literal puro, mas um acontecimento particular – uma forma e um efeito de sentido particulares – na sua existência necessariamente processual.

Na **construção modificada**, primeiro exemplo de captação proverbial, o conteúdo temático do provérbio de origem — a verdade proverbial —, em geral, é conservado, no entanto, seu estilo e sua construção composicional (escolha e

organização lexical) são reelaborados. A seguir, apresento dois exemplos — o primeiro do material de 2006 (tema *Trabalho*) e o segundo do material de 2009 (tema *Fronteiras*) — desse tipo de marca proverbial em que se pode verificar esse processo de captação.

(3):

4º§ *Mas, sem dúvida, **o trabalho purifica e acrescenta aos homens**, porém a vida está repleta de heróis como Macunaíma [...]* (I 53, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo (3), é empregado o enunciado “o trabalho purifica e acrescenta aos homens”, construção modificada do provérbio “o trabalho purifica a alma”. Essa relação pode ser percebida pela permanência, na construção modificada, da expressão “o trabalho purifica”, que compõe a construção composicional do provérbio de origem. Além disso, ocorre a substituição da expressão “a alma” pelo sintagma “e acrescenta aos homens”. Apesar das alterações lexicais identificadas entre o provérbio modificado e o de que ele provém, o conteúdo temático é mantido. Como a “alma” é um atributo humano, declarar que “o trabalho purifica e acrescenta aos homens” se faz um meio de atestar a purificação da alma através do trabalho, verdade proverbial propagada, portanto, em ambos os casos. Vejamos um segundo exemplo de construção modificada em (4):

(4):

2º§ *Em contrapartida também **não existe fronteiras nem para a solidariedade e nem para o amor**. Um exemplo disso é o ocorrido durante a recente tragédia em Santa Catarina. Os brasileiros não se importaram com as fronteiras entre os estados e mobilizaram-se com o intuito de ajudar.* (C 33, grifos meus, tema *Fronteiras*)

Nesse trecho, pode-se observar o uso da expressão “não existe fronteiras nem para a solidariedade e nem para o amor”, construção modificada do provérbio “para o amor não existem fronteiras”. Da construção composicional do provérbio de origem, mantiveram-se, na construção modificada, as expressões “não existem fronteiras” e “para o amor”. Além disso, houve a ampliação da estrutura composicional do provérbio com o uso da expressão “nem para a solidariedade e nem” que foi introduzida entre suas expressões remanescentes, as quais sofreram uma inversão, conforme se pode verificar abaixo:

Embora tenha ocorrido a inclusão de novos elementos lexicais e o remanejamento dos elementos lexicais provenientes do provérbio de origem, seu conteúdo temático não é alterado, uma vez que o amor é um sentimento que compreende a solidariedade.

Outra forma de captação encontrada nas redações de vestibular é a **alusão**. Nesse tipo de captação, é preservado o conteúdo temático do provérbio de origem, sendo obliterados quase por completo aspectos de sua construção composicional e de sua seleção estilística. Apresento dois exemplos — respectivamente, um do material de 2006 (tema *Trabalho*) e outro de 2009 (tema *Fronteiras*) — em que se podem constatar as características desse tipo de captação:

(5):

3º § **O homem, em busca deste poder, reconhecimento ou até apenas de sua sobrevivência, vende a única coisa que lhe pertence: seu tempo.** É claro que se fosse simples assim, todos que trabalham oito horas por dia receberiam o mesmo salário e não haveria desigualdade social. Entretanto, **o ser humano arranhou maneiras de fazer de seu tempo uma mercadoria mais valiosa.** Junto com seu tempo ele vende seu conhecimento e habilidades adquiridas em cursos variados. (C 02, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo acima, a articulação dos enunciados em negrito “O homem, em busca deste poder, reconhecimento ou até apenas de sua sobrevivência, vende a única coisa que lhe pertence: seu tempo” e “o ser humano arranhou maneiras de fazer de seu tempo uma mercadoria mais valiosa” resulta na alusão ao provérbio “tempo é dinheiro”. Essa relação pode ser percebida pela imposição, em ambos os casos, da verdade proverbial de que o “tempo” é equivalente ao “dinheiro”, ou seja, quanto mais tempo se perde em uma atividade, menos lucro se gera. Embora a verdade proverbial seja mantida na alusão, sua construção composicional e suas características estilísticas não remetem mais ao provérbio de origem, mas ao gênero em que a alusão se insere, a redação de vestibular.

Essa relação será detalhada no próximo item deste trabalho. Passo, no momento, ao próximo exemplo de alusão:

(6):

3º § **Através do outro, encontramos nossa liberdade.** *E é desse encontro que surge a necessidade de compreensão, e principalmente, de tolerância.* (L 36, grifos meus, tema *Fronteiras*)

No exemplo (6), o enunciado “através do outro, encontramos nossa liberdade” alude ao sentido histórico e socialmente construído do provérbio “a nossa liberdade termina onde começa a do outro”, o que pode ser percebido pela relação estabelecida entre liberdade e subordinação à alteridade. Assim como no exemplo anterior, o conteúdo temático do provérbio de origem é mantido.

A última forma de captação reconhecida nas redações é a que chamo **construção semelhante**. Neste tipo de captação, pretende-se reproduzir a construção composicional e as características estilísticas do provérbio como gênero do discurso. Ilustro, a seguir, essa forma de captação proverbial com dois exemplos, um do material de 2006 (tema *Trabalho*) e outro de 2009 (tema *Fronteiras*), respectivamente:

(7):

[...] **Quanto mais se produz, mais se pensa em produzir** e assim, *passa-se a vida trabalhando para a sobrevivência não só de cada um de nós como também do país em que vivemos.* (I 08, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo (7), o enunciado “Quanto mais se produz, mais se pensa em produzir” apresenta características estruturais de um provérbio, no entanto sem sê-lo, de fato. Do ponto de vista do estilo, retrata um tom proverbial ao privilegiar a impessoalidade do enunciado com o uso de “se” como recurso que tende à generalização de uma verdade para que seja validada como universal. Do ponto de vista da estrutura composicional, aproxima-se de um provérbio por ser um enunciado de curta extensão, por apresentar estrutura paralelística conferida pela relação entre “quanto mais” e “mais” e por estar estruturado em construção binária, ou seja, dividida em duas partes. Cada uma das partes da estrutura binária está organizada em número aproximado de sílabas poéticas. A primeira parte apresenta seis sílabas poéticas e a segunda, sete sílabas poéticas:

1	2	3	4	5	6	7
Quan-	to-	mais-	se-	pro-	DUZ	
mais-	se-	pen-	sa em	pro-	du-	ZIR

Essas características também podem ser encontradas no exemplo (8):

(8):

4º § [...] *Seguir a máxima robótica ("trabalhar, sem descansar, trabalhar, para os parafusos exercitar") é deveras fácil: basta extrapolar a fronteira da liberdade e adentrar ao mundo dos abomináveis homens reais. (I 07, grifos meus, tema Fronteiras)*³³

O enunciado "trabalhar, sem descansar, trabalhar, para os parafusos exercitar" também pode ser considerado uma construção semelhante, por apresentar, do ponto de vista estilístico, verbos no infinitivo ("trabalhar", "descansar" e "exercitar") como recurso generalizador de uma verdade na tentativa de legitimar sua universalidade. Além disso, essa escolha por verbos da primeira conjugação no infinitivo provoca o surgimento de rimas consoantes as quais podem ser percebidas nas terminações verbais. Do ponto de vista da construção composicional, ele é um enunciado de curta extensão, com um ritmo que o divide em cinco partes com rimas: trabalhar,/ sem descansar,/ trabalhar,/ para os parafusos/ exercitar. Cada uma de suas partes apresenta aproximado número de sílabas poéticas, respectivamente, três, quatro, três, cinco e quatro sílabas poéticas:

1	2	3	4	5	
tra-	ba-	LHAR			
sem-	des-	can-	SAR		
tra-	ba-	LHAR			
pa-	ra os-	pa-	ra-	FU-	(sos)
e-	xer-	ci-	TAR		

³³ Embora o escrevente tenha demarcado por meio de glosa e aspas o enunciado "trabalhar, sem descansar, trabalhar, para os parafusos exercitar" como palavra alheia, na consulta a sites e livros em que havia compilações de provérbios, não encontrei nenhuma menção a esse enunciado como um provérbio recorrente, por isso considere mais pertinente classificá-lo como construção semelhante.

Com essas apreciações, foi possível, nesta seção, investigar como se realiza a recuperação dos componentes do provérbio na qualidade de gênero do discurso em sua captação. Entretanto, a captação proverbial também se constrói a partir da recuperação de modos de elaboração dos componentes genéricos (estrutura composicional, estilo e conteúdo temático) característicos de outros gêneros do discurso, o que analiso no item a seguir.

(B) Vestígios de outros gêneros na captação proverbial

No item anterior, apresentei dois modos de identificação das relações intergenéricas no que se refere à captação proverbial: o primeiro relaciona-se à instituição de um provérbio a partir de outro ou das características do gênero; e o segundo, à introdução dessa instituição em outro gênero. Dessa forma, se, por um lado, a elaboração da captação se baseia na composição do provérbio, por outro, ela se fundamenta, também, na composição de outros gêneros.

Nesta subseção, apresento uma terceira forma de constatação das relações intergenéricas na elaboração da captação proverbial: a subordinação de sua constituição à de outros gêneros.

Analiso, inicialmente, como o escrevente se apropria dos gêneros do discurso que compõem as coletâneas das propostas de redação para realizar a captação proverbial. Posteriormente, verifico de que maneira outros gêneros do discurso, excetuando os já citados, atuam na elaboração da captação proverbial.

(a) Relação entre as marcas de captação proverbial e os gêneros que compõem a coletânea

As coletâneas da proposta de redação são constituídas por diversos gêneros do discurso, o que impõe aos candidatos, não apenas o domínio da redação do vestibular em si, gênero a ser produzido no exame, mas também de outros gêneros do discurso, para que seja possível a compreensão da proposta. Entretanto, nem sempre se torna clara a identificação dos gêneros do discurso

que compõem a coletânea fornecida na proposta de redação, já que, por vezes, os textos são adaptados pela própria FUVEST ou são apresentados apenas em trechos, como ocorre na proposta de redação apresentada a seguir, correspondente ao vestibular da FUVEST do ano de 2006³⁴:

REDAÇÃO

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

Adaptado de A. Simões

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques

Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

Adaptado de site da Internet

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

³⁴ Disponível no site da FUVEST: <<http://www.fuvest.br/vest2006/provas/2fase/por/por06.stm>>. Acesso em: 12 Jul. 2008.

A predominância textual dissertativo-argumentativa que constituem os três textos da coletânea pode indiciar uma relação com gêneros como editorial, ensaio ou artigo. No entanto, adianto que meu interesse não se concentra na denominação dos gêneros apresentados na coletânea, mas, de fato, na existência desses gêneros na elaboração da proposta, o que me permite investigar de que modo se vinculam às marcas de captação proverbial.

Todos os textos apresentam considerações sobre o trabalho, tema a ser desenvolvido na avaliação. O primeiro deles expõe a possibilidade do fim dessa atividade, o que, de certa forma, poderia ser entendido como uma visão positiva desse encargo para os tempos atuais, uma vez que se opõe a concepções de trabalho comumente difundidas pelo pensamento ufanista do capitalista de que o trabalho é uma atividade intrínseca do ser humano e, por isso, sempre o acompanhará mesmo com transformações históricas. No entanto, um fato interessante de ser observado se refere à inexistência de legitimação do conteúdo temático do primeiro texto da coletânea por meio das marcas proverbiais, tanto as de captação como as em que o provérbio aparece integralmente constituído. Em todos os casos em que se dialogava com ele era para contradizê-lo, estabelecendo um diálogo em convergência com as vozes predominantes que elegem o pensamento ufanista capitalista. Dessa forma, na elaboração das marcas proverbiais que dialogam com o gênero que constitui o primeiro excerto da coletânea, o escrevente se apropria do conteúdo temático desse gênero para contestá-lo no conteúdo temático da marca proverbial que instaura, o que ocorre no exemplo de construção modificada abaixo:

(9):

1º § **O trabalho é uma atividade inerente ao homem**, que tornou-se dependente dele para sua subsistência. (C 35, grifos meus, tema Trabalho)

A marca proverbial presente no exemplo (9) “o trabalho é uma atividade inerente ao homem” é a construção modificada do provérbio “o trabalho é inerente ao homem”, relação que se torna nítida ao se observar somente uma pequena ampliação na estrutura do provérbio de origem com o emprego da expressão “uma atividade”. A verdade proverbial disseminada nessa marca proverbial, a mesma do provérbio de origem, defende a inerência do trabalho ao homem, pressupondo a impossibilidade de seu fim enquanto existir a

humanidade. Nesse sentido, há a apropriação do conteúdo temático do gênero do primeiro excerto da coletânea para contradizê-lo a partir da apropriação do conteúdo temático do provérbio de origem que é atestado.

No que se refere ao gênero que compõe o segundo excerto, ele apresenta um conteúdo temático em que se expõem as consequências capitalistas da subordinação penosa (ou a qualquer custo) do homem ao trabalho, como forma de obter uma fonte de amparo financeiro, apresentando uma visão negativa do trabalho. Essa visão, assumida por muitos escreventes, pode ser verificada no emprego do enunciado presente no final desse excerto “o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego” para a elaboração da seguinte marca proverbial:

(10):

5º § [...] ***O homem trabalha e modifica-se, emprega-se matando e desemprega-se morrendo.*** (I 77, grifos meus, tema *Trabalho*)

O enunciado “O homem trabalha e modifica-se, emprega-se matando e desemprega-se morrendo” se apresenta como construção semelhante por ser constituído por características do provérbio. Do ponto de vista da construção composicional e estilística, ele apresenta um ritmo que configura sua construção em três partes compostas, respectivamente, por nove sílabas poéticas, seis sílabas poéticas e oito sílabas poéticas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
o-	ho-	mem-	tra-	ba-	lha e-	mo-	di-	FI-	(ca-se)
em-	pre-	ga-	se-	ma-	TAN-	(do)			
e-	de-	sem-	pre-	ga-	se-	mo-	RREN-	(do)	

Além disso, o uso de “o homem” funciona como um recurso estilístico para causar efeito de universalidade da verdade proverbial, traço típico do provérbio. O vínculo estabelecido com o gênero presente no segundo excerto da coletânea pode ser observado por meio da seleção lexical “emprega-se trabalhando” e “desemprega-se morrendo” e da verdade proverbial instituída, a qual, dialogando em convergência com o conteúdo temático do gênero da coletânea, revela os

malefícios de dois extremos em relação ao trabalho: o esgotamento humano pelo excesso de trabalho e a miséria ocasionada por falta dele.

Em relação ao terceiro gênero que compõe a coletânea, ele propõe uma perspectiva positiva quanto ao trabalho, particularmente, o artístico. Embora esse tipo de trabalho, como os outros, demande muito tempo do artista, ele é considerado uma tarefa que é, ao mesmo tempo, fonte de prazer para o trabalhador. Essa avaliação do trabalho intelectual está associada ao valor social mais elevado atribuído a ele em comparação com o que é atribuído ao trabalho braçal. Comparando a seleção lexical utilizada nesse excerto à utilizada no segundo excerto da coletânea, constata-se essa valorização: “O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida” (texto 3) está em oposição a “uma parte da humanidade está se matando de trabalhar” (texto 2). Assim, enquanto no segundo excerto, considera-se que o excesso de trabalho resulta em um sofrimento exacerbado, no terceiro excerto, em um artefato que reflete a vida do artista; enquanto no texto 2, o envolvimento no trabalho consome o ser humano, no texto 3, garante êxito no processo de construção de sua obra. Essa valorização aparece também no conteúdo temático da marca proverbial que compõe o exemplo (11):

(11):

*3º § Mas o que podemos perceber é que a insatisfação popular dificilmente é encontrada no **trabalho artístico que é muito valorizado e que enaltece o homem**. (C 50, grifos meus, tema Trabalho)*

No exemplo (11), a marca proverbial “o trabalho artístico que é muito valorizado e que enaltece o homem” é uma construção modificada do provérbio “o trabalho engrandece o homem”. Na construção modificada, há a ampliação da estrutura do provérbio de origem com o emprego da expressão “artístico que é muito valorizado e que”, além da substituição da palavra “engrandece” por “enaltece”. Assumindo o conteúdo temático do gênero que constitui o terceiro excerto da coletânea, o escrevente restringe a verdade atestada pelo provérbio de origem na elaboração de sua marca proverbial: a valorização e o enaltecimento não se relacionam a todo tipo de trabalho, mas somente ao artístico. Assim, o conteúdo temático dessa construção modificada resulta da apropriação de uma verdade proverbial, verdade esta ressalvada por meio da apropriação do conteúdo temático de um gênero que compõe a coletânea.

No que diz respeito à proposta de redação do vestibular da FUVEST do ano de 2009³⁵, que exponho a seguir, ela lança aos candidatos o encargo de desenvolver a argumentação sobre o tema *Fronteiras*:

REDAÇÃO

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_frontri%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008.

fronteira

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 Derivação: *por extensão de sentido*. o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 Derivação: *sentido figurado*. o limite, o fim de algo de cunho abstrato.
Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

A composição da proposta do ano de 2009 se mostra diferente daquela do ano de 2006, visto que apresenta um gênero que se apóia na linguagem verbo-visual e um verbete de dicionário, também considerado gênero do discurso. No material de 2009, embora a imagem não demonstre a intolerância entre países vizinhos, a referência mais recorrente à proposta se deu pela discussão de problemas de xenofobia e intolerância cultural presentes, principalmente, na fronteira entre Estados Unidos e México, questionamento provavelmente oriundo de gêneros da esfera escolar. Essa reflexão, proveniente de contatos entre o conteúdo temático do primeiro gênero apresentado na coletânea e do conteúdo temático de gêneros da esfera escolar, encaminhou muitos escreventes ao debate sobre a liberdade como direito e dever humano, o que ocasionou o surgimento de referências ao provérbio “Sua/Minha/Nossa liberdade termina onde começa a do outro” por meio da construção sem aspas nem glosa, da construção modificada e da alusão. Segue, abaixo, um exemplo em que é feita essa referência em uma marca de captação proverbial:

(12):

5º § *O mundo e os homens necessitam de uma reformulação sobre limites, e isto só será adquirido quando todos souberem que **onde termina seu espaço é exatamente onde começa o do seu próximo**, e com respeito e bom-senso ninguém atinge a fronteira de ninguém.* (I 58, grifos meus, tema *Fronteiras*)

No exemplo (11), o enunciado “onde termina seu espaço é exatamente onde começa o do seu próximo” é uma construção modificada do provérbio “sua liberdade termina onde começa a do outro”. Na construção modificada, há a substituição da palavra de mesmo campo semântico “liberdade” por “espaço” e de “outro” por “próximo”. Ocorre, também, ampliação da estrutura composicional do provérbio de origem com o emprego das palavras “onde” — citada pela primeira vez na construção modificada — “é” e “exatamente”. Além disso, o primeiro sintagma da estrutura composicional do provérbio de que provém a construção modificada sofre inversão de “sua liberdade termina” para “termina seu espaço”. No que se refere à seleção lexical, o emprego da palavra “espaço” na construção semelhante no lugar de “liberdade” parece estar relacionado à da primeira acepção do verbete “parte limítrofe de um espaço em relação ao outro” e/ou à terceira em que se diz “o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço”. Apesar das transformações na estrutura composicional do provérbio de

origem as quais geraram a construção modificada, o conteúdo temático do provérbio de origem foi mantido.

Em outro exemplo, é possível perceber como as acepções do verbete podem dialogar com as escolhas lexicais para a elaboração de uma marca proverbial:

(13):

6º § *Na vida, no mundo, em nós. **Tudo há um limite.** Sabemos das fronteiras existentes em tudo. Mas, continuamos andando. Avançando adentro dos limites estabelecidos por nós. [...]* (C 31, grifos meus, tema *Fronteiras*)

No exemplo (13), o enunciado “tudo há um limite” é uma construção modificada do provérbio “há limite para tudo”, o que se percebe pela inversão da ordem dos itens lexicais:

Note-se que em “há limite para tudo” a verdade proverbial está construída com base na forma impessoal do verbo e na indeterminação marcada pela ausência de determinante antes do nome “limite”. A construção modificada “tudo há um limite” parece ser uma formulação híbrida, marcada, por um lado, pela relação com o provérbio e, por outro, com o cruzamento do provérbio com uma expressão do diálogo cotidiano. Neste último caso, a topicalização de “tudo” com omissão da preposição “para” dá partida para a retomada do provérbio, no entanto, ela é descontinuada pela expressão “há um limite”, muito usada em contextos de ressalva, como por exemplo, em: “Fulano é ambicioso, mas há um limite [para a ambição]”, expressão que funciona como uma particularização do provérbio, produzindo uma mudança no alcance da verdade atestada pelo provérbio de origem. Em relação ao vínculo estabelecido entre a marca proverbial e os gêneros da coletânea, apesar de o tema proposto na avaliação ser “fronteiras”, o resgate de suas acepções apresentadas no verbete — especificamente a terceira e a quarta em que “limite” é exposto como seu sinônimo — tornou possível que o escrevente estabelecesse um diálogo com um

provérbio existente, em que “limite” compunha seu conjunto lexical, para, assim, elaborar a marca proverbial em questão.

Na captação de provérbios a partir dos textos fornecidos pela coletânea, vários tipos de marcas de captação proverbial são possíveis, mas parece constituir uma constante que essa captação se oriente pelo critério temático. Nessas marcas proverbiais, não se apresentam apenas vestígios do provérbio, nem tão-somente vestígios dos gêneros que constituem a coletânea. Há, também, outros gêneros ligados a outras práticas sociais com que, direta ou indiretamente o escrevente tem contato, o que se constata na subseção seguinte.

(b) Relação das marcas de captação proverbial com outros gêneros

Nas marcas de captação proverbial também é possível identificar resquícios de outros gêneros do discurso, não somente daqueles apresentados pela proposta do vestibular em situação imediata de avaliação, mas também daqueles que, por estarem, direta ou indiretamente, presentes no cotidiano do escrevente, atuam em sua escrita.

Uma dessas atuações se concretiza na relação entre a própria redação de vestibular e o emprego da alusão: como vimos anteriormente, na alusão, obliteram-se quase por completo as características estruturais que se referem às de um provérbio ao mesmo tempo em que a palavra alheia não é apenas introduzida na construção composicional da redação de vestibular, mas diluída nela, resgatando, portanto, características estilísticas desse gênero. O reconhecimento de uma referência a um provérbio se realiza por meio do resgate de uma verdade proverbial, o conteúdo temático de um provérbio que, por sua vez, dialoga com o de outros gêneros do discurso.

A seguir, apresento dois exemplos — um do material de 2006 e outro do material de 2009 — em que se verifica esse modo de constatação das relações intergenéricas:

(14):

1º § *Ao longo dos anos, a humanidade se esforçou em prol de si mesma. **Todo trabalhador exerce sua função para proporcionar uma vida confortável a sua família, e um dia poder descansar, para assim poder gastar seu tempo apenas consigo mesmo.** [...] (L 15, grifos meus, tema Trabalho)*

O enunciado destacado em negrito no exemplo (14) alude ao provérbio “quem bem trabalhou, melhor descansou”, o que se percebe por meio da relação entre dedicação ao trabalho e descanso futuro. A construção composicional e as escolhas estilísticas desse enunciado não são próprias do gênero aludido, mas do gênero em que se insere. Isso pode ser percebido pelo estilo narrativo que permeia esse trecho, recurso recorrente no parágrafo introdutório de uma redação de vestibular, como forma de situar um tema, o que atenua a presença de um gênero – o provérbio – menos recomendado pela escrita escolar. Além disso, esse enunciado é formado por um encadeamento sintático complexo, característica mais distante da sintaxe simples e de curta extensão como é a de um provérbio. Do ponto de vista do conteúdo temático, além de resgatar a verdade propagada pelo provérbio de origem, apresenta relação com gêneros tal como o diálogo cotidiano, que passa a ocupar espaço na redação de vestibular. Isso se explica pelo fato de que o conteúdo temático expresso, que mobiliza a discussão sobre a busca do repouso após longos anos de dedicação ao trabalho, não está restrito à redação do vestibular ou ao próprio provérbio, mas também se faz presente em outros gêneros como o diálogo cotidiano.

Na sequência, apresento outro exemplo de alusão, em que se podem verificar os aspectos exibidos da relação entre gêneros do discurso:

(15):

6º § ***A fronteira da humanidade está na realidade dentro de cada ser humano que não consegue superar o próprio “ego”.** (I 87, grifos meus, tema Fronteiras)*

O fragmento em destaque no exemplo (15) “A fronteira da humanidade está na realidade dentro de cada ser humano que não consegue superar o próprio ‘ego’” alude ao provérbio “a nossa fronteira somos nós”, o que pode ser percebido pela relação entre a ação humana e a imposição de fronteiras. Por meio dessa alusão, busca-se sustentar a afirmação de que o ser humano impõe seus próprios limites e, por isso, não consegue superá-los. Considero essa marca proverbial como fruto do encontro com gêneros da esfera midiática, nos quais,

por meio de seu conteúdo temático, se mostra, devido à maior ocorrência de enfermidades relacionadas a causas emocionais na contemporaneidade, a importância dada pela ciência psicológica e pela autoajuda ao comportamento mental do ser humano que, por vezes, compromete sua sanidade ao se autolimitar. Em relação à construção composicional e à seleção estilística, na alusão em questão, esses componentes são assimilados da redação de vestibular, como se pode verificar, por exemplo, pelo emprego de estrutura sintática diversa daquela utilizada no provérbio, que tende a ser breve e sintética.

A participação de outros gêneros do discurso na elaboração de marcas de captação proverbial pode ser observada, também, nos exemplos de construção modificada que apresento, a seguir:

(16):

7º § *O trabalho. O mesmo trabalho. Aquele que nunca terá fim. **O trabalho que engrandece o homem.*** (L 33, grifos meus, tema Trabalho)

No exemplo (16), que se refere ao material do vestibular do ano de 2006 (tema *Trabalho*), o enunciado “O trabalho que engrandece o homem” revela-se como uma marca proverbial proveniente de “o trabalho engrandece o homem”. A relação da construção modificada com o provérbio de origem pode ser percebida nitidamente pela permanência das expressões “o trabalho” e “engrandece o homem”, ocorrendo apenas uma pequena ampliação ocasionada pela inserção do pronome relativo “que”. A introdução desse pronome no provérbio foi gerada pela busca da manutenção de uma gradação iniciada no mesmo parágrafo em “O trabalho. O mesmo trabalho. Aquele que nunca terá fim”. Aliados ao recurso da gradação, a extensão de cada enunciado e o excesso de pontuação entre eles parecem aproximá-los da estrutura composicional e da elaboração estilística de um poema. A marca proverbial em questão se mostra, portanto, como um dos “versos” desse breve “poema” que compõe a conclusão da redação de vestibular. Além disso, em relação ao conteúdo temático dessa construção modificada, além de manter a verdade disseminada pelo provérbio de origem, por defender o trabalho como fonte de valorização da natureza humana, estabelece um vínculo com o diálogo cotidiano e com gêneros da esfera religiosa, que passam a ocupar um espaço no gênero atual, a redação de vestibular.

No exemplo (17), referente ao vestibular de 2009 (tema *Fronteiras*), pode-se perceber, também, a relação entre a construção modificada e outros gêneros do discurso:

(17):

3º § Na nossa sociedade, **status é tudo** (e sem contar com a aparência física). Bons cargos, ótimos salários, beleza exuberante tornaram-se motivo de orgulho para nós, o que, na realidade, essa nossa atitude é motivo de grande vergonha. [...] (C 35, grifos meus, tema *Fronteiras*)

No exemplo (17), o enunciado “status é tudo” se apresenta como construção modificada do provérbio “dinheiro é tudo”. Essa relação pode ser observada pela permanência da expressão “é tudo” e a substituição da palavra “dinheiro” por “status”. Se “dinheiro” for compreendido como motivo do “status”, pode-se afirmar que pouco se altera a verdade propagada pelo provérbio de origem. A defesa do status como forma de valorização social se dá pelo vínculo estabelecido com gêneros da esfera midiática e com o diálogo cotidiano.

Como última marca proverbial a ser tratada, a elaboração da construção semelhante será vista segundo sua realização pelo resgate de outros gêneros. Para esse tipo de marca proverbial, pressuponho que seu conteúdo temático está sempre vinculado ao de outros gêneros do discurso. Cada vez que se elabora um enunciado com características formais de um provérbio, se institui uma nova verdade proverbial, verdade esta, portanto, originada de outros gêneros. Neste trabalho, criar uma nova verdade proverbial significa aparentar ser universal ao ser deslocado para o campo do dizível aquilo que é do campo do vivido.

Exponho, na sequência, dois exemplos — um do vestibular de 2006 e outro do vestibular de 2009, respectivamente — que ilustram essa peculiaridade da construção semelhante:

(18):

5º § O trabalho é necessário, até mesmo para nos sentirmos úteis, mas como tudo na vida: **exagerar não faz bem**. (FE 32, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo (18), o enunciado “exagerar não faz bem” se apresenta como construção semelhante por resgatar características estilísticas e composicionais do provérbio na qualidade de gênero do discurso, tais como: a) ausência de especificador para o verbo substantivado “exagerar”, o que confere um efeito de

universalidade à afirmação; b) ritmo que configura o enunciado em duas partes compostas, respectivamente, por quatro sílabas poéticas e três sílabas poéticas:

1	2	3	4
e-	xa-	ge-	RAR
não-	faz-	BEM	

A última característica citada revela, também, a relação dessa construção semelhante com outros gêneros organizados em verso. A difusão do exagero como prejudicial ao ser humano, compreendida no conteúdo temático da construção semelhante em questão, é proporcionada por meio da relação estabelecida com o diálogo cotidiano e com gêneros da esfera midiática que difundem o bem-estar da humanidade.

Segue mais um exemplo em que se pode verificar a relação da construção semelhante com outros gêneros do discurso:

(19):

4º § *Quando temos essa força de vontade, nossos conhecimentos são ampliados, nossas habilidades desenvolvidas e as dificuldades superadas. Esse é o momento em que derrubamos as fronteiras. Não as do mundo material, mas aquelas que costumam existir dentro de nós e nos limitam a desenvolver diante do novo. Ao deixarmos levar por isso estamos esquecendo: - **Sempre somos capazes de melhorar.** (I 39, grifos meus, tema *Fronteiras*)*

No exemplo (19), que se refere ao material de 2009, o enunciado “Sempre somos capazes de melhorar” pode ser considerado uma construção semelhante por empregar verbo na primeira pessoa do plural, como recurso para estabelecer efeito de universalidade e por utilizar palavras que apresentam consoantes fricativas (“sempre”, “somos”, “capazes”), produzindo um efeito de harmonia de sons tal como pode ocorrer nos provérbios em geral. A crença na competência humana para alcançar satisfação pessoal, estabelecida pelo conteúdo temático da construção semelhante em questão, é provocada pelo vínculo instituído com o diálogo cotidiano, com gêneros da esfera midiática e, até mesmo, com gêneros da esfera escolar.

Nesse subitem, verifiquei que a participação de outros gêneros – que não os da coletânea e o próprio provérbio – na elaboração das marcas de captação proverbial se realiza por meio da aproximação de seus componentes com os

dessas marcas proverbiais. Desse modo, pude atestar, mais uma vez, a característica intrínseca do provérbio, como de todos os gêneros do discurso, de se relacionar com outros para que se torne possível sua constituição. Na próxima seção, analiso, como traço peculiar do funcionamento discursivo do provérbio, que pressupõe, também, seu envolvimento com outros gêneros, sua composição cronotópica.

2.1.3. Relações cronotópicas nas marcas proverbiais: um exemplo

Conforme mencionei em capítulo anterior, baseando-me no conceito de cronotopo desenvolvido por Bakhtin (2010), concebo que a constituição cronotópica do provérbio na qualidade de gênero do discurso decorre do mecanismo das relações intergenéricas, uma vez que esse gênero se apropria de pelo menos uma delimitação espaço-temporal (um cronotopo) incorporada ao conteúdo temático de seu gênero receptáculo.

Entretanto, essa incorporação do cronotopo no gênero receptáculo não se dá apenas pela relação de adaptação entre conteúdos temáticos, mas também entre construções composicionais e estilos do gênero. Neste trabalho, em função do material analisado – redações produzidas em dois diferentes exames vestibulares, ambos sob exigência institucional de obediência ao tema por parte dos vestibulandos –, abordo a questão do cronotopo apenas do ponto de vista do conteúdo temático do gênero. Ao centrar a atenção no aspecto do conteúdo temático, procuro tomá-lo como um dado essencial na apropriação que o escrevente faz do provérbio no contexto das redações do vestibular. No entanto, as adaptações do provérbio no tocante ao aspecto da construção composicional e do estilo do gênero, embora não constituam o centro de minha preocupação no tratamento das relações cronotópicas, estão já, de algum modo, abordadas na classificação que faço das marcas proverbiais. Pense-se, por exemplo, na nomeação que escolhi dar para “construção modificada”, “alusão” e construção semelhante”, todas elas marcando alterações da forma do provérbio original em função de sua inserção no novo contexto espaço-temporal da redação de vestibular. Pode-se, também, facilmente constatar que, mesmo quando a apropriação do provérbio se dá integralmente, sua forma é afetada, já que ele se

enquadra numa nova construção composicional, o que tem efeito nas relações internas do provérbio, afetando, pois, tanto a construção composicional quanto o estilo de origem.

Além dessas considerações, vale lembrar que, ao considerar o caráter dialógico do cronotopo constatado por Bakhtin, assumo que o cronotopo instaurado no provérbio em cada situação de uso se vincula a outros cronotopos situados dentro ou fora do gênero em que o provérbio se insere.

Com a intenção de verificar de que maneira se realiza a constituição cronotópica do provérbio, analiso, a seguir, primeiramente, um exemplo que se refere ao material de 2006 e, num segundo momento, um exemplo que se refere ao material de 2009:

(20):

1º § *Ninguém sabe quem inventou o trabalho. [...] O que é sabido e que, desde que o homem adquiriu sapiência, nesse mundo se trabalha. [...] Lascar todas aquelas pedras deu muito trabalho. [...] Ser da pré-história foi muito trabalhoso.*

2º § *Então inventaram a escrita e a civilização, que era pra dar menos trabalho. [...] Nascia a divisão do trabalho. **Uns mandam, outros fazem.** [...] Jardins Suspensos na Babilônia. Que trabalhadeira! E o que dizer das Pirâmides do Egito? Pois é, deu trabalho ser civilizado.*

3º § *Não trabalhavam menos nos feudos da Noite dos Mil Anos. E sem adicional noturno. [...]*

4º § *Com a modernidade, as máquinas: invenções para poupar trabalho, e gerar mais trabalho. Paradoxal? [...] E nasce o trabalho especializado. [...] (L 22, grifos meus, tema Trabalho)*

No segundo parágrafo da redação apresentada, pode-se localizar o provérbio integralmente constituído “Uns mandam, outros fazem”. Por não apresentar nenhum elemento, como aspas e/ou glosas, que funcione como indicação de recuperação da palavra alheia, considero essa marca proverbial uma construção sem aspas nem glosa. A marca proverbial em questão apresenta um conteúdo temático que versa sobre relações hierárquicas estabelecidas em um sistema econômico. Embora aparente se tratar do capitalismo pela relação estabelecida entre lucro acumulado e trabalho alheio, o escrevente situa na redação o tempo e o espaço dessa verdade proverbial a partir da invenção da escrita, ocasionando a divisão do trabalho, o que pode ser percebido em “Então inventaram a escrita e a civilização, que era pra dar menos trabalho. [...] Nascia a divisão do trabalho”. Como o capitalismo se instaurou a partir do século XV, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, e a escrita foi elaborada por volta de 4000 a.C., o cronotopo a que se refere esse provérbio se instala antes

do surgimento do capitalismo na sociedade. Sendo assim, o cronotopo do provérbio em análise, nessa situação de emprego, está vinculado a todo o percurso histórico-social em que se retrata a suposta divisão do trabalho após a invenção da escrita. Outro dado interessante se refere ao fato de que o cronotopo do provérbio analisado estabelece uma relação dialógica de confronto com um cronotopo em que não havia a divisão do trabalho nem a escrita: a pré-história, quando o trabalho era organizado de maneira coletiva. Isso pode ser percebido no primeiro parágrafo da redação em “Lascar todas aquelas pedras deu muito trabalho. [...] Ser da pré-história foi muito trabalhoso” e, posteriormente, no início do segundo parágrafo com o emprego da palavra “então” com sentido de “em momento futuro” como sinal de transição cronotópica. Passemos ao exemplo do vestibular de 2009:

(21):

1º § *As fronteiras determinam o limite de um espaço para outro [...] Elas figuram [...] com o papel de “separar” povos e diferentes nações [...]*

2º § *Se por um lado as fronteiras colaboram na formação de povos, pelo outro, o desrespeito de tal marco pode causar conflitos mortais. [...] pode-se tomar como exemplo a invasão da Polônia que fez com que eclodisse a Segunda Guerra Mundial. Um outro exemplo [...] se deu na África, onde colonizadores não respeitaram os diferentes povos.*

3º § *Essa divisão de lugares so é positiva quando se sabe respeitar os espaços alheios, afinal ela pode ser comparada com a liberdade, pois, **a sua liberdade termina onde começa a do seu próximo**. (C 50, grifos meus, tema Fronteiras)³⁶*

O terceiro parágrafo da redação apresenta o provérbio “a sua liberdade termina onde começa a do seu próximo”, que, na ausência de aspas, glosas ou qualquer outro elemento que delimite a palavra alheia, pode ser interpretado como construção sem aspas nem glosa. A realização cronotópica no conteúdo temático dessa marca proverbial surge como resposta opositiva a cronotopos em que se desrespeitou a liberdade alheia, como exemplificado pelo escrevente no segundo parágrafo da redação, no qual se demonstram guerras e conflitos gerados pela ultrapassagem de um limite alheio. Como no tempo decorrido a possibilidade de respeito ao espaço alheio já não pode mais se efetivar, torna-se possível inferir que o cronotopo do provérbio em questão se refere à sociedade contemporânea, uma sociedade do presente e do futuro que se concretiza como o espaço e o tempo em que ainda se torna possível a busca pelo respeito à liberdade do outro.

³⁶ Esse mesmo texto será analisado com outra finalidade no exemplo 36.

Como se pode observar, em ambos os vestibulares, naturalmente com temas diferentes, foram utilizadas construções integrais sem aspas nem glosa como forma de apropriação do cronotopo do conteúdo temático do gênero receptáculo. Optei por exemplificar com esse tipo de apropriação em virtude de, na ausência de aspas e de glosa, o provérbio integral parecer ser mais facilmente moldável ao tema do gênero receptáculo. Em outras palavras, na ausência de um dizer específico a ser demarcado por aspas ou por glosa, toma-se como o já-dito do provérbio o tema (novo) apresentado na proposta de redação, submetendo-o à configuração formal e de conteúdo - isto é, com forma cristalizada e pretensão de verdade universalizável - do provérbio na qualidade de gênero do discurso.

Neste item, a apropriação do cronotopo do conteúdo temático da proposta feita pelo Vestibular se dá, como acredito ter mostrado, em função da relação entre gêneros. Dessa forma, foi possível constatar, por meio da noção de cronotopo, o vínculo intrínseco entre gêneros, desta vez evidenciado pela presença de marcas proverbiais (de procedência vária) na redação de vestibular. Essas marcas, embora sejam recorrentes nas redações de vestibular, não são empregadas todas na mesma proporção, o que verifico a seguir.

2.1.4. Contabilização das marcas proverbiais

Como resultado dos registros de marcas proverbiais em cada material, foi possível identificar que entre as sessenta redações correspondentes ao exame de 2006, quarenta e duas (70%) apresentam marcas proverbiais, sendo contabilizadas setenta e uma ocorrências dessas marcas³⁷. Entre as correspondentes ao exame de 2009, vinte e nove (48,3%) contêm essas marcas, atingindo um total de trinta e duas ocorrências. Não proponho explicar a diferença quantitativa das marcas proverbiais nos dois conjuntos de redações, mas interessa-me explorar o que essa amostra de textos pode revelar sobre o funcionamento discursivo dessas marcas.

O elevado percentual de redações em que se empregam marcas proverbiais e o alto índice de sua ocorrência revelam uma aparente contradição

³⁷ Tanto no material de 2006 quanto no de 2009 existem casos em que há mais de uma marca proverbial em um mesmo texto.

no que tange ao atendimento às restrições escolares (ensino regular e cursos preparatórios para o vestibular) quanto ao uso de provérbios na composição escrita de pré-universitários: apesar da contraindicação de se lançar mão de expressões cristalizadas em redações de vestibular, o candidato se vale desse recurso para a construção de seu texto. No entanto, por meio de dados apresentados nas tabelas que seguem, interpreto essas recomendações como um provável fator limitante para o uso de determinadas marcas proverbiais, o que explico mais adiante:

Tabela 3 - Quantificação das marcas proverbiais no material de 2006

Tipo de marca	Nº	%
Construção com aspas e/ou glosa	5	7,1
Construção sem aspas nem glosa	5	7,1
Construção modificada	13	18,3
Alusão	28	39,4
Construção semelhante	20	28,1
Totalização	71	100

Tabela 4 - Quantificação das marcas proverbiais no material de 2009

Tipo de marca	Nº	%
Construção com aspas e/ou glosa	1	3,1
Construção sem aspas nem glosa	3	9,4
Construção modificada	13	40,6
Alusão	8	25
Construção semelhante	7	21,9
Totalização	32	100

Nas duas tabelas, destaca-se a preponderância do emprego das marcas proverbiais construção modificada, alusão e construção semelhante, que pode ser percebida pelo índice superior a 80% da presença dessas marcas em cada conjunto de textos. Como essas são marcas em que se tornam opacos os traços de referência direta a um provérbio já existente, ou seja, são as marcas que mais se afastam da estrutura integral de um provérbio, esse predomínio pode estar relacionado às orientações de professores em relação ao emprego de

estruturas cristalizadas em redações, com efeito, o que se comprova, também, pelo baixo índice do emprego de marcas proverbiais em que o provérbio se mostra integralmente constituído (abaixo de 15% em ambos os materiais). Nesse sentido, referências a provérbios são difundidas pelos professores e parecem ser interpretadas pelos alunos mais como o uso de um clichê do que como o de um argumento de autoridade, possivelmente porque os provérbios não estão vinculados a um conhecimento científico, mas popular e anônimo.

O apagamento da referência à palavra alheia que se instaura no uso da construção modificada, da alusão e da construção semelhante pode ser, portanto, compreendido como a busca do escrevente por originalidade. No entanto, na perspectiva que adoto, a noção de originalidade é relativizada, uma vez que não há ineditismo puro: o já-dito é sempre retomado, sem que essa retomada seja, no entanto, uma mera reprodução.

Pode-se afirmar, então, que o escrevente busca, de alguma forma, seguir recomendações dos professores quanto à restrição do uso de provérbios em redações de vestibular, no entanto nem sempre se torna possível controlar a invasão desses saberes cristalizados em seu texto, o que pode ser visto também nas funções textuais das marcas proverbiais, tratadas na seção seguinte.

2.2. O aspecto argumentativo das marcas proverbiais

A inserção obrigatória em outro gênero do discurso é constitutiva do funcionamento discursivo do provérbio (LYSARDO-DIAS, 2004), o que caracteriza, a meu ver, um mecanismo intergenérico particular. A partir desse mecanismo, o provérbio torna-se fragmento de outro gênero, o que lhe permite atuar sobre a constituição textual desse outro gênero. Em outras palavras, ao funcionar discursivamente, o provérbio exerce uma função textual em seu gênero receptáculo. Sem qualquer preocupação normativa, investigo as funções textuais executadas por cada tipo de marca proverbial nas redações de vestibular.

Tomo como pressuposto que o emprego de cada tipo de marca proverbial em dada parte da construção composicional do gênero implica certa relação: se a marca proverbial for utilizada na introdução, sua relação será, em geral, com a

tese defendida; se ela for utilizada no desenvolvimento, sua relação será, mais frequentemente, com os argumentos; e se ela for utilizada na conclusão, sua relação será, em geral, com a tese e/ou com os argumentos apresentados na redação. Cada tipo de marca proverbial em cada parte da construção composicional da redação pode exercer funções textuais específicas. Uma maior ocorrência de um tipo de marca proverbial em certa parte da construção composicional da redação pode denunciar uma função textual predominante desse tipo de marca. Como recurso para auxiliar a localização de dados relacionados à frequência de marcas proverbiais, apresento tabelas com a distribuição das marcas proverbiais e de cada tipo de marca proverbial em cada parte da construção composicional da redação de vestibular. Tomo como ponto de partida para localizar indícios sobre essas funções, em um primeiro momento, a interpretação dos dados referentes à distribuição das marcas proverbiais em cada parte da construção composicional das redações – introdução, desenvolvimento e conclusão - e, em um segundo momento, a aplicação do mesmo procedimento para cada tipo de marca proverbial. Ambos os procedimentos são seguidos pela constatação desses indícios na análise das redações.

2.2.1. As marcas proverbiais e a construção composicional da redação de vestibular

A tabela 5 mostra a disposição das marcas proverbiais em cada uma das partes da construção composicional da redação de vestibular. Nela, além de semelhanças em relação à maior incidência dessas marcas nos dois conjuntos de textos, apresentam-se resultados significativos de ordem de menor frequência:

Tabela 5 - Disposição das marcas proverbiais nas partes da construção composicional da redação de vestibular

Partes da redação	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	16	15,5	3	3	19	18,5
Desenvolvimento	34	33	16	15,5	50	48,5
Conclusão	21	20,4	13	12,6	34	33
Totais	71	68,9	32	31,1	103	100

Destaca-se, na distribuição das marcas proverbiais em cada parte do texto, a afinidade quantitativa entre os dois conjuntos de redação. Os maiores índices de marcas proverbiais se concentram no desenvolvimento dos textos — trinta e quatro marcas no material de 2006 e dezesseis marcas no material de 2009, totalizando 48,5% de marcas nessa parte do texto —, enquanto que os menores índices se reúnem na introdução dos textos — dezesseis marcas no material de 2006 e três marcas no material de 2009, totalizando 18,5% de marcas nessa parte dos textos.

Considerando que o desenvolvimento da redação de vestibular é a parte de sua composição em que deve ser conduzida a argumentação para a sustentação de uma tese e que os provérbios são saberes de valor fortemente argumentativo, pois expõem uma verdade que se apresenta como irrefutável, pode-se afirmar que o elevado índice de marcas proverbiais no desenvolvimento se deve ao fato de elas funcionarem como formas de argumentação. Vejamos um exemplo:

(22):

1º § *Um castigo. Um calvário. Ou, para os mais contemporâneos, uma necessidade. [...] Portanto fica mais fácil entender porque muitos sonharam, e tantos outros ainda sonham, com o fim desta "perversa obrigação". [...]*

2º § [...]

3º § [...] *há quem diga que da mesma forma que o homem decidiu "inventar" o trabalho, ele pode [...] vir a ser abolido. Um pensamento bastante radical e ingênuo, visto que o trabalho não é uma "invenção", mas representa sim uma evolução para efetuar a vida em sociedade.*

4º § *Encaremos os fatos: **o trabalho é nato do homem**, erro é limitá-lo exclusivamente ao salário. [...]* (FE 12, grifos meus, tema Trabalho)

No primeiro parágrafo da redação o escrevente descreve algumas formas de como o trabalho vem sendo interpretado negativamente, definindo essa

atividade como "castigo", "calvário" e "necessidade". O terceiro parágrafo se inicia com um tom mais narrativo³⁸, apresentando a existência de opiniões difundidas em defesa da possibilidade do fim do trabalho. Ainda nesse parágrafo, o tom dissertativo começa a predominar em seu último período em que o escrevente se contrapõe a esse juízo, ao compreender que, como o trabalho não foi inventado, ele não pode ser eliminado. No quarto parágrafo, localiza-se o enunciado "o trabalho é nato do homem" que pode ser classificado como construção modificada do provérbio "o trabalho é inerente ao homem", pela substituição do adjetivo "inerente" por "nato" e pela troca da preposição combinada com artigo "ao" por "do", cumprindo as regras de regência nominal. A expressão definítoria "o trabalho é" e a referência ao "homem" em geral são mantidas, na mesma ordem de sua construção de origem, o que permite reconhecer sua relação com o provérbio de que procede. Esse exemplo de construção modificada funciona como alicerce para a defesa do ponto de vista do escrevente e se destaca, em primeiro lugar, por sua formulação que se apresenta como universalizante e, em segundo lugar, por sua potencialidade argumentativa, de modo a contestar de maneira irrefutável a ideia de que o trabalho deixará de existir. A incontestabilidade desse enunciado é validada por meio da injunção que o antecede "encaremos os fatos". Ainda nesse parágrafo, é apresentado um conflito com as vozes presentes no primeiro parágrafo que atribuem ao trabalho um valor negativo: com a afirmação "erro é limitá-lo exclusivamente ao salário" o escrevente busca retificar as interpretações negativas que surgem a partir de uma concepção que define como indissolúvel a condição entre trabalho e homem, explicitando que a limitação do trabalho ao salário é que o tornaria uma atividade necessária e obrigatória, portanto, um mal para a sociedade, e não sua existência em si. Pressupõe-se, então, uma visão positiva da relação constitutiva entre trabalho e ser humano, vinculada ao prazer em exercê-lo e à aptidão para um determinado ofício.

Retornando aos dados da tabela, o fato de haver menor incidência das marcas proverbiais na introdução - parte da redação apresentada em manuais como o momento em que se expõe a tese a ser defendida - explica-se ao presumi-las como constitutivas da tese a partir de sua inserção no início do

³⁸ No exemplo apresentado, é possível atestar a heterogeneidade dos gêneros do discurso, não apenas pelo uso de uma marca proverbial, mas também pela variação de tipologias textuais (descrição, narração e dissertação) que, juntas, constituem um gênero predominantemente argumentativo.

texto. Se a tese é o espaço em que se expõe a fundamentação a ser sustentada no desenvolvimento, o emprego de uma marca proverbial na tese poderia se desdobrar nas seguintes ações: a de ele se tornar a própria tese ou a de ser questionado como recurso para a elaboração da tese. Em ambos os casos, a atribuição do caráter de argumento irrefutável e acabado que se dá ao provérbio pode ser tomada pelo escrevente como fator comprometedor da construção do desenvolvimento do texto, visto que pode lhe parecer pouco pertinente questionar o incontestável ou defender um argumento que já se apresenta como completo e atestado.

Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que, embora seu número de ocorrências na introdução seja reduzido, as marcas proverbiais não deixam de surgir nessa parte do texto. Destacam-se, na introdução, as seguintes funcionalidades dessas marcas, a saber: uso como tese, como exemplificação da tese e como tentativa de construção da tese a partir da contestação de uma verdade proverbial. Exemplifico, a seguir, essas funções com trechos de três redações.

(23):

1º § *É o que a maioria das pessoas pensa: **é preciso ter trabalho para ser feliz**. Cada um deve exercer uma função social para que se tenha satisfação pessoal.*

[...]

5º § *Seja no trabalho artístico, desenvolvido a partir da emoção, no científico, que resulta de pesquisas, ou no trabalho operário, que é repetitivo e muitas vezes monótono, o fato é todo trabalho é essencial à felicidade e vida do homem e é também a base da organização da sociedade em que vive. (I 30, grifos meus, tema Trabalho)*

Nesse exemplo, com o uso da glosa “é o que a maioria das pessoas pensa”, o escrevente aparenta, inicialmente, prosseguir seu texto com uma opinião à qual ele irá se contrapor, uma vez que a referência à terceira pessoa gramatical em “a maioria das pessoas” parece expor um juízo alheio de que, portanto, o escrevente é excluído. Entretanto, ele instaura um consenso ao assumir que “cada um deve exercer uma função social para que se tenha satisfação pessoal”, argumentando em favor da busca da felicidade por meio do trabalho, momento em que o enunciado “é preciso ter trabalho para ser feliz” é tomado como tese. Esse enunciado alude ao sentido historicamente construído do provérbio “o trabalho traz felicidade”, o que pode ser percebido através da relação de finalidade estabelecida entre trabalho e felicidade. Assim, o que

outrora parecia ser apenas palavra alheia, tornou-se, também, palavra própria que se revela como tese de sua redação, fato comprovado igualmente no quinto parágrafo. Nele, o texto é concluído, ao fazer uma nova alusão ao provérbio “o trabalho traz felicidade” em “todo trabalho é essencial à felicidade e vida do homem”, reafirmando a tese.

Segue mais um exemplo de marca proverbial na introdução:

(24):

1º § *A palavra fronteira tem sido a grande limitação para o nosso desenvolvimento intelectual. Muitas vezes, **quando temos algum problema, o qual não conseguimos superá-lo imediatamente, as criamos dentro de nós.** É uma justificativa para mascarar as dificuldades que temos de nos relacionar com o novo.*
[...] (I 39, grifos meus, tema *Fronteiras*)

O escrevente inicia seu texto apresentando a seguinte tese: “a palavra fronteira tem sido a grande limitação para o nosso desenvolvimento intelectual”. No período seguinte, destaca-se o fato de a expressão “muitas vezes” criar uma zona de conflito com a palavra “quando”, uma vez que esta indica um marco temporal definido, enquanto aquela, uma frequência temporal. Além disso, não é possível deslocar essa expressão para o meio do enunciado que o segue, pois se chocaria com o marco temporal “imediatamente”. Entendo, então, que essa expressão não exerce propriamente uma função temporal, mas funciona como anúncio de um exemplo, podendo ser substituída pela locução “por exemplo”. Desse modo, o enunciado “quando temos algum problema, o qual não conseguimos superá-lo imediatamente, as criamos dentro de nós” desempenha o papel de exemplificação da tese apresentada. Esse enunciado é considerado uma marca proverbial, por aludir ao provérbio “a nossa barreira somos nós”, ao expor que os limites do ser humano são estabelecidos a partir de seu desequilíbrio psicológico.

O último exemplo de marca proverbial na introdução se refere ao seguinte fragmento de uma redação:

(25):

1º § *Pensando em trabalho pode nos vir à cabeça a expressão popular **“o trabalho edifica o homem”.** Seria verdadeira a expressão ou **o homem edifica seu trabalho?***
[...] (C 15, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo (25), é citado o provérbio aspeado “o trabalho edifica o homem” que em seguida é contestado por meio de sua construção modificada “o homem edifica o seu trabalho”. Nota-se, na construção modificada, a ocorrência de uma inversão entre o termo inicial “trabalho” e o termo final “homem” do provérbio de origem. A interrogação feita ao final do período implanta no leitor uma atmosfera de suspense em relação a qual seria a tese a ser defendida: a do provérbio aspeado ou a de sua contestação. Essa atmosfera incita o leitor a buscar no desenvolvimento do texto argumentos que lhe respondam a essa questão.

Por fim, em relação ao percentual de incidência de marcas proverbiais na conclusão dos textos, ele também se mostra importante por ser elevado — vinte e uma marcas no material de 2006 e treze marcas no material de 2009, totalizando 33% de marcas nessa parte do texto. Na conclusão, evidencia-se, também, o aproveitamento do caráter argumentativo das marcas proverbiais por parte do escrevente, ao constatar que, quando utilizadas nessa parte do texto, exercem funções, tais como a de argumento justificativo de outro que o antecede, conforme exemplifico, a seguir:

(26):

1º § *Mesmo que o trabalho seja uma criação do homem, este tornou-se submisso a ele. O trabalho e sua forma de execução está em constante transformação, porém é de modo geral utópico dizer que ele poderá desaparecer. [...]*

[...]

5º § [...] *Portanto **o trabalho é o “que” substancial do homem** mesmo sendo algo externo à ele. [...]* (I 77, grifos meus, tema Trabalho)

No quinto parágrafo, a conclusão do texto, a seguinte construção semelhante é usada: “o trabalho é o ‘que’ substancial do homem”. Esse enunciado é constituído por predicação de caráter definitório que mostra um estado permanente no tempo, marcado pelo verbo “ser”. Além disso, apresenta um tom universalizador, produzido pela combinação entre o uso do artigo “o” antes de “trabalho” (que diversifica ao particularizar o trabalho) e da referência ao “homem” (= o ser humano em geral). Essa construção semelhante funciona como um argumento justificativo da tese da redação, presente no primeiro parágrafo, que defende a impossibilidade do fim do trabalho.

Indicado o papel argumentativo das marcas proverbiais no que se refere à construção composicional das redações, passo, neste ponto, a comentar o funcionamento de cada uma das marcas proverbiais.

2.2.2. Construção com aspas e/ou glosa

A designação construção com aspas e/ou glosa se refere, na formulação que estou dando, ao tipo de marca em que o provérbio se apresenta integralmente constituído, sendo demarcado pelo escrevente, por meio da utilização de aspas e/ou glosas, como o espaço do que considera enunciado alheio em seu texto. Conforme foi apresentado nas tabelas 3 e 4, essa categoria de marca proverbial é a menos recorrente em ambos os materiais (cinco ocorrências no material de 2006 e uma ocorrência no material de 2009), o que reforça a relação entre a baixa incidência de marcas proverbiais em que o provérbio se mostra integralmente composto e as recomendações de professores quanto ao emprego de expressões cristalizadas em redações de vestibular. A seguir, apresento uma tabela que ilustra os dados coletados sobre a concentração da construção com aspas e/ou glosa em cada parte da composição estrutural da redação de vestibular:

Tabela 6 - Quantificação da construção com aspas e/ou glosa quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular

	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
Partes da redação	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	3	50	0	0	3	50
Desenvolvimento	2	33,3	0	0	2	33,3
Conclusão	0	0	1	16,7	1	16,7
Totais	5	83,3	1	16,7	6	100

No comparativo entre os dois materiais, foram encontrados dados díspares quanto à disposição desse tipo de marca nas redações. Uma primeira diferença é que, no material de 2006, não foi reconhecida nenhuma incidência de construção com aspas e/ou glosa na conclusão dos textos, enquanto, no material de 2009, a

única ocorrência encontrada está situada exatamente nessa parte da redação de vestibular. Além disso, no material de 2006, há ocorrências de construção com aspas e/ou glosa na introdução e no desenvolvimento dos textos, enquanto, no material de 2009, não há nenhuma ocorrência dessa marca proverbial nessas partes da redação. Mais do que tratar dessa disparidade, interessa-me investigar o funcionamento da construção com aspas e/ou glosa nas redações de vestibular, decorrente do mecanismo de relações intergenéricas que regula seu uso, buscando observar o que os índices de seus empregos podem apontar sobre sua função textual predominante. Como as ocorrências desse tipo de marca proverbial são mínimas, analiso trechos de cada uma das poucas redações em que elas surgem. Darei, em um primeiro momento, atenção à análise das redações em que a construção com aspas e/ou glosa aparece na introdução, buscando identificar a função textual predominante desse tipo de marca proverbial, já que essa é a parte da construção composicional da redação em que se verifica o maior índice da construção com aspas e/ou glosa (50%). Em um segundo momento, analisarei as redações em que essa marca proverbial é inserida no desenvolvimento e na conclusão.

Seguem abaixo, três trechos de cada uma das redações de 2006 em que se pode reconhecer o uso desse tipo de marca na introdução:

(27):

1º § *É sabido que há alguns séculos o trabalho era atribuição à plebeus, pois não era atitude que dignificasse aquele que o exercia. Nos dias atuais a frase "**o trabalho dignifica o homem**" é amplamente conhecida, o que nos leva a questionar se ela serve apenas como consolo a quem necessariamente precisa trabalhar, ou se realmente aquele que trabalha pode considerar-se enobrecido.*

2º § [...] *Trabalhar vai além de oferecer sua mão-de-obra em troca de moeda. É inerente ao homem porque o faz sentir-se útil, possibilita que se relacione com outras pessoas, traz [...] o que é necessário para a subsistência, mas também volta para si o reconhecimento de seus semelhantes.*

3º § [...]

4º § [...] *No intuito de progredir tecnicamente e possibilitar ao homem o usufruto de um tempo maior de lazer, são criadas máquinas que acabam por se voltar contra seus criadores já que [...] excluem a necessidade de mão-de-obra humana [...]*

5º § [...] *Ainda não há máquina mais poderosa que o cérebro humano, capaz de continuar progredindo [...] Isto nos leva a crer que trabalhar é persistir, e mesmo diante de adversidades por vezes injustas como a competição "homem X máquina", o ser humano jamais deixará que tal atividade, a laboriosa, desapareça. (I 69, grifos meus, tema Trabalho)*

No primeiro parágrafo do texto, o escrevente apresenta um questionamento sobre a veracidade do provérbio “o trabalho dignifica o homem”, trazendo duas possibilidades de sua compreensão: uma ilusão criada para consolar o trabalhador ou uma realidade. Como parágrafo introdutório da redação, espera-se que a construção de sua tese se fundamentará na escolha de um dos dois pontos de vista. No entanto, no parágrafo seguinte não se discute a dignidade humana conquistada através do trabalho, mas a inerência dessa atividade em relação ao homem. No quarto parágrafo, o escrevente reflete sobre o uso de máquinas para auxiliar e substituir o homem no trabalho, afirmando que uma das consequências dessa escolha é o aumento das taxas de desemprego. Essa reflexão é planejada para que seja possível iniciar o último parágrafo, em que expõe que a máquina não pode agir sobre o trabalho como o homem, uma vez que este pode transformá-lo em busca de benefícios, o que se pode inferir em “ainda não há máquina mais poderosa que o cérebro humano, capaz de continuar progredindo”. Essa relação do homem com o trabalho leva o escrevente a afirmar a impossibilidade do seu fim e do domínio das máquinas em relação a ela, constatando, assim, por meio do enunciado “o ser humano jamais deixará que tal atividade, a laboriosa, desapareça”, a inerência do trabalho ao homem, tese apresentada no segundo parágrafo, que somente na conclusão do texto se torna clara. Desse modo, diferentemente do esperado após a leitura da introdução do texto, nenhum dos pontos de vista resultantes do questionamento da dignidade humana oriunda do trabalho se torna tese a ponto de nem mesmo serem discutidos no restante do texto. Nesse sentido, a construção com aspas e/ou glosa, nesse exemplo, não exerce função nem de tese nem de um saber contestado que desse lugar à defesa da tese. Essa construção parece executar uma espécie de função fática que se fundamenta na partilha de um saber coletivo com o interlocutor do texto, para que se torne possível introduzir o tema solicitado na avaliação.

No exemplo (28), também é possível verificar o emprego da construção com aspas e/ou glosa na introdução da redação:

(28):

1º § *Pensando em trabalho pode nos vir à cabeça a expressão popular “**o trabalho edifica o homem**”. Seria verdadeira a expressão ou o homem edifica seu trabalho?*

2º § *Essa questão pode ser trabalhada se pensarmos na escultura “David” [...] ou [...] no épico “Os Lusíadas” [...]. Analizaremos a questão*

partindo da idéia de que estes trabalhos trouxeram fama a seus autores e, sim os edificaram.

3º § *Porém, [...] pensemos em Michelangelo escrevendo "Os Lusíadas", na certa um desastre. [...]*

4º § *Alguém que tenta certa profissão por lucro e não por paixão e talento, será infeliz, mal-sucedido e em consequência disso demitido, aumentando assim as taxas de desemprego [...]*

5º § *Todos devemos escolher bem as carreiras para que não nos tornemos infelizes [...] Capacidade de ser edificado pelo trabalho é saber canalizar os dons pessoais [...]* (C 15, grifos meus, tema Trabalho)

No primeiro parágrafo da redação apresentada, a verdade propagada por meio do provérbio "o trabalho edifica o homem" é posta em xeque com a criação de sua construção modificada "o homem edifica seu trabalho"³⁹. Esse questionamento cria no leitor a expectativa de que o escrevente optará por uma das duas verdades como a tese do texto a ser defendida: a do provérbio reconhecido ou a de sua construção modificada. No segundo parágrafo, pode-se perceber a escolha pela defesa da verdade proverbial de "o trabalho edifica o homem", através do enunciado "estes trabalhos trouxeram fama a seus autores e, sim os edificaram". Entretanto, nos parágrafos posteriores, uma ressalva é feita a essa verdade proverbial: a de o trabalho somente edificar o homem quando este exercer uma função que o gratifique e que para a qual tenha aptidão. Essa restrição além de poder ser percebida na exemplificação feita no terceiro parágrafo em que se expõe a improbabilidade de Michelangelo, embora sendo um artista plástico renomado, poder ter escrito *Os Lusíadas*, já que não teria aptidão para isso; pode ser interpretada, também, no quarto parágrafo em que se condena o trabalho realizado com a intenção única de se obter lucro. No último parágrafo, a verdade proverbial ressalvada se concretiza como tese, por meio do enunciado "Capacidade de ser edificado pelo trabalho é saber canalizar os dons pessoais". Assim, nesse exemplo, a construção com aspas e/ou glosa é utilizada como um recurso argumentativo para a elaboração da tese do texto. O mesmo ocorre no exemplo a seguir:

(29):

1º § *Há um provérbio popular que afirma "**O trabalho dignifica o homem**". Acreditar nele pode ser encontrar a razão para acordar pela manhã e cumprir as oito horas rotineiras com intervalo de uma hora para o almoço e eventuais quinze minutos para o café. Na história*

³⁹ Para evitar repetição, não analisarei como é feita a reorganização dos elementos estruturais do provérbio "o trabalho edifica o homem" para a criação da construção modificada "o homem edifica o seu trabalho", uma vez que essa reorganização já foi tratada no exemplo (25) do subitem anterior.

contemporânea, trabalhar é para ganhar o dinheiro que paga o almoço e o café.

2º § [...]

3º § [...] *Esta dissertação propõe o resgate da dignidade como razão para o trabalho, e sendo assim, a felicidade a motivação para acordar pelas manhãs e ir para o trabalho. Conclui-se, então, que a graduação, pós e derivados devem ser caminhos e instrumentos que levam o indivíduo a felicidade, e ganhar dinheiro torna-se consequência. (I 59, grifos meus, tema Trabalho)*

Para a elaboração da tese de sua redação, o escrevente recorre ao provérbio “o trabalho dignifica o homem”. É sugerido que a dignidade que se alcança por meio do labor deve ser uma forma de aceitação da realidade diária do trabalhador, não como uma obrigação, mas como um meio para se conquistar felicidade, por meio da satisfação que se tem em exercer um emprego. É interessante apontar o caráter circular da concepção de trabalho apresentada nessa redação, uma vez que se afirma a importância de trabalhar para se obter dignidade para que, assim, se possa continuar a trabalhar, o que se comprova no cruzamento entre a verdade proverbial de “o trabalho dignifica o homem” e o enunciado do terceiro parágrafo (conclusão do texto) “Esta dissertação propõe o resgate da dignidade como razão para o trabalho”.

Embora o primeiro exemplo de construção com aspas e/ou glosa não atue na introdução como um elemento utilizado para a elaboração da tese como os demais, interpreto que todos os exemplos ilustram casos em que se pretende atestar ou pôr em xeque uma palavra de autoridade. Nesse sentido, os escreventes parecem considerar as recomendações de professores e de manuais de redação em que se sugere a validação ou a contestação de uma citação como um dos meios de se iniciar uma redação de vestibular⁴⁰. Esses escreventes recorrem, então, a um saber de domínio público, o provérbio, como uma forma de citação capaz de estabelecer um acordo com o interlocutor para que seja possível a introdução do tema proposto em avaliação.

A seguir, exibo dois exemplos em que a construção com aspas e/ou glosa é inserida no desenvolvimento da redação de vestibular.

⁴⁰ Um exemplo desse tipo de recomendação pode ser visualizado, por exemplo, no site educativo Mundo Vestibular, já citada na metodologia deste trabalho. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/5072/1/10-Formas-de-Comecar-uma-redacao-dissertativa-/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 07 Out. 2013.

(30):

[...]

4º § *A maioria das pessoas hoje vivem para o trabalho, não de forma sadia nem prazerosa, trabalham por ambição, trabalham muito porque correm contra o tempo (**tempo é dinheiro**) e contra a concorrência, trabalham e esquecem de si.*

[...] (FE 32, grifos meus, tema *Trabalho*)

Embora o provérbio “tempo é dinheiro” não esteja aspeado nem antecedido por glosa, considero essa marca como construção com aspas e/ou glosa, visto que o escrevente demarca os limites desse enunciado, que se mostra como palavra alheia, por meio de parênteses, recorrendo a um saber tido como partilhado e que precisaria ser rememorado nesse ponto da argumentação. Em outras palavras, ao prever a possibilidade de seu interlocutor não compreender seu argumento ou não concordar com ele, o escrevente utiliza essa marca proverbial para reforçar a sua argumentação, explicando seu argumento com o provérbio, enunciado que acredita ser reconhecido e, portanto, entendido por todos. Essa estratégia de confrontar o dizer com outro dizer, no caso com fim argumentativo, constitui um recurso metaenunciativo. Exemplifico, a seguir, outra função textual da construção com aspas e/ou glosa no desenvolvimento da redação:

(31):

1º § *O trabalho é enaltecido ou estigmatizado negativamente dependendo das necessidades e características de cada época, e são justamente essas denominações, ora positivas, ora negativas, que vão guiar a sociedade.*

2º § [...] *Já no Renascimento tanto Comercial, quanto cultural, o trabalho adquiriu características positivas com o aumento da burguesia que necessitando de trabalho para enriquecer conduziu alguns séculos mais tarde a Reforma Protestante que na figura de João Calvino enobreceria o trabalho e afamaria a máxima “**o trabalho dignifica o homem**”.*

[...] (C 87, grifos meus, tema *Trabalho*)

O escrevente propõe em seu texto discutir as diversas concepções atribuídas ao trabalho ao longo da história da humanidade. Para isso, ele elabora seu texto, apresentando traços narrativos para desenvolver um percurso cronológico das caracterizações do labor. Ao se referir à Reforma Protestante, momento histórico em que, por meio do Calvinismo, pregava-se o trabalho como virtude que leva o homem à salvação, é apresentado o provérbio aspeado “o trabalho dignifica o homem” como compilação de um juízo recorrente nessa época. Esse provérbio exemplifica um dos aspectos atribuídos ao trabalho na

história para contribuir com a defesa da tese de que “O trabalho é enaltecido ou estigmatizado negativamente dependendo das necessidades e características de cada época”, apresentada no primeiro parágrafo.

Por meio dos exemplos apresentados, pode-se perceber que a construção com aspas e/ou glosa no desenvolvimento das redações colabora para sua organização argumentativa, ao tornar claro um argumento, como ocorre no primeiro caso, ou ao demonstrar um exemplo de constatação da tese, como ocorre no segundo caso. A seguir, exponho o único exemplo localizado em que a construção com aspas e/ou glosa aparece na conclusão do texto:

(32):

1º § *Entre a maioria dos países existem fronteiras que limitam seus territórios e determinam as diferenças existentes entre os povos [...] mesmo com o limite entre cada país, tais diferenças não são respeitadas.*

2º § *Desde que estas fronteiras foram determinadas, ocorrem disputas territoriais, guerras entre facções, invasões, e tudo porque um país sempre quer ter mais riquezas e ser melhor que o outro. [...]*

3º § *[...] Os países ricos invadem os países pobres tentando dominá-los, encontrar riquezas e aumentar suas extensões, as fronteiras não são respeitadas [...]*

4º § *O planeta é um só, com uma grande diversidade étnica e cultural, que só foi alcançada graças a inexistência de fronteiras e apenas com o fim destas a paz poderia ser alcançada e a vida das pessoas melhoraria. Uma realidade impossível de ser obtida, pois **como diz um velho ditado: a grama do vizinho é sempre mais verde**; e nenhum país abrirá mão de suas riquezas, cuja fronteira as “protege”. (I 63, grifos meus, tema Fronteiras)*

O provérbio “a grama do vizinho é sempre mais verde”, antecedido por glosa, é utilizado no quarto parágrafo do texto, a conclusão, como retomada do argumento em que se criticam, no segundo e no terceiro parágrafo, a ambição e a cobiça dos países superiores economicamente, as quais os levam à ultrapassagem de fronteiras para explorar bens alheios e obter riquezas. A recuperação do argumento apresentado nos parágrafos anteriores à conclusão pode ser inferida através do sentido metafórico aplicado à construção com aspas e/ou glosa. A intensificação do atributo “verde” confere maior beleza e vigor à grama do jardim de outrem. Se compreendermos que a “grama do vizinho” representa no texto um território alheio, a beleza e o vigor que a constituem podem ser interpretados como as riquezas naturais de um país. Além disso, no parágrafo conclusivo do texto, o escrevente defende o ponto de vista de que a busca pela conquista do bem alheio — inferida por meio da construção com aspas e/ou glosa — impede a superação de conflitos. A marca proverbial em

questão retoma um argumento que justificaria a impossibilidade do extermínio das fronteiras, o que impediria a instituição da paz mundial, podendo ser reconhecido pelo uso da conjunção “pois” que antecede a glosa do provérbio.

As construções com aspas e/ou glosa apresentam todas a mesma característica de indicar como alheia a palavra atribuída ao senso comum. No entanto, diferenciam-se, no seu funcionamento argumentativo, apresentando-se ora como assunção explícita de um saber tomado como de domínio público, ora como forma de distanciamento desse tipo de saber. Tanto no caso da assunção quanto no do distanciamento, um saber dado como universal busca fundamentar a força de um argumento, seja ele na direção da afirmação ou da negação do provérbio.

2.2.3. Construção sem aspas nem glosa

O segundo tipo de marca proverbial, construção sem aspas nem glosa, constitui-se, como vimos, de um enunciado em que um provérbio se mostra integralmente composto, sem, no entanto, ser feito o uso de aspas nem glosa para identificá-lo como uma citação reconhecida e partilhada coletivamente. Nesse tipo de marca proverbial, não parece fazer-se necessária a demarcação da palavra alheia, uma vez que o escrevente compreende se tratar de um enunciado de conhecimento geral. No entanto, ao deixar de empregar essa delimitação, o escrevente assume como própria a responsabilidade pelo enunciado, diferentemente do que acontece na construção com aspas e/ou glosa. É provável que, por recorrer frequentemente ao uso do provérbio, ele não demonstre reconhecê-lo como palavra alheia, mas sim como palavra própria. Abaixo, segue a tabela que demonstra os índices recolhidos em relação a esse tipo de marca:

Tabela 7 - Quantificação da construção sem aspas nem glosa quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular

Partes da redação	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	0	0	0	0	0	0
Desenvolvimento	4	50	2	25	6	75
Conclusão	1	12,5	1	12,5	2	25
Totais	5	62,5	3	37,5	8	100

Ao se observar a tabela, salta aos olhos um dado preciso de convergência entre os materiais: a não utilização da construção sem aspas nem glosa na introdução dos textos. Isso ocorre, provavelmente, pela falta de elementos que a demarquem como palavra alheia. No caso de um provérbio aspeado, conforme procurei mostrar no item anterior, é grande a probabilidade de sua atuação como certificação ou negação de uma autoridade por meio de uma citação. No entanto, sem essa delimitação, o escrevente compreende o provérbio como palavra própria, fazendo aparentar sua ação, também, como argumento próprio. Além disso, o percentual elevado dessas marcas no desenvolvimento das redações — índice de 75% — leva a supor sua atuação como importante elemento argumentativo, o que, de fato, constatei nas redações. Assim, a construção em questão exerce função textual predominante de um argumento propriamente dito sem a necessidade da referência direta à atestação da sabedoria popular, diferentemente da construção com aspas e/ou glosa. Abaixo, exponho dois exemplos — um de cada um dos materiais dos vestibulares analisados — desse tipo de marca no desenvolvimento dos textos de modo a demonstrar essas afirmações:

(33):

1º § Quando ainda não existia nada, Deus criou o mundo. [...] Seria então a criação do mundo o ofício Dele? Não, isso foi coisa de sua cria designar algo realizado de trabalho.

2º § Trabalho, aquilo que é realizado para obter algo em troca, seja o dinheiro ou reconhecimento ou satisfação. Atualmente quem vive sem o trabalho? Desde que o capitalismo foi imposto pelo homem, **tudo gira em torno do dinheiro**, que conseqüentemente nos leva ao trabalho.

3º § [...]

4º § Diariamente observamos os vários tipos de trabalho, todos com o mesmo objetivo, a obtenção de dinheiro para levar uma vida boa [...] (I 15, grifos meus, tema Trabalho)

No primeiro parágrafo do exemplo (33), o escrevente defende a tese de que o trabalho é uma criação humana. Ele entende que essa criação resulta da necessidade que se tem de receber uma gratificação, sendo esta, nos tempos atuais, o dinheiro. Para atestar essa afirmação, o escrevente se vale do provérbio “tudo gira em torno do dinheiro”, entretanto, sem delimitá-lo como palavra alheia por meio de aspas e/ou glosa. Portanto, não é feita nenhuma menção de que o argumento utilizado seja um provérbio, uma expressão cristalizada historicamente. Por ser uma verdade assumida coletivamente, parece não se tornar necessário o emprego de algum elemento em que se explicita o enunciado como um provérbio. No quarto parágrafo, a conclusão, o escrevente retoma o argumento expresso pelo provérbio em “a obtenção do dinheiro para levar uma vida boa”. Dessa forma, pode-se constatar a atuação dessa marca proverbial como um elemento construtor da argumentação do texto, o que se verifica, também, no exemplo seguinte de construção sem aspas nem glosa no desenvolvimento da redação:

(34):

[...]

2º § *Informação já não possui fronteiras, feito permitido graças ao advento da internet, cuja velocidade possibilita conversas instantâneas de diferentes, e opostos contos do planeta. A relação intercultural entre povos e nações de todo o globo é um indício de que **humanos são humanos, seja aqui, seja na China.***

[...] (C 63, grifos meus, tema *Fronteiras*)

O exemplo (34) apresenta o provérbio “humanos são humanos, seja aqui, seja na China”⁴¹ como argumento, em defesa da verdade proverbial de que o estreitamento das relações humanas, no mundo global, demonstra as similaridades entre os humanos. O próprio provérbio demonstra independência das fronteiras para o comportamento humano.

Embora o uso da construção sem aspas nem glosa seja em menor proporção na conclusão (apenas 25% no total), ele revela outra forma de emprego dessa construção, verificada nos dois exemplos a seguir:

(35):

1º § *Desde sua criação, o trabalho desempenha um papel fundamental na história da humanidade. [...]*

⁴¹ Para evitar repetição, não analisarei como é feita a organização dos elementos estruturais do provérbio em questão, uma vez que essa organização já foi tratada no exemplo (2) apresentado neste capítulo.

2º § [...] vivemos sob a sombra de um sistema voltado exclusivamente para o capital, onde ganhar e acumular o máximo possível tornou-se obrigação, regra.[...]

[...]

6º § Os monges budistas costumam construir mandalas imensas no chão dos templos feitas com inúmeros grãos de areia de diversas cores [...] Os grãos são colocados aos poucos bem lentamente [...] E quando está acabado [...] ele é imediatamente destruído, procedendo-se à construção de outro.

7º § Essa é a lição que devemos aprender com eles: a transitoriedade. **Tudo é passageiro** e por mais que acumulemos no decorrer de nossas vidas, só restará uma certeza: no final não levaremos nada, nem um grão de areia. Busque seu bem estar e nada mais. (I 21, grifos meus, tema Trabalho)

No parágrafo conclusivo do texto — sétimo parágrafo — o escrevente faz uso do provérbio “tudo é passageiro” sem anteceder-lo por glosa e sem aspeá-lo. Essa marca proverbial, em retomada ao que diz o segundo parágrafo da redação, surge como justificativa para a contraposição à busca pelo armazenamento de riquezas, comportamento característico da sociedade na era capitalista. Além disso, é utilizada como explicação do argumento que a antecede “Essa é a lição que devemos aprender com eles: a transitoriedade”, ao resgatar, como exemplo de conduta, os procedimentos dos monges budistas na construção de mandalas, relatados no parágrafo imediatamente anterior, o sexto parágrafo. A omissão da conjunção “pois” entre a palavra “transitoriedade” e o provérbio “tudo é passageiro” é feita em favor de um recurso correspondente, a pontuação, marcada pelo uso de ponto final e por letra maiúscula na sequência, constituindo, desse modo, a relação explicativa entre a construção sem aspas nem glosa e o argumento que a precede. Essa função textual da construção sem aspas nem glosa na conclusão também pode ser observada no exemplo que segue:

(36):

1º § As fronteiras determinam o limite de um espaço para outro [...] Elas figuram [...] com o papel de “separar” povos e diferentes nações [...]

2º § Se por um lado as fronteiras colaboram na formação de povos, pelo outro, o desrespeito de tal marco pode causar conflitos mortais. [...] pode-se tomar como exemplo a invasão da Polônia que fez com que eclodisse a Segunda Guerra Mundial. Um outro exemplo [...] se deu na África, onde colonizadores não respeitaram os diferentes povos.

3º § Essa divisão de lugares so é positiva quando se sabe respeitar os espaços alheios, afinal ela pode ser comparada com a liberdade, pois, **a sua liberdade termina onde começa a do seu próximo**. (C 50, grifos meus, tema Fronteiras)

No exemplo (36), é feita uma organização textual próxima ao exemplo anterior. No terceiro parágrafo, o escrevente emprega o provérbio “a sua liberdade termina onde começa a do seu próximo” como crítica à desconsideração do limite do espaço alheio e aos conflitos decorrentes dessa conduta, relatados no segundo parágrafo da redação. Nesse caso, do mesmo modo que no exemplo anteriormente comentado, o uso da conjunção “pois”, que precede a construção sem aspas nem glosa, define a marca proverbial como justificativa do argumento apresentado no início da conclusão “Essa divisão de lugares só é positiva quando se sabe respeitar os espaços alheios”. Além disso, finalizar um texto empregando um enunciado que se apresenta como universal pode ser interpretado como uma estratégia do escrevente para tornar irrevogável a argumentação desenvolvida em sua redação. Nos dois últimos exemplos apresentados, constata-se a justificativa de um argumento conclusivo como função textual específica da construção sem aspas nem glosa na conclusão da redação.

As construções sem aspas nem glosa apresentam sempre a mesma característica de indicar como própria a palavra atribuída a um saber tomado como universal. Assim assumidas, essas marcas proverbiais são utilizadas como argumento de cunho pessoal que, por fundar-se num saber tido como universal, se presta a dar fundamento à argumentação pretendida.

2.2.4. Construção modificada

Como ficou dito, essa marca proverbial se refere a enunciados em que um provérbio sofre transformações em sua estrutura, geralmente, através do recurso da fragmentação ou da ampliação, com remanejamento e/ou substituição de palavras, no entanto, restando expressões que indiciam sua relação com um provérbio existente. Além disso, esse tipo de construção se constitui como meio de criar uma nova verdade proverbial⁴² ou de apoiar-se em

⁴² Para a noção de criação de uma nova verdade proverbial assumida neste trabalho, cf. subitem 2.1.2.B.b denominado *Relações das marcas de captação proverbial com outros gêneros*, neste mesmo capítulo.

uma já cristalizada, a partir da temática abordada em cada caso (*Trabalho e Fronteiras*), baseando-se na estrutura de um provérbio já existente.

A tabela 8 mostra a quantificação dos dados relacionados a esse tipo de construção nos dois conjuntos de textos, comparando sua incidência nas partes da construção composicional da redação de vestibular:

Tabela 8- Quantificação da construção modificada quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular

	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
Partes da redação	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	4	15,4	0	0	4	15,4
Desenvolvimento	5	19,2	10	38,5	15	57,7
Conclusão	4	15,4	3	11,5	7	26,9
Totais	13	50	13	50	26	100

Esses dados quantitativos permitem destacar que o uso da construção modificada, em ambos os materiais, prevalece no desenvolvimento — cinco marcas no material de 2006 e dez marcas no material de 2009, totalizando 57,7% de marcas nessa parte da construção composicional da redação de vestibular. Esse dado é significativo, já que é um indício de que a função textual predominante dessa marca proverbial se relaciona à exposição de argumentos na redação. Essa hipótese se confirma nas redações em que esse tipo de marca surge no desenvolvimento, das quais exponho, a seguir, dois exemplos - o primeiro se refere ao material de 2006 e o segundo ao de 2009.

(37):

[...]

2º§ Há diferentes formas de se trabalhar, [...] o que para algumas pessoas é o martírio, para outras não passa de um devera cumprir.

3º§ O trabalho influi diretamente no cotidiano dos seres humanos [...] Convém lembrar que a falta dessa grande arte na vida de algumas pessoas podem fazê-las sofrer [...]

4º§ Mas, sem dúvida, **o trabalho purifica e acrescenta aos homens**, porém a vida está repleta de heróis como Macunaíma [...]

[...] (I 53, grifos meus, tema *Trabalho*)

No exemplo (37), é empregado o enunciado “o trabalho purifica e acrescenta aos homens”, construção modificada do provérbio “o trabalho purifica a alma”. Essa relação pode ser percebida pela permanência, na construção

modificada, da expressão “o trabalho purifica”, que compõe a construção composicional do provérbio de origem. Além disso, ocorre a substituição da expressão “a alma” pelo sintagma “e acrescenta aos homens”. Apesar das alterações lexicais identificadas entre o provérbio modificado e o de que ele provém, o conteúdo temático é mantido. Como a “alma” é um atributo humano, declarar que “o trabalho purifica e acrescenta aos homens” se faz um meio de atestar a purificação da alma através do trabalho, verdade proverbial propagada, portanto, em ambos os casos. Essa marca proverbial funciona como argumento para contrapor-se à concepção negativa de trabalho como martírio ou dever, como é apresentado no segundo parágrafo da redação em “o que para algumas pessoas é o martírio, para outras não passa de um dever a cumprir”.

No exemplo tomado do vestibular sobre o tema *Fronteiras*:

(38):

[...]

3º § *Uma fronteira geográfica separa países, estados, cidades. Algo que deveria ser democrático, mas que pode causar o efeito contrário. A Faixa de Gaza onde atualmente morrem milhares de pessoas pelo já antigo conflito entre israelenses e palestinos é um ótimo exemplo do que pode causar uma má formação fronteiriça.*

4º § *Respeitar as pessoas, suas crenças e opiniões é um exercício diário a ser cumprido. É saber que **o limite do outro começa onde termina o nosso**. É respeitar e se possível difundir idéias para romper com as fronteiras entre iguais.*

[...] (FE 36, grifos meus, tema *Fronteiras*)

observa-se que, no quarto parágrafo, é empregado o enunciado “o limite do outro começa onde termina o nosso”, construção modificada de “Sua/Minha/Nossa liberdade termina onde começa a do outro”. Na construção modificada, a palavra “liberdade” foi substituída por “limite”, palavra de mesmo domínio semântico de fronteira, tema proposto para a elaboração da redação. Essa substituição é uma forma encontrada pelo escrevente para dialogar com o tema a ser desenvolvido. Além disso, é realizada uma inversão na ordem dos sintagmas que constituem a estrutura do provérbio de origem, o que se verifica com maior nitidez através do esquema abaixo:

Como se pode perceber no esquema, devido a essa inversão, os elementos de cada sintagma se reorganizam e recebem, também, internamente, uma nova configuração. Tomo como exemplo o sintagma do provérbio de origem terminado com verbo *que*, em sua parte equivalente na construção modificada, inicia-se com esse mesmo verbo. A construção modificada em questão é, mais particularmente, introduzida para sustentar a argumentação em defesa da liberdade como um direito e um dever humano. Esse argumento é utilizado para contestar a conduta humana de intolerância ao se conviver com a alteridade, o que gera conflitos como o da Faixa de Gaza, exemplificado pelo escrevente no segundo parágrafo.

Os exemplos comentados evidenciam a função textual predominante da construção modificada: a de contribuir para a argumentação, preferencialmente na parte do desenvolvimento do texto.

A seguir, analiso, por meio de dois exemplos (um de cada material), as funções desempenhadas por esse tipo de marca proverbial na conclusão do texto, parte em que se concentra o segundo maior índice de construção modificada (26,9%).

(39):

1º § *São inúmeras as concepções a respeito dele que muito foi e continua a ser desprezado pela humanidade que vive a mercê deste inimigo. Ou será amigo? Afinal sem o trabalho não seria construída a sociedade [...]*

2º § [...]

3º § [...] *Sem ele [o trabalho artístico] não existiriam as Sete Maravilhas do Mundo [...]*

4º § *Na Antiguidade Clássica os homens esculpiam os Deuses em mármore ou pedra com tal perfeição [...] e no período da Idade Moderna foi retomado essas formas clássicas por representarem o belo e o perfeito. Portanto **o trabalho quando feito com vontade torna-se o verdadeiro amigo do homem.** (C50, grifos meus, tema Trabalho)*

Na abertura do texto, o primeiro parágrafo questiona, logo no seu início, a consideração do trabalho como “amigo” ou “inimigo” do homem. É a esse questionamento que, ao final do quarto parágrafo, se relaciona o enunciado “o trabalho quando feito com vontade torna-se o verdadeiro amigo do homem”, construção modificada do provérbio “o cão é o melhor amigo do homem”. Nela, algumas palavras foram substituídas (“trabalho” no lugar de “cão”, “torna-se” no lugar de “é” e “verdadeiro” no lugar de “melhor”), permanecendo a expressão “amigo do homem”, que, associada à valoração “verdadeiro”, permite relacioná-la ao provérbio de origem. Além disso, sua ampliação com a expressão “quando feito com vontade” impõe uma ressalva à verdade proverbial instaurada com o uso da construção modificada. Ao retomar uma expressão do último parágrafo “com tal perfeição”, relacionada ao modo como se realiza o trabalho artístico, essa ressalva se aplica ao entendimento do trabalho “como amigo” como restrito apenas ao âmbito do trabalho artístico. Essa relação pode ser percebida pelo uso da conjunção “portanto” que antecede a marca proverbial. Além de essa conjunção introduzir a marca proverbial como uma conclusão do enunciado que a precede, ela também a introduz como argumento conclusivo da redação como um todo, uma vez que a construção modificada em estudo surge em resposta ao questionamento realizado no primeiro parágrafo. A mesma função textual exercida pela construção modificada na conclusão pode ser verificada no exemplo que segue:

(40):

[...]

7º § *Tudo ocorre à partir de uma causa, portanto somos eternamente dependentes de uma consequência que há de vir, por isso, não somos livres.*

8º § *Mas como conviver pacificamente com a causalidade e a liberdade juntas? Não são as fronteiras que vão aproximá-las, mas sim a ausência de barreiras que dividem a fronteira que chamamos “conviver”.*

9º § ***A fronteira de uma pessoa acaba quando começa a de outra;*** *por mais clichê que isso pareça, entenda e cresça! (I 68, grifos meus, tema Fronteiras)*

O nono parágrafo dessa redação é iniciado pelo enunciado “A fronteira de uma pessoa acaba quando começa a de outra”, construção modificada proveniente do provérbio “Sua liberdade termina onde começa a do outro”. Para a elaboração dessa construção modificada, é feita a substituição da palavra “liberdade” por “fronteira”, de mesmo domínio semântico, como forma de

dialogar com o tema proposto na avaliação, e da palavra “termina” por “acaba”, também próximas semanticamente. Além disso, a palavra “onde” é substituída pela palavra “quando” e o pronome “sua” pela expressão “de uma pessoa”, que ocasionou a mudança de flexão do pronome “outro” em “outra”. Da estrutura formular do provérbio de origem, resta a expressão “começa a de outra”. Essa marca proverbial retoma o enunciado do parágrafo anterior: “Não são as fronteiras que vão aproximá-las, mas sim a ausência de barreiras que dividem a fronteira que chamamos ‘conviver’ ”, estabelecendo direitos e deveres ao convívio humano e funcionando como argumento conclusivo. É interessante perceber que o escrevente reconhece a identificação da marca proverbial que criou com um enunciado que, por ser recorrente, torna-se de domínio geral, ao utilizar a expressão “por mais clichê que isso pareça”, modo de validar sua escolha pelo distanciamento que toma de sua formulação.

Ambos os casos comentados de construção modificada na conclusão funcionam como argumento conclusivo da redação. Vejamos, neste ponto, o emprego dessa marca proverbial na introdução, parte da construção composicional da redação de vestibular em que menos se constatou seu emprego (15,4%).

Apresento um exemplo de redação sobre *Trabalho*, único tema a apresentar essa marca proverbial na introdução do texto.

(41):

1º § ***Enquanto houver homens pisando sobre esta terra, haverá o trabalho*** e tudo o que acompanha seu processo de transformação, suas formas de exploração, suas diferentes conceituações e visões sobre sua forma. [...]

2º § [...] *hoje é notável a redução da carga horária e a tecnologia que substitui muitos empregos, no entanto, [...] sempre existirá alguém para criar as máquinas [...] comandá-las [...]*

[...]

6º § *Enfim, o trabalho morrerá com a humanidade [...]* (I 10, grifos meus, tema *Trabalho*)

A redação se inicia com o enunciado “Enquanto houver homens pisando sobre esta terra, haverá o trabalho”, construção modificada do provérbio “enquanto houver vida, haverá esperança”. Para a elaboração da construção modificada em questão, ocorreu a troca da palavra “vida” pela expressão de domínio semântico associado “homens pisando sobre a terra” e a substituição da palavra “esperança” pela palavra “trabalho”. Além disso, a conservação da

expressão “enquanto houver” e da palavra “haverá” possibilitam o reconhecimento da relação existente entre o provérbio amplamente difundido e sua construção modificada, produzida em situação de vestibular. Esse provérbio modificado se funda como tese a ser defendida na redação sobre o caráter indissociável da relação entre homem e trabalho. No segundo parágrafo, a tese é retomada, ao ser discutida a impossibilidade do fim do trabalho, uma vez que o uso de máquinas para a substituição do trabalho humano pressupõe interferências do próprio homem, o que se torna claro em “no entanto, [...] sempre existirá alguém para criar as máquinas [...] comandá-las”. No sexto parágrafo, a tese instaurada por meio da construção modificada em estudo é resgatada em “o trabalho morrerá com a humanidade” como argumento, sendo reconhecido seu valor conclusivo por estar precedido pelo advérbio “enfim”.

As construções modificadas apresentam sempre uma dupla característica: indicam, por um lado, uma forma de apropriação da palavra alheia, atribuída a um saber tomado como inquestionável e, por outro, em seu papel textual, prestam-se à adaptação de uma verdade tida como legítima ao desenvolvimento temático, adaptação que pode ou não coincidir com o tema proposto, já que pode atender apenas a necessidades locais de adaptação tópica, relacionadas com o desenvolvimento temático. Nos casos surgidos no material analisado, todos os exemplos de construção modificada foram feitos no sentido de adaptar o provérbio ao desenvolvimento do tema proposto no exame, o que é bastante compreensível, pois o esforço do escrevente a esse respeito é o de obedecer ao tema a qualquer custo, pois ele sabe que esse é um requisito que, se não for seguido, leva, inclusive, à anulação de seu texto.

2.2.5. Alusão

Uma vez mais, é importante lembrar que a alusão consiste na composição de um enunciado em que ocorre o apagamento quase completo de uma estrutura proverbial, restando a ele um significado próximo ao atribuído historicamente a um provérbio, ou um enunciado que, de alguma forma, faz referência a um provérbio. Essa marca proverbial se apresenta como um meio de o escrevente, envolvido pela força do já-dito, explorar o valor argumentativo do

provérbio sem a necessidade de expor a formulação propriamente dita desse gênero.

A tabela, a seguir, expõe a contabilização desse tipo de marca proverbial em cada parte da construção composicional da redação de vestibular em relação ao material de 2006 e ao material de 2009:

Tabela 9 - Quantificação da alusão quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular

	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
Partes da redação	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	8	22,2	2	5,6	10	27,8
Desenvolvimento	15	41,7	3	8,3	18	50
Conclusão	5	13,9	3	8,3	8	22,2
Totais	28	77,8	8	22,2	36	100

Assim como se verificou nos dados relativos à construção sem aspas nem glosa e à construção modificada, constatou-se maior incidência da alusão no desenvolvimento — quinze marcas no material de 2006 e três marcas no material de 2009, totalizando 50% de marcas nessa parte do texto. Esse dado quantitativo indicia sua função textual predominante na qualidade de argumento que usa a alusão como um registro difuso da memória do provérbio no sentido de produzir a rememoração e o envolvimento por parte do leitor, o que se confirma ao analisar esse tipo de marca proverbial.

Vejamos o seu uso na parte do desenvolvimento do texto, sendo o primeiro exemplo referente ao material de 2006 e o segundo, de 2009:

(42):

1º § [...] no começo da estruturação da organização social, o homem foi criando diversas formas de divisão do trabalho; a priori, formações que visavam a produção coletiva [...] entretanto, fez-se a divisão do trabalho conforme o poder de cada homem.

2º § Burocratizando-se a teologia, homens trabalhavam em nome de Deus; burocratizando a agricultura, muitos homens tinham vastas terras cultivadas não por eles; burocratizando-se a arte, artistas produziam para determinados grupos. Nessa "nata burocratizada", deu-se a elite; e, o **"resto", era, normalmente, formado pelos que mais trabalhavam e menos tinham.**

3º § [...]

4º § [...] E o trabalho, por mais necessário que seja à sociedade humana, é só mais um "apartheid- não-racial" [...]

[...] (FE 18, grifos meus, tema *Trabalho*)

O exemplo (42) é composto pelo enunciado que aparece no segundo parágrafo “o ‘resto’, era, normalmente, formado pelos que mais trabalhavam e menos tinham”. Ele remete ao sentido cristalizado do provérbio “trabalho de uns, riqueza de outros”, o que pode ser notado pela relação entre baixa remuneração por altas horas de trabalho e enriquecimento por meio do trabalho alheio. Essa marca proverbial funciona como argumento para reforçar a tese do escrevente de que o processo de divisão do trabalho — da “burocratização” dos setores sociais, como denomina o escrevente — ocasionou um desequilíbrio econômico na sociedade por não se considerar o bem-estar coletivo, o que se torna claro no seguinte trecho do primeiro parágrafo: “fez-se a divisão do trabalho conforme o poder de cada homem”. No quarto parágrafo, o escrevente se vale da expressão “apartheid- não-racial” para se referir à segregação econômica instaurada na era capitalista, o que se relaciona à verdade proverbial disseminada por meio do uso da alusão. Assim, o escrevente, partindo do já-dito, sustenta sua argumentação de que, por um processo histórico, desenvolveu-se uma sociedade economicamente desigual. A mesma função exercida pela alusão no desenvolvimento pode ser observada no exemplo, a seguir:

(43):

1º § *A noção de limites é algo que nos é familiar desde a mais tenra infância. [...]*

2º § **O único lugar onde o ser humano não possui limites é na imaginação.** *Apenas neste lugar defuntos podem ser autores, bois podem conversar e cachorras podem sonhar. [...] é uma forma de contornar a noção de fronteiras, presentes em nosso cotidiano. [...]* (L 36, grifos meus, tema *Fronteiras*)

Por meio da relação estabelecida entre existência de fronteiras e sua exclusão na imaginação, é possível perceber o vínculo entre o enunciado que inicia o segundo parágrafo desse exemplo “O único lugar onde o ser humano não possui limites é na imaginação” e o provérbio “não há limites para a imaginação”. Essa alusão é empregada como um argumento, pelo qual se defende, no desenvolvimento da redação, a imunidade de fronteiras na mente humana que permite a realização da criação artística. Esse argumento traz um aspecto positivo ao conceito de imaginação, uma vez que ela se torna um refúgio para o ser humano se afastar das fronteiras que o envolvem diariamente, o que

pode ser notado no seguinte trecho: “é uma forma de contornar a noção de fronteiras, presentes em nosso cotidiano”.

Ilustra-se, por meio desses dois exemplos, a alusão atuando como um registro difuso da memória do provérbio de modo que a sua rememoração por parte do leitor funcione como argumento para a tese defendida.

Analiso, a seguir, por meio de dois exemplos, o primeiro do ano de 2006 e o segundo do ano de 2009, as funções textuais da alusão que se realizam na introdução, parte da construção composicional da redação de vestibular em que se constata o segundo maior índice de concentração da alusão (27,8%).

(44):

1º § *Já fazem algumas décadas que **o trabalho é proposto como o meio para se atingir tudo aquilo que se deseja**. Seria a chave para alcançar “status” social, qualidade de vida e mérito por ajudar no progresso de uma nação.*

[...]

4º § [...] *Acrescentando à nós e a todos em nossa volta, somos portanto, dependentes de uma forma ou de outra ao trabalho que se modifica, se transforma e perdura pela humanidade. (I 08, grifos meus, tema Trabalho)*

O enunciado presente no primeiro parágrafo da redação “o trabalho é proposto como o meio para se atingir tudo aquilo que se deseja” alude ao provérbio “o trabalho é a fonte de todas as riquezas”. Através da relação entre o ato de trabalhar e o acúmulo de bens, é possível perceber o vínculo entre a alusão e o provérbio de que provém. Essa alusão é empregada como tese da redação, fato que se comprova na conclusão do texto — quarto parágrafo — em que se declara a dependência de homem em relação ao trabalho, visto que este beneficia àquele. Ao assumir essa alusão como tese de sua redação, o escrevente revela compactuar com uma reflexão perpetuada no sistema capitalista, o que se pode notar com o uso da expressão “Já fazem algumas décadas”, que precede a alusão.

Essa função textual também é exercida pela alusão na introdução do texto, como se pode observar em:

(45):

1º § ***Cada ser humano possui um limite para qualquer situação que ocorra**, seja ela boa ou ruim. Dependendo de escolhas feitas, a fronteira entre o certo e o errado sempre estará frente a frente. Mas até que ponto o homem é capaz de se restringir, restringindo os outros ao seu redor?*

2º § *Padrões estabelecidos nos séculos passados interferem na vida de cada um. A exemplo da África, que [...] foi dividida pelos europeus por fronteiras imaginárias, visando somente às riquezas da região [...]* (C 47, grifos meus, tema *Fronteiras*)

Em: “Cada ser humano possui um limite para qualquer situação que ocorra” há alusão ao provérbio “há limites para tudo”. Essa referência, presente na introdução do texto, pode ser percebida pela relação de familiaridade semântica que estabelece entre a rememoração de uma verdade proverbial que propaga a existência obrigatória de limites e a ideia de fronteira a ser defendida. A partir desse conteúdo temático, indaga-se, na redação, em que medida o homem, ao se limitar, ocasiona limitação aos outros. Essa discussão começa a ser desenvolvida no segundo parágrafo em que se afirma que padrões criados para o benefício de uns podem provocar malefícios a outros, o que é exemplificado pelo escrevente através da colonização da África. Nota-se que a marca proverbial introduzida nessa redação é o ponto de partida para a organização do percurso argumentativo realizado pelo escrevente, ou seja, é a tese, como ocorre, também, no exemplo apresentado anteriormente.

Analiso, a seguir, por meio de redações que compõem, respectivamente, o material de 2006 e o de 2009, as funções textuais da alusão na conclusão, parte da construção composicional da redação de vestibular em que a alusão se mostrou menos abundante (22,2%).

Na redação sobre *Trabalho*, observa-se:

(46):

[...]

2º § [...] *O esforço da humanidade para prover seu próprio sustento parece, paradoxalmente, se tornar cada vez mais árduo a medida que mais riquezas são geradas.*

3º § *Nos últimos anos, entretanto, muitos tem começado a se questionar sobre a exaustiva carga de trabalho nas sociedades modernas. [...]*

4º § [...] *Jornadas de trabalho longas demais, acúmulo de funções e abusos psicológicos atormentam o dia das pessoas que trabalham [...]* ***Tudo isso para que ao fim desse processo algumas poucas pessoas possam se apropriar da riqueza gerada pelo trabalho alheio. Pessoas que ironicamente, muitas vezes nunca trabalharam.*** (L 01, grifos meus, tema *Trabalho*)

No quarto parágrafo dessa redação, é empregado o enunciado “algumas poucas pessoas possam se apropriar da riqueza gerada pelo trabalho alheio” que alude ao provérbio “trabalho de uns, riqueza de outros”, o que se percebe através da relação entre o enriquecimento e o trabalho alheio. Essa marca

proverbial, retratada como o resumo da lógica capitalista, funciona como um argumento final que justifica a tese, apresentada no segundo parágrafo da redação, de que o esforço desempenhado diariamente pelo trabalhador não é compensador, uma vez que o lucro gerado por meio de seu trabalho não lhe pertencerá.

Na redação sobre Fronteiras, observa-se:

(47):

1º § [...] *Primeiro: gente que tem opiniões distintas, em segundo: para impor sua opinião rompem fronteiras e em terceiro: surge a guerra, e por consequência perde-se a amizade.*

2º § [...] *Ao meu ver para acabar com as guerras, teríamos que acabar com fronteiras, mas não essas que dividem um país do outro [...] mas acabar com as fronteiras entre pessoas. [...]*

3º § *Contudo, deixo aqui a minha perspectiva de um mundo melhor, com menos fronteira entre as pessoas. Fique atento e derrube fronteiras você também, **faça o maior número de amigos possível, isso sim é tudo o que tem de precioso na vida**, amigos sem fronteiras.* (I 94, grifos meus, tema Fronteiras)

O enunciado presente no terceiro parágrafo “faça o maior número de amigos possível, isso sim é tudo o que tem de precioso na vida” é uma alusão ao provérbio “amizade é o bem mais precioso que existe”. Essa alusão pode ser reconhecida, do ponto de vista semântico, por meio da sublimação da amizade, instalada em grau supremo. Essa primazia se identifica, no provérbio de origem, pelo uso do intensificador “mais” e, na alusão, pela expressão “tudo o que tem de”. Essa marca proverbial se inicia com um tom injuntivo, como forma de orientar o leitor a contribuir com a eliminação da intolerância entre os homens. Em outras palavras, o escrevente, por meio do uso do verbo no imperativo, deixa nítido o seu apelo endereçado ao interlocutor de adesão à tese defendida no texto. O trecho da marca proverbial em questão “isso sim é tudo o que tem de precioso na vida” aparece como justificativa para a tese da redação presente no segundo parágrafo em “mas acabar com as fronteiras entre pessoas”.

Por meio desses dois últimos exemplos, foi possível reconhecer duas funções textuais da alusão na conclusão: a de argumento conclusivo ou a de justificativa para a tese.

2.2.6. Construção semelhante

Conforme foi apresentado, a construção semelhante corresponde a enunciados em que se reproduzem características estilísticas e composicionais do provérbio, tais como curta extensão, ritmo, construção em duas (binária) ou mais partes com igual ou aproximado número de sílabas poéticas e itens lexicais que pretendem provocar o efeito de universalização e de atemporalidade a uma verdade. Por meio dessa marca proverbial o escrevente cria uma nova verdade proverbial, tencionando provocar efeitos moralizantes e incontestáveis que um provérbio pode trazer como contribuição para a construção argumentativa e finalizadora de um texto.

Apresento, a seguir, a tabela que demonstra os índices reunidos em relação a esse tipo de marca na construção composicional da redação de vestibular:

Tabela 10 - Quantificação da construção semelhante quanto à sua disposição na construção composicional da redação de vestibular

	Material de 2006 (Tema <i>trabalho</i>)		Material de 2009 (Tema <i>fronteiras</i>)		Totalização	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Introdução	1	3,7	1	3,7	2	7,4
Desenvolvimento	8	29,6	1	3,7	9	33,3
Conclusão	11	40,8	5	18,5	16	59,3
Totais	20	74,1	7	25,9	27	100

Ao realizar a contabilização dessas marcas em relação à disposição que são encontradas no texto, verifica-se a predominância de seu emprego na conclusão dos textos — onze marcas no material de 2006 e cinco marcas no material de 2009, totalizando 59,3 % de marcas nessa parte do texto. Esse dado de maior incidência é um indício de que a função textual predominante dessa marca proverbial se relaciona com a elaboração argumentativa final da redação, o que se comprova nos dois exemplos que mostro abaixo, um de cada vestibular:

(48):

1º § *Em uma sociedade capitalista [...] vivem em melhores condições aqueles que trabalham melhor [...]. Porque as pessoas se tornam viciadas em trabalho (não por prazer, mas por necessidade) [...]*

2º § *Por isso, a sociedade, cada vez mais, está perdendo a idéia do que é limite [...] só se pensa em acúmulo de capital, poder e é facilmente esquecido o prazer de trabalhar [...]*

3º § *Entretanto, talvez não seja essa a vontade do trabalhador. Porque o que é exigido dele não é amor [...] não é arte, mas lucros. [...]*

4º § *Assim, não há perspectiva de um futuro diferente (para melhor) da situação atual. Pois se assim não o fizerem, estarão desempregados e terão que ser inferiores, porque mesmo aqueles que amam o que fazem, precisam comer. E **entre o amor e a comida, quando se está faminto, ninguém prefere amar.** (Texto I 95, grifos meus, tema Trabalho)*

O texto apresentado desenvolve uma concepção de trabalho como um meio necessário de custear seu sustento e de obter estabilidade financeira e lucro, sem, no entanto, ser uma fonte de prazer para o ser humano. Provavelmente, a associação feita pelo escrevente entre o prazer do trabalho e as artes, presente no terceiro parágrafo, dialoga com o terceiro excerto da coletânea que compõe a proposta, no qual se desenvolve a noção de que o trabalho artístico exige cautela, dedicação e aproximação em relação à obra realizada. Em contrapartida, entende que a desvalorização da atividade artística, no sistema capitalista, faz com que aqueles que se dedicam a essa profissão sejam marginalizados e tenham dificuldades em garantir seu sustento diário. O texto é finalizado com um enunciado que classifico como construção semelhante, por resgatar características estruturais do provérbio, buscando imitá-lo: “entre o amor e a comida, quando se está faminto, ninguém prefere amar”. Ele apresenta um ritmo específico que organiza sua construção composicional em três partes com igual número de sílabas poéticas — seis sílabas para cada uma das seguintes partes:

1	2	3	4	5	6	
en-	tre o a-	mor-	e a-	co-	MI-	(da)
quan-	do-	se es-	tá-	fa-	MIN-	(to)
nin-	guém-	pre-	fe-	re a-	MAR	

Além disso, na construção composicional desse enunciado são utilizados recursos estilísticos que pretendem apresentar o efeito de universalidade à verdade proverbial, tais como o uso do artigo definido como quantificador universal em “o amor” e “a comida”, e o emprego de “se” como fator de impessoalidade em “se

está faminto”. No que diz respeito ao seu funcionamento textual, essa marca proverbial atua como um meio para sintetizar a construção argumentativa que foi desenvolvida no texto, visto que, em seu conteúdo temático, preserva-se a noção de que o trabalho não é uma atividade que gera prazer, mas um meio de garantia do sustento diário. Esse enunciado pretende construir para a conclusão do texto um caráter incontestável, como uma tentativa de o escrevente se favorecer, na finalização de seu texto ao encerrá-lo com uma frase de efeito que fosse uma síntese do seu ponto de vista e servisse persuadir o leitor. Essa função pode ser verificada, também, no exemplo, a seguir:

(49):

1º § [...] Hoje em dia, há uma dificuldade em determinar em que se baseiam as fronteiras visto que dentro de alguns limites fazem parte línguas, culturas e etnias distintas.

2º § Visto do espaço, o globo terrestre não possui aquelas linhas presentes nos mapas. [...] O que foi feito para, talvez, separar e “organizar” o mundo, acabou por gerar muitos conflitos, como se percebe na África. [...]

3º § Acabar com as tais linhas divisórias ou criar mais delas não findaria o problema das guerras, sejam elas de qualquer proporção. [...] a verdade é que ela está dentro do ser humano. Na busca de se provar superior a outro indivíduo, a solução encontrada é aniquilar aquele considerado inferior. Aconteceu na dizimação dos índios na América, [...]

4º § É certo que todos têm uma índole má. O que difere uma pessoa da outra é a sua capacidade de se controlar, de conter esse ímpeto malicioso para não entrar em um “círculo vicioso” que, no fim, poderá prejudicar o mundo em que vivemos, os outros e a si próprio. **O limite da própria violência é cada um que estabelece.** (Texto I 24, grifos meus, tema Fronteiras)

No quarto parágrafo dessa redação, destaca-se o enunciado “O limite da própria violência é cada um que estabelece” por sua composição organizada em um ritmo que configura sua construção composicional em forma binária, sendo cada uma de suas partes constituídas por aproximado número de sílabas poéticas — dez sílabas para a primeira parte e oito sílabas para a segunda:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
o-	li-	mi-	te-	da-	pró-	pria-	vi-	o	LÊN-	(cia)
é-	ca-	da-	um-	que es-	ta-	be-	LE-	(ce)		

Além disso, apresenta construção composicional caracterizada pela curta extensão e pelo caráter definitório proporcionado pelo uso do verbo “ser” como recurso estilístico. Por apresentar essas propriedades geralmente atribuídas ao

provérbio, esse enunciado se enquadra no que denomino construção semelhante. Na redação apresentada, a noção de fronteiras é desenvolvida como um modo de construção humana, a fim de delimitar sua soberania. Em consonância com essa concepção, a construção semelhante em questão resgata, em seu conteúdo temático, a noção de que o limite é demarcado, também, pelo ser humano, como é o caso da violência. Essa marca proverbial se mostra, portanto, como um elemento sintetizador das concepções que organizam a construção argumentativa desenvolvida no texto. Ela pode ser entendida como uma tentativa de o escrevente gerar um enunciado-resumo, a fim de orientar o seu interlocutor quanto à tese que defende em seu texto.

Como se pode perceber, por meio dos exemplos apresentados, a construção semelhante atua na elaboração argumentativa final da redação, exercendo função textual predominante de sintetizador das noções que configuram a construção argumentativa da redação.

Outro dado a ser considerado se refere à incidência da construção semelhante no desenvolvimento do texto, parte de segundo maior índice dessas marcas (33,3%).

A seguir, apresento dois exemplos, um de cada vestibular, que ilustram as funções textuais da construção semelhante nessa parte da construção composicional da redação de vestibular.

(50):

[...]

3º § *Criticamos o ato de exercer nossas tarefas porque fazemos dele um motivo de estresse e de cansaço. Não fazemos o que gostamos, não demonstramos dedicação, às vezes nem temos capacidade. E assim caminhamos. **Por falta de tédio não iremos morrer.***

[...] (FE 19, grifos meus, tema Trabalho)

O trecho acima se refere ao terceiro parágrafo de uma redação em que é utilizado o enunciado “Por falta de tédio não iremos morrer”. Considero esse enunciado como construção semelhante por seu ritmo que o organiza em uma estrutura binária com número aproximado de sílabas — cinco sílabas poéticas na primeira parte e seis sílabas poéticas na segunda parte:

1	2	3	4	5	6
Por-	fal-	ta-	de-	TÉ-	(dio)
não-	i-	re-	mos-	mo-	RRER

Além disso, apresenta seleção estilística generalizadora marcada pelo uso da primeira pessoa do plural em “iremos”. A construção semelhante em questão se revela como um argumento conclusivo um tanto irônico em relação às noções desenvolvidas no terceiro parágrafo: por meio de seu conteúdo temático, é feita uma crítica à prática de exercer cargos para os quais não se tem aptidão, o que acaba tornando o trabalho uma atividade mais desgastante e monótona. Outro exemplo da mesma marca proverbial no desenvolvimento da redação é o seguinte:

(51):

[...]

2º § [...] *já lemos sobre o Cabo das Tormentas, que situava-se no Bojador. Era a dificuldade máxima, o temor máximo dos navegadores portugueses. Pois eles conseguiram enfrentar o desconhecido e passar do Bojador, passar de sua fronteira que tanto temiam. É o que várias pessoas fazem e devem continuar fazendo.*

3º § **Nossa fronteira, nosso limite, nosso Bojador (como queira chamar) é cada dificuldade que devemos enfrentar durante nossas vidas.** *Nem todos possuem o mesmo Bojador, mas todos o possuem. Quando passamos de um, há sempre outro nos esperando pela frente. É quando vencemos nossas dificuldades que crescemos e que formamos novas fronteiras para sempre crescer mais.*

[...] (L 19, grifos meus, tema *Fronteiras*)

O enunciado em negrito no trecho que se refere ao terceiro parágrafo da redação “Nossa fronteira, nosso limite, nosso Bojador (como queira chamar) é cada dificuldade que devemos enfrentar durante nossas vidas” é considerado construção semelhante por apresentar predicação de natureza definitiva, pelo uso da primeira pessoa em “nossa”, “nosso” e “devemos” como recurso estilístico de caráter generalizador. Além disso, destaca-se o fato de a parte da construção semelhante “Nossa fronteira, nosso limite, nosso Bojador (como queira chamar)” se apresentar estilizada por meio de uma gradação com a pretensão de encontrar uma denominação precisa que seja aceita por seu interlocutor, o que se percebe pelo uso de “como queira chamar”. Essa parte apresenta um ritmo que configura a sua construção em quatro partes com número aproximado de sílabas poéticas — a primeira com quatro sílabas poéticas, a segunda com quatro, a terceira com cinco e a quarta com seis:

1	2	3	4	5	6
no-	ssa-	fron-	TEI-	(ra)	
no-	ssO-	li-	MI-	(te)	
no-	ssO-	Bo-	ja-	DOR	
co-	mo-	quei-	ra-	cha-	MAR

Ao apresentar aspectos formais de efeito generalizante, essa construção semelhante, como um argumento da redação, recorre a uma definição de fronteiras que se pretende universal. Essa definição delimita a compreensão que se deve ter de “fronteiras”, no segundo parágrafo da redação, em que se argumenta em favor de que as pessoas devem continuar ultrapassando fronteiras.

A seguir, por meio de dois exemplos (o primeiro referente ao material de 2006 e o segundo, de 2009), analiso as funções textuais da construção semelhante encontradas na introdução dos textos — parte da construção composicional da redação de vestibular em que se apresenta o menor índice de dessas marcas (7,4%).

(52):

1º § *O trabalho foi visto, freqüentemente, como atribuição dada ao homem e não um atributo seu. De forma que muito do pensamento modernista, não o das elites intelectuais e sim o do povo, consistia em: **esforça-te hoje e gozarás o amanhã**. Pensavam que as tecnologias aliviarão o trabalho e o esforço traria fortuna.*

2º § *O capitalismo surgiu e se fortaleceu com este pensamento. O homem começou a vender seu esforço sem perceber que abandonava sua condição de indivíduo [...]. Conforme aumentava o número de pessoas que vendia sua força de trabalho, diminuía seu preço [...].*

[...] (L 30, grifos meus, tema *Trabalho*)

O enunciado presente no primeiro parágrafo “esforça-te hoje e gozarás o amanhã” apresenta características formais semelhante às do provérbio, por isso se enquadra na categoria de marca proverbial denominada construção semelhante. Esse enunciado é constituído por composição binária, sendo cada uma de suas partes formadas por número aproximado de sílabas poéticas — cinco sílabas na primeira parte e sete sílabas na segunda parte:

1	2	3	4	5	6	7
es-	for-	ça-	te-	HO-	(je)	
e-	go-	za-	rás-	o a-	ma-	NHÃ

O uso da segunda pessoa do singular revela o endereçamento desse enunciado a um interlocutor não especificado, o que se mostra como recurso com pretensão de generalizar uma verdade. Com o paralelismo criado por meio do emprego do advérbio “hoje”, na primeira parte da construção semelhante, e do advérbio “amanhã”, na segunda parte dessa construção, torna-se possível o estabelecimento de uma relação de consequência entre os fatos. Entretanto, o escrevente ao apresentar a lógica organizadora do sistema capitalista em “Conforme aumentava o número de pessoas que vendia sua força de trabalho, diminuía seu preço”, faz aquela relação de consequência ruir, uma vez que, de maneira geral, o salário do trabalhador não é proporcional à sua jornada de trabalho. Nesse sentido, a verdade proverbial que constitui a construção semelhante e pela qual se fundou o capitalismo (“O capitalismo surgiu e se fortaleceu com este pensamento”) é submetida ao contra-argumento do escrevente quando este expõe o funcionamento do próprio capitalismo. Interessante destacar o uso do enunciado precedente a essa marca proverbial “muito do pensamento modernista, não o das elites intelectuais e sim o do povo, consistia em”. Ele parece funcionar como uma espécie de glosa para anunciar o emprego de um dizer reconhecível, atribuindo esse enunciado ao “povo”, como um saber popular, que, no entanto, foi criado pelo próprio escrevente, a partir de aspectos estruturais do provérbio.

Outra função estabelecida através do emprego da construção semelhante na introdução da redação de vestibular pode ser verificada no exemplo que segue:

(53):

1º § *Vivemos em um país onde a desigualdade social é grande, o que separa a população em diversas camadas. **Uns esbanjam riquezas enquanto outros não tem o que comer e onde morar.** Essa situação também ocasiona um distanciamento e diferenciação no modo de se expressar, causando sim uma fronteira da linguagem.*
 [...] (C 36, grifos meus, tema *Fronteiras*)

No trecho apresentado, que corresponde ao primeiro parágrafo de uma redação, é empregado o enunciado “Uns esbanjam riquezas enquanto outros não

tem o que comer e onde morar”, considerado, neste trabalho, como construção semelhante. Essa classificação se deve ao fato de ele apresentar proximidades formais em relação ao provérbio, tal como estrutura paralelística, de curta extensão, estabelecida pelo uso de “uns” e de “outros, apresentando um tom generalizador ao conteúdo temático. Além disso, sua construção composicional apresenta um ritmo que a divide em quatro partes de aproximado número de sílabas poéticas — seis sílabas poéticas na primeira parte, quatro na segunda parte, seis na terceira parte e quatro na quarta parte:

1	2	3	4	5	6	
uns-	es-	ban-	jam-	ri-	QUE-	(zas)
en-	quan-	to-	OU-	(tros)		
não-	tem-	o-	que-	co-	MER	
e on-	de-	mo-	RAR			

Essa marca proverbial exerce papel de um elemento sintetizador da tese defendida na redação: “Vivemos em um país onde a desigualdade social é grande, o que separa a população em diversas camadas”.

As construções semelhantes, do ponto de vista do grau de opacidade, ocupam uma posição intermediária entre a alusão (remissão mais opaca ao provérbio) e a construção modificada (remissão menos opaca, que mantém pelo menos uma parte do provérbio, modificando o restante). O recurso às construções semelhantes é mais frequente na parte da estrutura composicional dedicada à conclusão, atuando, primordialmente, como síntese do conteúdo temático da redação. Baseia-se na simulação de alguns aspectos formais do provérbio (como a estrutura binária e/ou o ritmo, por exemplo) de modo a poder recorrer a saberes tidos como universais de um modo mais difuso, mas buscando garantir, ao mesmo tempo, o mesmo poder de validação argumentativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste trabalho concebem a heterogeneidade dos gêneros do discurso como fruto do mecanismo de relações intergenéricas constitutivo dos gêneros. No caso do provérbio, sua natureza heterogênea se mostra em seu funcionamento discursivo, portanto, como comprovação das relações intergenéricas, ora por necessitar de um gênero receptáculo, o que lhe permite transitar por práticas sociais distintas (orais ou letradas); ora por seu contato inerente com outros gêneros, ilustrando a dinamicidade de sua formulação. Nesse sentido, mesmo as formas cristalizadas, para se concretizarem como gênero, precisam estabelecer relações com outros gêneros, evidenciando que um gênero só nasce em função de relações com outros.

Além disso, ao se inserir em um gênero receptáculo, o provérbio carrega consigo vestígios de gêneros dos quais, por um lado, ele participou como elemento das relações intergenéricas (um resgate da memória discursiva no texto); e dos quais, por outro lado, o escrevente toma parte em virtude de seu envolvimento (direto ou mediado) com certas práticas sociais (um resgate da memória discursiva no sujeito).

Os diferentes tipos de marcas proverbiais utilizados nas redações analisadas surgem, então, em decorrência do contato do provérbio com os mais diversos gêneros do discurso, conforme verifiquei neste trabalho, por meio do estudo comparativo do funcionamento discursivo dessas marcas.

Ao analisar as marcas proverbiais em que o provérbio aparece integralmente constituído, verifiquei a relação de seu conteúdo temático com o de outros gêneros. Além disso, através da ordenação dos componentes de sua construção composicional, mostrei que elas se vinculam a outros gêneros, por vezes, em função de aspectos que favorecem a memorização como o ritmo, a exemplo de gêneros organizados em verso, como o poema.

Caracterizadas ou não por esse traço de memorização, as marcas de captação proverbial, embora se deixem reconhecer numa relação mais próxima com o provérbio em função da seleção estilística que compõe sua construção composicional e/ou do seu conteúdo temático, são também constituídas de traços de outros gêneros do discurso, inclusive, daqueles que se apresentam na coletânea da prova de redação.

A contabilização das marcas proverbiais nos dois conjuntos de redações que compõem o material desta pesquisa evidenciou o predomínio do emprego de marcas proverbiais em que se amenizam os traços de referência direta a um provérbio, o que interpretei como um modo de o escrevente, sem deixar de se valer do valor argumentativo do provérbio, seguir as recomendações de professores e manuais quanto ao emprego de expressões cristalizadas na redação de vestibular. Além disso, constatei, como não poderia deixar de ser, que as marcas proverbiais, ao se basearem em verdades que se pretendem como universais, são primordialmente apresentadas como formas de argumentação dos textos. Esse dado se confirma também pela preponderância do emprego de marcas proverbiais na parte da construção composicional dedicada ao desenvolvimento, parte do texto em que, em geral, se apresentam argumentos para a sustentação da tese.

Foram verificadas, ainda, as funções textuais exercidas por cada tipo de marca proverbial em cada uma das partes da construção composicional da redação de vestibular, bem como a função textual predominante de cada tipo de marca proverbial. No caso da construção com aspas e/ou glosa, observei que seu emprego foi mais frequente na introdução nas redações. Em geral, esse tipo de ocorrência se deixa perceber como uma citação que, a partir de sua validação ou de sua contestação, funciona como um recurso argumentativo para a elaboração da tese. A construção sem aspas nem glosa, por sua vez, foi localizada, em um índice maior, no desenvolvimento das redações. Constatei que esse tipo de marca proverbial se apresenta, primordialmente, como um recurso argumentativo em que o escrevente considera como própria a palavra atribuída a um saber tomado como universal. A construção modificada, também abundante no desenvolvimento da redação de vestibular, se mostra como uma forma de apropriação da palavra alheia que, em seu papel textual, é caracterizada pela adaptação de uma verdade tida como legítima ao desenvolvimento temático da redação. No que se refere à alusão, sua atuação se apresenta como um registro difuso da memória do provérbio de modo que a sua rememoração por parte do leitor funcione como argumento para a tese defendida. Por fim, observei que, a construção semelhante, do ponto de vista do grau de opacidade, ocupa uma posição intermediária entre a alusão (remissão mais opaca ao provérbio) e a construção modificada (remissão menos opaca, que mantém pelo menos uma parte do provérbio, modificando o restante). Mais frequente na conclusão, a

construção semelhante atua, fundamentalmente, como síntese do conteúdo temático da redação. Pode-se, pois, afirmar que o elevado índice da construção semelhante na conclusão das redações se relaciona ao seu funcionamento predominante de sintetizador das noções que configuram a construção argumentativa da redação.

Como desdobramento para a Linguística Aplicada, este estudo contribui para o ensino de produção escrita, ao propor um modo de ler os textos como registros da dinamicidade dos gêneros do discurso, os quais sofrem, constantemente, modificações derivadas de sua interação com outros gêneros, diálogo este que deve, pois, ser entendido como inerente aos gêneros. Proponho, portanto, uma leitura de textos que conceba a escrita como um processo em que práticas sociais distintas e vestígios de diversos gêneros do discurso são reapresentados, o que não é diferente na prática escolar de escrita nem deve ser nela desconsiderado.

Longe de uma mera comprovação da “reprodução do lugar comum”, a presença de marcas proverbiais em redações de vestibular revela a reflexão do escrevente⁴³ em relação à constituição do gênero solicitado na avaliação, no qual, é bom lembrar, a argumentação é fator primordial. Revela, ainda, que, ao lançar mão, como recurso argumentativo, do provérbio — gênero que participa direta ou indiretamente de seu convívio — e de suas diferentes formas de apresentação, busca formas conhecidas de legitimar o que diz como modo de melhor elaborar seu texto. Nesse sentido, compreendidas como prática de letramento, as marcas proverbiais, quando empregadas nas redações de vestibular, não se deixam compreender como falta de repertório da parte do escrevente. Pelo contrário, diferentemente do posicionamento escolar apoiado no mito didático que acredita poder controlar a retomada do já-dito, seu emprego é mais bem compreendido como um entre vários saberes resgatados na redação de vestibular que, unidos, contribuem para a tessitura argumentativa desse gênero.

⁴³ Reflexão do escrevente deve ser compreendida como o que Pêcheux (2009) e Pêcheux e Fuchs (2010) nomeiam esquecimento nº 2. Nesse sentido, refere-se ao trabalho que o sujeito realiza em suas predileções conscientes ou pré-conscientes por formas passíveis de reformulação, acreditando ter controle sobre seu dizer no sentido de fazer a exata escolha quanto à sua formulação.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. de O. **Recorrência de marcas proverbiais em textos de pré-universitários**: tradição oral e alteridade. 2009. Relatório final de iniciação científica CNPq-PIBIC, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Recorrência de marcas proverbiais em redações de vestibular: formas de destacabilidade em um estudo comparativo. In: **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 720-730, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v2_maio-ago_t12.pdf>. Acesso em: 28 Set. 2013.

ALVES, M. da P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. In: **Revista Signótica**. Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/19172/13254>> Acesso em: 10 Dez. 2012.

BAJTIN, M./Medvedev, P. N. Los elementos de la construcción artística. In: **El método formal en los estudios literarios**. Introducción crítica a una poética sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1994. p. 207-224.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

_____. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do romance). 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, 439p.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, 203p.

BONVINI, E. Tradição oral afro-brasileira: as razões de uma vitalidade. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 22, jun. 2001, p. 37-48.

CASCUDO, L. DA C. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CORREIA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: MARCUSCHI, L. A. [et al]; SIGNORINI, I. (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p.135-166.

_____. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Humanitas, n. 8, p. 269-286, 2006a.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas (SP), IEL-UNICAMP, v. 45 (2). p. 205-224, 2006b. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/1951/1524>>. Acesso em: 13 Jan. 2011.

_____. Encontro entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 625-648, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p625/pdf>>. Acesso em 02 jan. 2012.

_____. **Bases teóricas para o ensino da escrita**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

Dicionário do Aurélio Online. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Proverbio.html>>. Acesso em: 30 Set. 2013.

FUVEST. **Manual do candidato**, 2006.

_____. **Manual do candidato**, 2009. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2009/manual/man2009.pdf>>. Acesso em: 29 Set. 2013.

_____. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2006/bestred/506434.stm>>. Acesso em 18 Abr. 2009.

_____. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2006/provas/2fase/por/por06.stm>>. Acesso em: 12 Jul. 2008.

_____. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2009/bestred/516424.stm>>. Acesso em 29 Jan. 2011.

_____. Disponível em:
<<http://www.fuvest.br/vest2009/provas/2fase/por/por2f2009.pdf>>. Acesso em:
01 Nov. 2011.

_____. Disponível em:
<<http://www.fuvest.br/vest2011/informes/ii082011.html>>. Acesso em: 04 Set.
2013.

_____. Disponível em:
<<http://www.fuvest.br/vest2012/informes/ii082012.html>>. Acesso em: 04 Set.
2013.

_____. Disponível em:
<<http://www.fuvest.br/vest2013/informes/ii072013.html>>. Acesso em: 04 Set.
2013.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003. 385 p.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons e ritmos**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1987, 80p.
Disponível em:
<http://www.cwbh.com.br/img_materia/7eb55b5a6764a0f6e233ff8a7cf2631da26d820dLivro%20Versos,sons%20e%20ritmos.pdf>. Acesso em: 19 Out. 2013.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em:
<<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=prov%E9rbio&stype=k>>.
Acesso em: 20 Mai. 2012.

GREIMAS, A. J. Os provérbios e os ditados. In: **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975, p.288-295.

iDicionário Aulete. Disponível em:
<http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=prov%E9rbio>. Acesso em: 20 Mai. 2012.

JANGADA BRASIL. Disponível em:
<<http://www.jangadabrasil.com.br/proverbios/a.asp>>. Acesso em: 23 Ago.
2011.

JOLLES, A. O ditado. In: **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1930, p. 128-144.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola: In: KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva na sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-64.

LYSARDO-DIAS, D. **Provérbios que são notícia**: uma análise discursiva. 2001. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. Características e funcionalidade discursiva do gênero proverbial. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. de. (orgs.) **Gêneros**: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 141-152.

MAINGUENEAU, D. A heterogeneidade. In. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997, p. 75-126.

_____. Citação e destacabilidade. In: _____ **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a, p. 75-92.

_____. Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: _____ **Análise de textos de Comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008b, p. 169-178.

_____. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207 p.

_____. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (orgs.) **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-58.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: MARCUSCHI, L. A. [et al]; SIGNORINI, I. (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p.23-50.

MUNDO VESTIBULAR. Disponível em: <http://www.mundovestibular.com.br/articles/1402/1/Dissertacao---Escrevendo-Um-Bom-Texto-Dissertativo/Paacutegina1.html>>. Acesso em 25 Set. 2013.

_____. Disponível em: <http://www.mundovestibular.com.br/articles/5072/1/10-Formas-de-Comecar-uma-redacao-dissertativa-/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 07 Out. 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al.] **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 49-57.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. O acordo. In: **Tratado da argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 73-129.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. In: **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a. p. 103-117.

_____. Sobre provérbios e análise do discurso. In: **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b. p. 149-155.

REBOUL, O. Do slogan ideológico ao anti-slogan. In: **O slogan**. São Paulo: Cultrix, 1975, p.97-161.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVALA, Virginia; NINÑO-MURCIA, Mercedes & AMES, Patricia (eds.) **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para El Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004, p. 81-99.

UNIVERSIA. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/vida-universitaria/noticia/2011/04/01/807070/confira-os-10-erros-mais-cometidos-na-redaco-do-vestibular.html>>. Acesso em: 20 Fev. 2013.

VOLOSHINOV, V. N. / BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Trad. para uso didático da versão inglesa de 1976: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, s/d. (Texto originalmente publicado em russo, em 1926).

ANEXOS

ANEXO A – Exemplo de redação com marcas proverbiais (esta redação figura dentre aquelas publicadas pela própria FUVEST, na internet, como sendo as melhores do vestibular de 2006)⁴⁴

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 O trabalho, atividade física ou mental destinada a produzir um bem, não é um
 02 elemento que nasce junto ao Homem. Foi desenvolvido a partir de um direcionamento
 03 feito de acordo com os interesses da humanidade quanto à organização da sociedade e à
 04 produção de riqueza. Assim, germinou esse alicerce de nossa ocupação do meio, sendo difícil
 05 observá-lo separado de nossas atitudes, mesmo com o relativo progresso que envolve o capi-
 06 talismo.

07 A invenção da máquina, no cotidiano, de fato alterou a visão acerca do trabalho. O
 08 Homem teve a chance de ser poupado fisicamente e pôde, em poucos casos, concentrar-se em
 09 atividades intelectuais destinadas a reparos de sua invenção e, em muitas ocasiões, con-
 10 cer o drama do desemprego e de suas conseqüências. Percebe-se aqui que a afirmação de
 11 que o trabalho tem a chance de desaparecer, em tempos posteriores, não é clara. O seu sen-
 12 tido tradicional, que envolve esforço físico, realmente tende à minimização, porém, aquele
 13 que se liga ao raciocínio, está longe de um fim, pois é a chave para a continuidade do desen-
 14volvimento tecnológico, embora seja hegemônico e restritivo.

15 É difícil conceber, ademais, a desvalorização do trabalho em meio ao progresso
 16 técnico, caso seja levado em conta aquele que envolve as manifestações artísticas do indivi-
 17 duo, sobre as quais a máquina, dotada de objetividade ao extremo, pouco influi. Esculturas e
 18 pinturas, por exemplo, resplandecem em uma vertente do trabalho humano. O Homem aprendeu
 19 a utilizá-la ao perceber que ela constitui uma forma de sobrevivência. Assim, pôde amparar-
 20 se nela e perpetuar, sob uma nuance, a noção do trabalho.

21 A transformação de suas condições, como se viu, é inevitável, de modo a adequá-las
 22 à realidade. Lugares-comum à parte ("o trabalho dignifica o homem"), ele constitui acima
 23 de tudo, um legado da nossa existência, capaz de ser materializado, de modo que seja difícil
 24 que o indivíduo dele se desvincule e que se enxergue ambos, um dia, separados, tal como oco-
 25 reu antes de o Homem direcionar-se de acordo com seus interesses quanto à organização da
 26 sociedade e à produção de riqueza.

27
28
29
30
31
32
33
34

© Redação – FUVEST 2006

⁴⁴ <<http://www.fuvest.br/vest2006/bestred/506434.stm>>. Acesso em 18 Abr. 2009.

ANEXO B – Exemplo de redação com marcas proverbiais (esta redação figura dentre aquelas publicadas pela própria FUVEST, na internet, como sendo as melhores do vestibular de 2009)⁴⁵

A Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 Macaos nos galhos dos outros?

02 Os estudos clássicos das áreas de conhecimento, quer filosóficas quer científicas,

03 buscaram a precisão em descrever o seu objeto e seus limites temáticos, ou seja,

04 suas fronteiras epistemológicas. Livros e manuais, até algum tempo atrás, apresentavam

05 definições que individualizavam cada campo do saber: a economia como disciplina

06 das relações de produção e circulação de bens, a teodiceia como o tratado racional

07 sobre a existência durante a lógica, como a técnica de construção de argumentos válidos

08 entre outros tantos exemplos.

09 Havia uma presunção, por vezes desavida, com base no pressuposto de que

10 cada ciência, a despeito das pesquisas que faz, sempre estaria circunscrita a uma

11 fronteira conceitual, limitada à abordagem de tais e tais temas. Aqui, a noção

12 de fronteira representa um núcleo enquadrado de ideias capaz de gerar coesão e

13 integridade à cada disciplina. O geneticista não se imiscui no saber do psicólogo,

14 e este não oferece críticas ao conhecimento do sociólogo. É a transposição, para

15 o campo metodológico, do ditado: "Cada macaco em seu galho".

16 No entanto, esta vertente do pensamento filosófico moderno vem repensando

17 a questão da fronteira epistemológica como limite cerrado. Entende-se que nenhum

18 campo do conhecimento pretende abarcar a totalidade do saber e descreve que a

19 sua diáspora comporta uma expansão de métodos, temas e abordagens. Para além,

20 de suas definições tradicionais e esquemáticas, cada disciplina procura, em

21 suas investigações, servir-se de contribuições alheias. Retomando a metáfora,

22 é como se cada macaco ensaiasse uma vista no galho de seu vizinho.

23 Deixa nos debates públicos, sejam nos periódicos ou ainda no ensino acadêmico,

24 testemunha-se a colaboração de pesquisadores de diferentes campos do

25 saber. Fala-se em interdisciplinaridade, para indicar que as ciências não

26 devem se restringir às suas fronteiras, mas incorporar uma atitude de diálogo

27 e de complementaridade em compromisso pelo conhecimento humano. É uma

28 melhor compreensão do ser humano e de seu entendimento sobre a natureza que

29 surge a ruptura do limite e da fronteira. Cada macaco pode muito bem fle-

30 quitar outros galhos – no final das contas, o bicho vai ganhando.

31

32

33

34

© Redação – FUVEST 2009

⁴⁵ <<http://www.fuvest.br/vest2009/bestred/516424.stm>>. Acesso em 29 Jan. 2011.